



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A PROVIDENCIA.

A PROVIDENCIA.

POR

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA.

(RECORDAÇÃO DOS TEMPOS COLÔNIAES.)

TOMO IV.

RIO DE JANEIRO 1854.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

RUA DA QUITANDA N. 55.

A PROVIDENCIA.

CAPITULO I.

ELLA

ELLA

A PROVIDENCIA.

Aos olhos dos malvados a estrada do crime não parece já muito ardua, e nem muito perigosa ; apenas tem seus altos e baixos : a diferença é só em que ha nessa estrada um precipicio , que bem poucos transpõem ; porque a mór parte delles ahi cahe para mais se não levantar !

O ultimo acontecimento que o narrador acaba de pôr debaixo dos olhos do leitor, parecendo bem trivial, e de poucas consequencias, é todavia de um tal alcance, que deve fazer mudar as circumstancias de alguns de nossos personagens ; e, mudadas essas circumstancias, essa mudança fará levantar um espesso véo que oculta talvez mysterios bem extraordinarios ! Antes porém de vermos estas cousas, convem que o narrador dê ao leitor o fio com que deve penetrar neste medonho labirintho, e que igualmente lhe explique algumas cousas já atrás deixadas.

O leitor deverá talvez lembrar-se que a visão, phantasma, mulher ou demonio, como Philippe lhe chamára, contou ao mesmo Philippe a sua verdadeira historia, a de seu pai e avô; que esta mulher, ou quo na verdade fosse, desapareceu, e que Philippe, ou Affonso Aranda, ficou desmaiado. Os circumstantos o acudirão ; o padre apareceu então :

este sabia a historia dos Arandas, porque era assás conhecido entre os Portuguezes das Indias Orientaes ; mas ignorava que Philippe fosse Affonso Aranda. Todavia o resto dessa historia horrorosa, isto é, a parte passada durante as façanhas de Du-guay Trouin, não tinha chegado ao padre. A historia dos Arandas no Oriente já era tão horrorosa, que faria horrorisar a qualquier pessoa de bom senso ; a ultima parte dessa historia de Affonso Aranda, o neto, passada no Rio de Janeiro, era bem sufficiente para augmentar-lhe o horror.

Grande foi a dôr do padre Chagas quando conheceu que Baptista, o seu querido genro, se havia desposado com a filha de um homem tão máo, como Philippe, ou melhor, Affonso Aranda, filho de douz velhacos, douz ladrões, devassos, libertinos, e cobertos de quantos vicios podem degradar a especie humana : não que o padre soubesse ou suspeitasse mal de Narcisa ; mas Affonso Aranda, o

avô, havia sido um malvado, um libertino, um apostata, um demônio em si; Aranda, o filho, um perverso, um assassino, um ladrão; o neto, sendo tão malvado como o avô, e tão perverso como o pai, não podia ter uma filha muito melhor que ele. Todavia alguns homens tem havido, filhos de maus pais, não obstante bons; mas parece que, na família Aranda, o crime e o vício se perpetuava, e pela mór parte os filhos tirão a sua origem. Não me lembra quem disse, e talvez com razão:

De sanhudos leões, leões se gerão,
Nem os filhos das aguias degenerão.

João Xavier de Mattos diz quasi a mesma cousa, dizendo:

Se o leão magnanimo não gera
Senão outro leão, do bom Límano
Que filha menos liberal nascêra!

São cousas em que não é preciso citar autoridades; porque todos, segundo as suas experiências ou notícias, são autoridades, e bem competentes; mas quando citamos alguma autoridade em favor de uma boa razão, não é para autorizar essa razão; porque a razão é por si mesma a mais sá, melhor e sublime autoridade quando é invocada; mas são boas estas citações, porque para uns revelão erudição, para outros salvão os autores de pretendidos plágios; visto que ha gente tão insignificante, tão futil e tão ridícula, que chama plagiato o encontro de palavras e do phrases que vestem o mesmo pensamento, ou expõe a mesma verdade, como se fosse impossível a dous homens terem o mesmo pensamento debaixo do mesmo ponto do vista, ou mestrarem a mesma verdade debaixo das mesmas relações! Mas deixemos essa mesquinha gente, e suas ridículas utilidades!

Disse o narrador que grande foi a dor do padre Chagas quando conheceu quem Philippe era.... mas que fazer? já não havia remedio! O venerável sacerdote, e todos quantos estavão presentes á scena havida entre Philippe e o personagem desconhecido, comprehenderão a necessidade de não amarrar o coração do Baptista no dia de seu noivado: assim prestados todos os socorros a Philippe, calárao-se, esperando vor a face que o negocio te-mava, quando elle, livre de toda a impressão, se apresentasse bom.

Filippe, levado para um quarto por Benedicto, Archanjo e o Sr. de Pina, e o jesuita que havia casado Baptista, todos seguidos do reverendo velho, ahí o fizerão voltar a si. Apenas cobrou o uso da falla, a sua primeira pergunta, com ar de espanto, foi:

— Onde está ella?

Isto perguntou elle volvendo a vista por todo o quarto.

Um dos circumstantes, que o assistiu com seus socorros, perguntou-lhe:

— Ella quem?

— Ella quem! tornou Philippe do mesmo modo. Ella.... ella.... a Providencia!!!

Os assistentes entre-olharão-se, come interro-gando-se, ou como dizendo uns aos outros que a cabeça do ancião soffria alguma cousa.

Filippe calou-se; pouco depois levantou-se, e dirigiu-se para a porta do quarto: os que estavão presentes quizerão-lhe tomar a passagem; mas elle, dizendo que nada soffria, e que queria respirar um ar mais livre, obteve livre passagem. Philippe não voltou mais para casa do genro!

Baptista, Narcisa, e todas as mais pessoas da casa, ignorarão todas estas cousas. Maria, a mu-lher de Philippe, tambem te nada soube.

Tres dias depois do casamento de sua filha, Maria voltou para sua casa, onde pensava encontrar seu marido: mas qual não foi o seu pasmo quando no cabo de oito dias o velho não apparecia! Ninguem dava delle a menor noticia. A' força de pesquisas e do inculcas, soube-se de varios passageiros, e em diversos tempos, que um homem ancião, de longas barbas brancas, descalço e coberto de andrajos, vagava esmolando pelas estradas. Pelas desc ipções que os viandantes fazião deste mendi-ga, era sem duvida alguma Affonso Aranda: mas Narcisa ignorou sempre isto.

O narrador pôde asfiançar aos seus leitores que depois da scena da velha incognita com Philippe, ou Affonso Aranda, este tornou-se monomaníaco; e desamparando casa e mulher, divagava continua-mente pelas estradas: de sua monomania logo o narrador dará conta.

Os que souberão o que se passou entre a velha e o ancião, calárao-se; o mundo porém, Baptista, sua mulher, e Maria, sua sogra, acreditárão que o ancião enlouquecera de prazer pelo casamento da filha!

Baptista não foi indiferente ao infortunio do

sogro , nem ás lagrimas da mulher e da sogra ; para seu sogro voltar para casa fez quanta diligencia estava na sua algada ; mas tudo foi infructifero.

Maria, a māi de Narcisa, viuva sem lhe ter morrido o marido, desolada, sem amparo algum, aceitou o convite de seu genro, e veiu morar com sua filha em casa de Baptista, onde se achou um mez depois do seu casamento. Maria, que era virtuosa, e que fôra bella, amava seu marido como uma boa mulher deve aniar ! talvez não fosse ella jámais correspondida!... Maria sobreviveu pouco á desgraça daquelle o quem unicamente amára : seis mezes depois deste infortunio, e sete depois do casamento de sua filha, tudo foi feito della, sem ter ao menos o prazer de beijar o seu primeiro neto ! mas sua filha estava casada, já nenhuma cousa a devia ligar á morada das dôres ; era pois tempo de receber o premio de suas virtudes.

Não obstante a desordem com que temos escripto, e collocado os capitulos desta historia, temos todavia dado razão ao leitor, sempre que acreditamos o elle a ter. Ora, nós escrevemos por gosto e não por obrigação ; esta historia não é uma historia de encommenda, e por isso, escrevendo-a, seguimos unicamente a nossa phantasia, o nosso gosto ; eis o porque temos adoptado esta desordem na collacção dos acontecimentos : isto talvez dê o que fallar, mas nós não nos importamos com isso.

Por explicar ficárão atrás certas cousas, e o leitor quer saber dellas por miudo ; isto é, quer saber o que fez Adão ; se foi á casa de Pedro á hora contratada ; se o achou em casa, e o que lhe disse elle..... Muito bem ; tudo isso é muito razoavel ; mas fica para o capitulo seguinte, porque o narrador, lá por um capricho tolo, quiz acabar este capitulo aqui.



CAPITULO II.

ELLA AQUI ESTÁ EM RISCO.

Se os velhacos olhassem com attenção para os acontecimentos da vida, e se aproveitassem dessas proficias lições, ou elles farião suas velhacadas com mais limpeza e segurança, ou se tornarião homens de bem.

— Ah ! com todas as legiões de diabos quantos ha no inferno ! estouro.... morro de raiva !

— Mas para que, patrão ? Ora não estourei nem morrai de raiva, porque o que não se faz em dia de Santa Luzia, faz-se n'outro dia.

— Qual outro dia, nem outro dia.... Sabe Deus se foste tu....

— Tu o que, patrão ?

— Que disseste por ahi alguma cousa, e o pai poz a filha a salvo.

— Então vós acreditais que o pai fosse avisado ?

— Se o não foi, parece..... e tanto que ella de tarde estaya em casa, e agora não ! Como foi pois isto ?

— E se o pai fosse avisado não havia dispor tudo para nos receber de outra maneira ? não houvera de armar os escravos ? Houvera deitar-se a dormir muito descansado para nós entrarmos por uma janela muito a nosso salvo e sahirmos sem o menor perigo ? ora dizoi....

— Tambem isso é verdade.

— Ham ! ... ham ! ... Tambem isso é verdade ! ...

Isto dizia Pereira, imitando a falla e os gestos de Pedro.

— Mas onde diabo estava ella ? continuou Pedro.

— Quem sabe se foi a alguma visita ou passeio ?

— Qual visita ! ... qual passeio ! ... qual diabo ! ...

— Patrão, disponde a cousa para outro dia ; e quando quizerdes, é só fallar. Adeus.

— Adeus, Pereira.

Pereira sahiu : era quasi meia noite : Pedro ficou só passeiando de um para outro lado. O inferno ardia em seu coração, porque o demonio dos maus pensamentos trovejava em sua cabeça. Os maus desconfião de todos, e julgão a todos dispositos para fazer-lhes o que elles mesmos estão sempre dispostos para fazer aos outros ; em consequencia, Pedro se acreditava trahido por Narcisa. No meio destes horriveis pensamentos daquella desorientada cabeça, Justino veiu ter com elle, e assentando-se com um ar descuidoso e pachorrento disse :

— Com que, meu amigo, falhou o plano ! ... heim ?

— Sim, desta vez falhou....

— Foi pena !

— Foi ; porque era um lance de mestre, e tanto mais brilhante quanto era isento de sangue.....

— Isso é indiferente. Um crime de mais ou de menos.... é o mesmo. Não é pelos caminhos ordinarios que os grandes homens chegam ás grandes cousas....

— Estou certo disso.

— Ora, tu deves ter calculado todas estas cousas ácerca do Baptista

— Mas que cousas ?

— O Baptista, disse Justino em tom magistral, terá seus trinta ou quarenta mil cruzados.... cincuenta que tenha, metade é da filha; então que diabo vem a ser vinte e cinco mil cruzados ? Não vale a pena ! No entanto inutilisada esta bella Rosa Branca, fica Baptista com tudo. Isto feito, Baptista já tem gozado e vivido tanto, que nenhuma duvida porá em ir descansar das fadigas deste mundo no seio da gloria ; e nesse caso sua segunda filha será sua herdeira, e Narcisa, sua mãe, será naturalmente a sua tutora ; esta mãe, viúva, rica, moça e bonita, deve ter saudades do estado conjugal ; e nesse caso, mãe, filha e riquezas devem passar ao teu pacífico domínio !.... Assim dormirás uma noite pobre, e acordarás um dia rico.

— Não admira ! Os bons devotos dizem que—
Ex nihilo fecit Deus hominem !....

— Menino, já te tenho dito que não entendo essas palavras diabolicas. Continuando, não posso deixar de lastimar os passos e o tempo que perdemos hoje.... Era um lance magnifico ! Ter em nosso poder uma tão bella mulher.... sermos senhores della pelo tempo que quizessemos.... e por cima de tudo fazer talvez com que ella mesma cedesse de suas riquezas em nosso favor, sem que até ella em tal tramoia pensasse !.... inutilizar uma mulher sem mata-la !... era um lance que faria inveja ao mais astuto cortezão, ao mais fino diplomata, e ao mais habil político ! Não ha dúvida, nasci para grandes cousas ! Já agora, se pensas como eu, viva ou morta, ella não devo ser a herdeira de seu pai ; que dizes ?

— Isso não, e pergunta.

— Só se Narcisa nos trahir....

— Se nos trahir, ou traiu.... ai della !

— Bem: se nos não trahir, avante.

— Avanto ! *Audaces fortuna juvat, timidosque repellit.*

— Levo o diabo a quanta palavra diabolica ha.... Ah ! vem gente.... ouço o trotar de um cavalo....

— Ila de ser o Adão !

Pedro disse isto, e repentinamente lançou-se à cama, onde começou a gemer quasi om gritos. Quem quer quo era parou á porta e baten.

— Quem é ? perguntou Justino.

— Sou escravo, mou senhor, respondeu Adão da parte de fôra.

— Salta, *capadocio !...* murmurou Justino abrindo a porta.

— Soja louvado Nossa Senhor Jesus-Christo !

disse Adão entrando. Sr. Pedro, meu senhor.... que é isso ?

— Ai !!! Adão, estou para morrer.... disse Pedro.

— Para isso estamos todos, meu branco ... mas o que é isso ?

— Ora o que ha de ser ? disse Justino ; um diabo de uma colica, que o não tem deixado desde a boca da noite até agora.

— Coitado !... como está tão amarelo !

— Ora, Adão... quasi tenho morrido !... disse Pedro.

— Ora vejão só ! disse Adão com visivel ar de piedade ; quem sabe se Vm. comeu alguma cousa, e não seja isso alguma indigestão ?... Às vezes acontece...

— Não ; até não ceiei.

— Mas ao jantar... quem sabe si o sereno... a friagem da noite... Vm. não saiu ?

— Eu estive ahí fôra logo ao cahir da noite... pôde ser...

— Pois ha de ser isso ; e o que tem feito ?

— Ora, tenho feito tudo....

— É não está mais alliviado ?

— Muito pouco. Deus me livre que estivesse como no principio.... então morreria certamente.

— Olhe, seu Pedro, se não alliviar faça um chá de pimentas....

— De pimentas ?

— Sim, senlor ; mas são inteiras, e por isso não ardem.

— Ah ! isso agora sim...

— Pois sim, senlor ; faça um chá de pimentas, e tome. Ila de ficar bom com este remèdo, seu Pedro.

— Obrigado, Adão. Não é nada, e ~~que~~ eu podia estar morto.

— Vejão só como morre a gente assim sem mais nem menos !...

— É verdade, meu Adão !

— Não somos *ninguem* neste mundo !

— O que eu mais sinto, Adão, é ter-te dado esf incommodo, e não fazermos a nossa viagem... Isto só pelo diabo !

— Isso não, son Pedro !... O que eu sinto é o seu incommodo : cá por mim não. Vou outra vez para casa, e quando Vm. quizer estou ás suas ordens.

— Obrigado, Adão, obrigado.....

— Olhe que isto é de coração, seu Pedro.

— Eu reconheço. Adão.

— Se quizer que eu fique aqui lhe acompanha-do, seu Pedro, é fallar....

— Não, Adão; muito agradecido..... eu já estou melhor.....

— Deixe estar, seu Pedro, que daqui a pouco ha-de estar bom com o favor de Deus; não tenha du-vida.....

— Eu o espero em Deus, Adão.

— Ila de, sim, senhor..... pois porquo não ha de! Então, seu Pedro, no mais passe muito bem; até outro dia.....

— Sim, Adão, até outro dia; eu te avisarei.

— Sim, senhor, meu senhor.

Adão saiu. Justino, vendo-o um tanto longe fechou a porta, e se recolheu dizendo:

— Este negro..... este negro.....

Pedro, dando uma grande gargalhada, acres-centou:

— E' um grande pábulo!

Adão, caminhando para sua casa, tambem com grandes risadas dizia:

— Que dous tolos!!!

Os augures romanos rião-se quando se encon-travão; Pedro e Adão rião-se, retirando-se uni do outro. Os augures rião-se das peças que pregavão ao povo; estes dous das peças que mutuamente se pregárao! Apezar porém das gargalhadas de Pedro, Justino tornou a murmurar:

— Este negro. ... este negro!.....

— Achou-me muito amarello, não é isso, Jus-tino? Ora forte tolo!

Justino nada respondeu, e ficou, como pensativo. Voltou os agora á casa de Baptista.

Adão deu, como vimos, e como prometteu, os dous signaes, convém saber: o signal da chegada dos la-drões, e o da retirada; o que feito metteu-se no cafézal, e esperou por Jacintha.

Ponto depois das onze horas a familia estava re-celhida; então Jacintha veiu ter com Adão com o sim de concordarem nas providencias que ambos deverião tomar para prevenir nova aggressão: Ja-cintha pois disse:

— Ora pois, Adão, desta estamos livres; mas de outra?

— E' nisso que devemos pensar, disse Adão; com efeito; não sei o que faremos.

— Elles poderão voltar..

— Sem duvida.... Se a meuina quizesse ir para a cidade....

— Se ella casasse com o Sr. Archanjo....

— Mas case ou não case.... Se ella ficar nesta

casa por mais tempo, ou mais hoje ou mais amanhã acontece-lhe alguma desgraça....

— Mas como sabeis disso?

— Sei-o....

— Mas que desconfiais vós?

— Os la-drões arrombarão alguma porta ou ja-nella quando cá vierão?

— Não.

— Logo, estava aberta a janella por onde elles entrárao....

— Mas quom abriu?

— Seria eu?

— Oh! então pensais que fui eu?

— Creatura!.... quem vos fallou em tal?

— Pois então quem abriu?

— Quem sabe, rapariga?! Não fostes vós nem eu: seja porém qucm fôr, o que parece é que vossa senhora moça está vendida, e quem a vende é pes-soa de casa, seja ella qual fôr.

— Adão.... vós desconfiais de alguém?

— Não é da vossa conta.... Por minha boca não se saberá dos erros encobertos.... No que faço não é para accusar pessoa alguma, é para salvar uma innocent: por isso vou agora obscrvar o Pedro e sua gente. Ide-vos embora, que podercis ser pro-curada. Até amanhã.

— Até amanhã.

Adão d'ahi foi para casa de Pedro, onde o vimos representar a ridicula farça de sua colica.

No outro dia Jacintha entregou a Baptista uma carta fechada com gomma, e dirigida a elle. Bap-tista leu em máos caracteres, e dir-se-hia até que contrafeitos, o seguinte:

« Sr. Baptista.—Os homens que forão hontem de « noite á sua casa não forão para roubar dinheiro, « ou outra cousa assim, mas forão para roubar sua « filha; Vm. acutelo-se, porque sei com toda a « certeza que os ladrões hão de voltar em outra « qualque noite. Eu lhe peço que não faça ba-« rulho; não falle nesta carta a ninguem de sua « casa; a ninguem, seja quem fôr; e se Vm. « fizer barulho, com o mal que disso lhe vier « aguente-se.... veja bem.... »

Este escripto carecia de assignatura e de data. Baptista ficou estatico diante desta denuncia. O leitor bem poderá ajuizar do como ficaria Baptista vendo um tal escripto! Elle o leu muitas vezes, e quanto mais o lia mais extraordinario o achava, e mais mysterioso o acontecimento! e o que mais o fazia pasmar era a cautela que lhe recommendava o tal anonymo. Baptista bem tinha notado que

nenhum arrombamento tinha havido em sua casa; mas isso attribuiu a descuido de quem fechára as portas e janellas. Como não desconfiava de pessoa alguma de sua casa.... Erao oito horas da manhã ainda Baptista a nada se havia resolvido : a essa hora parerão no terreiro o padre Chagas, Archanjo

e o Sr. de Pina. O padre, logo que entrou, disse ao ouvido de Baptista :

— Aqui estamos para levar vossa filha, como tratámos: além disto ella aqui está em risco; é melhor que não volte da cidade, e que fique em casa de Rosa....



CAPITULO III.

EIS O QUE É DIFFICIL.

Nossa vida é um mar tempestuoso cheio de cachopos, syrtes e voragens ; o desejado porto é sempre incognito ; os acasos são os ventos que aí soprão e levão a seu bel prazer o baixel das circumstâncias, sempre mudando de rumo, ao passo que se mudão os ventos : contra estes ventos a prudencia é bem fraca bussola, e a sabedoria inexperto piloto.

Com efeito, Rosa havia mandado pedir a Baptista que lhe mandasse a sobrinha, que della tinha saudades ; Archanjo, o padre Chagas e D. Geraldo tinham-se tratado para leva-la, visto que Baptista então não o podia, e a viagem era no domingo que seguiu-se á sortida dos ladrões. Rosa Branca estava prompta para partir nesse dia, como Narcisa tinha dito a Pedro. Assim os tres personagens erão esperados em casa de Baptista no domingo pela manhã. Quando pois elles chegáram já Rosa Branca estava prompta para partir. O padre Chagas, Baptista, Archanjo e D. Geraldo de Pina entráram todos para um quarto.

Logo que os quatro estiverão juntos disse Baptista :

— Então que significa isto ?

— Vêde este escripto, respondeu o padre.

Baptista tomou o escripto que o padre lhe apresentava, e nelle leu o que abaixo se segue :

« Revem. Sr. — Uma desconfiança, e minhas indagações levarão-me a descobrir um certo negocio muito fino ; mas ainda me falta saber alguma cousa. O quo por ora sei é que a noite passada

os ladrões derão em casa do Sr. Baptista, não para lhe roubarem dinheiro, mas para lhe roubarem a filha, a Sra. Rosa Branca. Eu fico ao socairo dos ladrões a ver se os conheço, e descubro todo o seu plano ; mas para isto é preciso que Vossa Reverendíssima não faça barulho. Entendo que é muito preciso pôr a Sra. Rosa Branca em cautela ; mas tudo isto com scego, prudencia e segredo, de maneira que os sujeitos não suponham que as cautelas são por causa delles, e para que eu possa descobrir o mais que desejo. »

Este escripto, como o de Baptista, não tinha data nem assignatura : a letra era visivelmente igual á do escripto dirigido a Baptista.

Baptista, tendo lido este escripto, mostrou aos tres o outro que fôra achado em sua casa.

— Também, disse o padre, não me foi entregue, lançáram-o por baixo da porta quando eu já estava recolhido, e não foi senão depois das dez horas.

— O quo é verdade é que quem cá veiu não foi para roubar dinheiro, disse Baptista.

— Convenho. Eu acrediitei neste escripto ; porque não acroditô que houvesse um homem tão máo

que quizesse assim zombar de um pobre velho ; e julgando que primeiro que tudo devemos pôr a menina em segurança (porque em todo caso não sabemos o que isto quer dizer), vim disposto não só a leva-la para a cidade, como a deixa-la em casa de Rosa.

— E eu estou muito de acordo.... mas queria mais.

— E que mais ?

— Que a resolvessemos a casar-se.

— Sim ; mas com quem ?

— Com quem ella quizer ; porém melhor seria quo fosse com Archanjo, ou com o Sr. D. Geraldo de Pina.

— Vossa mulher já sabe deste escripto ?

— Não, senhor .

— E vossa filha ?

— Tambem não sabe.

— Fizestes bem. Não julgo necessario que vossa mulher o saiba. Quanto porém a Rosa Branca, visto que o negocio lhe pertenco, será bom que lh' o digamos ; e até será um bom meio de resolvê-la a casar.

— Eu vou chama-la.

Baptista sahiu. O padre, ficando só com D. Geraldo e Archanjo, fallou-lhes assim :

— Meus filhos, vedes que em consequencia destes acontecimentos, Baptista e eu devemos o mais breve possivel dar um marido a Rosa Branca : forçada ella, por esta necessidade moral, até certo ponto a tomar um marido, prevejo que um de vós será o escolhido ; qual o será é o que eu não sei, nem posso prever. Ora, eu não ligo ao acontecimento desta noite uma mui grande significação ; todavia vejo que ha ahi alguma cousa de extraordinario. Pois que quer dizer meia duzia de homens se abalarem para roubar uma moça ? Não obstante, algum malvado haverá que, amando Rosa Branca, julgue este o melhor meio de a obter com mais facilidade : ha neste mundo tanta gente louca e extravagante, que de nada devemos duvidar. Como soja, visto darmos este robato falso ou verdadeiro, isto é, com justo motivo ou som ello ; e como Rosa Branca vai para a cidade, sou de opinião que melhor é casar-in-la, ella já tom sufficiente idade. Porsuadida por mim e por seu pai para quo se case, acredito quo escolherá um de vós : confio porém tanto no vosso bom juizo, prudencia, honra e virtudes, quo fico que o preferido não motejará do pretorido, nem este ficará odiando áquelle.

— Meu tio, respondeu o Sr. de Pina, com quan-

to eu tenha uma cabal certeza de quo é a escolha de Rosa Branca recahirá sobre o Sr. Archanjo, nem por isso estimarei menos a elle e a ella : e em quem recahirá melhor a escolha de minha prima, queso-
bre um homem que por tantos e tão preciosos titulos se faz digno de toda a estima, veneração e respeito ?

— Sr. D. Geraldo, disse Archanjo, eu não tenho uma cabal certeza de que a escolha de Rosa Branca recáia sobre mim ; mas se todavia recahir, fique V. S. certo que uma tal preferencia sobre sua pessoa, longe de a dever eu a meus meritos, o que não tenho, deve-ri-antes a uma antiga amizade, que desde o berço liga-me á familia de Baptista : se porém fôr V. S. o preferido, nem por isso esfriará a minha amizade para com V. S., convertendo no mais casto respeito e veneração para com Rosa Branca o amor que até aqui lhe dedicava.

— Pois bem, já que a sorte nos não separou, Sr. Archanjo ; já que tivemos propicias occasões de nos conhecer de tão perto, aqui sobre a sagrada mão de um ministro da religião que professamos, e á face do Deus que nos ouve e nos vê, juremos de ser sempre amigos até à morte ; amigos como Pylades e Orestes ! amigos como Euryalo e Niso !

— Juremos ! exclamou Archanjo com entusiasmo !

— Eis a palma de minha mão, disse o padre Chagas.

Os dous mancebos puserão as mãos direitas sobre a palma da mão do sacerdote, e disserão ao mesmo tempo :

— Juramos !

— Ser amigos até á morte, disse o padre.

— Juramos ser amigos até á morte, disserão os dous.

— Amigos como dons irmãos tornos e virtuosos ! amigos como Castor e Pollux ! disse Archanjo.

E os dous mancebos se abraçaram.

O padre, pondo a mão sobre o peito, e elevando os olhos aos céos, em um divino extasis exclamou :

— O' meu Deus ! abençõa esta amizade como abençoaste a reconciliação de Esau e Jacob ! muda o nome de um destes mancebos para comigo, como mudaste o nome de Jacob, e muda o coração de minha neta, como mudaste o coração de Esau.

Neste momento entrou Baptista, e pouco depois Rosa Branca. O padre contou a Rosa Branca tudo quanto havia ; disse-lhe que jnlgava melhor o ficar ella na cidade ; o accrescentou aconselhando-a que

se casasse, se é que ella não tinha repugnância ao estado conjugal.

Rosa Branca ouviu tudo com uma tranquillidade espantosa, ou antes com uma frieza glacial. A notícia do rapto sobre ella pretendido nenhuma impressão lhe causou. Depois que o padre fallou, ella disse o seguinte :

— Meu paisinho, o eu mo não ter querido até agora casar não era por obstinação contra o estado conjugal, nem por indisposição contra alguma das pessoas quo me pretendêrão : eu mesma não sei bem dar a razão por que me esquivava ao casamento ; é que talvez o tempo não era chegado : porém visto o que ha, e visto Vms. desejarem que me eu case, estou prompta.

— Mas sabes, minha filha, que meu sobrinho te pretendeu, bem que ficou isso em esquecimento, e Archanjo te pretende : agora convém escolheres entre elles. Asseguro-te que nem um nem outro se enfadará por não ser preferido ; e, se alguém que nós não saibamos te pretende, e tu fazes gosto, sé franca.

— Se alguém, sem ser Archanjo e meu primo, me pretende, eu ignoro.

— E sobre Archanjo e Geraldo o quo dizes ?

— Que hei de eu dizer ?

— Que aceitas um, ou repelles ambos.

— Não repillo ambos....

— Logo, aceitas um !

— Aceito, sim, senhor....

— E a qual delles ?

— Eis o que é difficult....

— Oh minina ! pois é difficult escolher um marido ? disse Baptista.

— Sim, meu pai, escolher um marido entre douz moços tão iguaes em tudo, tão honrados, tão virtuosos, e tão dignos de serem amados, é na verdade bem difficultoso !

— E ella tem razão, disse o padre.

— Emfim, prossegui Rosa-Branca, meu primo o Sr. D. Geraldo de Pina não me conhece de pequena, não me viu nascer como Archanjo, nem sabe a fundo de minhas qualidades. Eu sou uma menina caprichosa, fui criada como filha unica ; minha tia e madrinha fazia-me todas as vontades, e estava por todos os meus caprichos ; meu pai a isto se não oppunha, e meu avô fazia outro tanto ; assim eu fiquei um pouco tola, talvez por mal educada. Meu primo ignora todos os defeitos de minha má educação, defeitos que Archanjo não ignora, pois

que para elles tambem cooperou. Assim supplicando a meu primo que me perde....

— Não, Rosa Branca, disse D. Geraldo, tenho tanto prazer que a vossa escolha recáia sobre Archanjo, como se recahisse sobre mim !

Rosa Branca córou, e depois proseguiu :

— Pois bem ; como então meu primo não leva a mal a minha escolha, escolho Archanjo, pois que me conhece desde criança. Assim, sabendo elle a mulher que leva, se for feliz a si o agradeça ; se infeliz, de si se queixe. Ao menos, se algum dia Archanjo lançar-me em rosto os meus caprichos ou tolices, fica-me a liberdade de tambem dizer-lhe :—Vós o sabieis, pois que me conhecieis desde o berço ; vós tambem cooperastes para os meus caprichos, tolices, e talvez maledicções. Asseguro ainda que são só estas considerações que me determinão nesta escolha, e nada mais ; na certeza de que se eu conhecesse Archanjo ao mesmo tempo quo conheço meu primo, não me decidiria por um nem por outro, deixando que elles mesmos entre si se decidessem. Assim, se meu primo tambem se apresentasse só, pretendendo minha mão, ou com outros quaesquer pretendentes, que nenhum delles fosse Archanjo, a minha escolha seria em favor de meu primo.

— Obrigado, minha prima, obrigado. Agora sei que deveis considerar em D. Geraldo de Pina o mais devotado, o mais respeitador e o mais fiel de todos os vossos amigos.

— Obrigada, meu primo.

— Agora, minha filha, vai-te apromptar para partir.

Baptista disse. Rosa Branca, vermelha, vergonhosa e meio triste, sahiu. Ao passar por Jacinta, esta lhe perguntou ao ouvido, notando a diferença do seu rosto.

— Então o que ha, sinhazinha ?

A moça contou-lhe em poucas palavras : a preta tornou :

— Mas não fallou em mim ?

— Não : fiz que de nada sabia.

O padre, Archanjo e Baptista assentáron entre si que não se dêsse parte a Narcisa do casamento de Rosa Branca, e que essa participação se lhe mandaria da cidade : isto por cautela, attentas as promessas do anonymo dos escriptos.

Pouco depois Rosa Branca apareceu prompta para partir ; e chegando-se ao ouvido do pai, disse :

— Meu pai, eu quero Jacinta para mim....

— Sim, minha filha ; logo que eu chegue á cidade te passarei papel della.

Um instanto depois os tres, Rosa Branca e Jacintha partirão.

O padre Chagas, o Sr. de Pina e Archanjo acompanhavão a moça ; adiante ia ella com Jacintha ; os tres seguião logo atrás, e por ultimo caminhavão dous pagens, um que acompanhava o padre Chagas, e o outro a Archanjo. Assim caminhando lentamente já pela delicadeza de Rosa Branca, e já pela idade do padre, disse Archanjo a este.

— Ora, Vossa Reverendíssima tem algumas vezes me fallado das desgraças de meu avô e de suas viagens, e mais de uma vez me tem promettido contar tanto uma como outra cousa. A historia que Filipe, o pai de Narcisa, nos contou, o combate ocorrido no xaveco, aguçárono mais a minha curiosidade; de modo que ardo por saber todas estas cousas, se por ventura não ha nelas algum mysterio que me

seja prohibido. Agora que viajamos vagarosamente, parecia-me bem opportuna occasião : que diz Vossa Reverendíssima ?

— Que em verdade a occasião não pôde ser melhor ; mas essa historia é tão comprida....

— Embora, senhor ; se durante a nossa viagem não chegarmos ao fim della, ao depois em qualquer occasião Vossa Reverendíssima nos contará o resto. Eu creio, e espero que Vossa Reverendíssima não me levará a mal esta minha curiosidade....

— Não.... meu filho, não.

— Parece-me muito natural a um bom filho querer saber a historia de seus antepassados.

— E' bem natural e bem justo. A historia de vosso avô, meu filho, está de tal maneira ligada á minha, que contando eu a minha historia, conto a delle, ou vice-versa. Ides pois ouvir a minha historia e a de Renato.

Os dous moços chegáron-se mais para o padre.



CAPITULO IV.

O PASSADO.

Aquelle que se não esquece, e cuidadoso estu la a noite do passado, aprende a caminhar, e quasi que com seguros passos, no dia do presente, e talvez até certo ponto a prever as sombras e as luzes da aurora do futuro!

O leitor, tendo por algumas vezes ouvido fallar no Mouro Renato, esse tão terno, tão intimo e dedicado amigo do padre Chagas, e pai de Renato, o filho e avô de Archanjo, aquelle de quem fallára Filipe, quando a Justino e a Pedro contára a sua historia ; aquelle que quebrára as cadéas a um Portuguez, marinheiro velho, e que lhe dissera que se não châmava Renato, mas sim Ismael ; aquelle que chorava, tendo em seus braços o padre Chagas então ferido ; o leitor, digo eu, terá suspeitado que a historia desse Mouro deverá ser bem cheia de movimentos e de episódios interessantes : assim o narrador suppõe que algum leitor haja que tenha tido grandes desejos de saber essa historia, e talvez com razão. Ora, se algum leitor tem esses desejos, quaes não serião os de Archanjo, sendo neto desse mesmo Monro, e tendo nelle ouvido tantas vezes fallar ?

Era pois a vez primeira que o mancebo ia ouvir a historia de seu avô ; e pois com indizivel curiosidade os ouvidos de Archanjo pendião dos labios do padre.

O padre começou assim :

TOMO IV. C

« Creio que já uma vez vos disse que entre os meus irmãos douis seguirão as armas, um no exercito e outro na marinha: este em 1668 trouxe a Lisboa um Mouro, que teria então os seus sete annos de idade, e que, segundo elle dizia, chamava-se Ismael. Meu tio havia salvado a vida a este pequeno, não me lembro bem em que logar.... Era um pequeno barco de pescadores que naufragou sobre um rochedo, e meu tio mandou um escaler salva-los. Apezar da diligencia que poz este escaler na salvação destes Mouros, nada conseguiu, e de todos os naufragos só Ismael escapou ao furor dos mares ! Veiu pois este pequeno Mouro para Lisboa, onde meu tio o entregou a minha mãe para educá-lo nos preceitos de nossa santa religião, que Ismael abraçou sem dificuldade, tornando na pia baptismal o nome de Renato ! Meus pais forão seus padrinhos. Renato era docil e de muito bom coração. Tinha eu então os meus sete annos, e como Renato era da minha idade, os brincos infantis, os folguedos e os jogos dessa idade unirão-nos tão estreitamente como se fossemos douis irmãos. Renato, além da docilidade do seu caracter e bondade de

seu coração, tinha uma facilidade invejável, uma memória espantosa, e uma compreensão extraordinária! Com estas bellas disposições cresceu elle sempre amado de todos. Emfim Renato era pudico como Joseph, piedoso como Josias, fiel como Jonathas, e amigo da verdade como Epaminondas! e pois se tinha algum defeito, era o seu fanatismo pela religião christã, e a sua intolerância para com os malvados; porque, dizia elle, á vista dos preceitos de Jesus-Christo, cada um christão devia ser um anjo.

« Em 1683, quinze annos depois, e tendo os nossos vinte e dous annos de idade, viemos para o Rio de Janeiro recomendados a um meu tio, irmão de minha mãe, para applicar-nos ao commercio. Meu tio, que era negociante no Rio de Janeiro, arrumou-nos em sua casa. A minha amizade com Renato era inalterável, e em consequência da nossa união os outros caixeiros nos tinham alguma má vontade. Os maus detestam os bons, é verdade, mas invejam ao mesmo tempo as suas boas qualidades.

« Renato tinha tanta vivacidade, tanta intelligença para o commercio, que bem depressa ganhou a affeição de meu tio, que, sendo um homem imparcial, austero, grato e amigo de proteger os que mostravam talento pára a vida que elle seguia, deu-lhe um salario um tanto avultado para aquelle tempo. Renato era um bonito rapaz, bem feito, esvelto, tinha bonitos dentes, nariz aquilino, olhos grandes, vivos e perspicazes, boca um tanto rasgada, mas bem feita e graciosa; seu riso era alegre, sua physionomia franca, olhar firme e alto, tinha bellos cabellos negros, rosto moreno como os que tem os filhos da Africa, emfim genio jovial e maneiras affaveis; e por cima de tudo isto possuia um espirito fino e delicado; e pois este genio africano estava inteiramente modificado pelos costumes europeus.

« Não muito tempo depois da nessa estada no Rio de Janeiro, Renato involveu-se em uma intriga amorosa, na qual todavia nonhun perigo tinha que temer; o em 1685 viu se elle pai de um menino, do qual fui eu padrinho, o quo, como seu pai, se chamou Renato; este é vosso pai, Archanjo. Ora, conquanto em taes antores nonhun comprometimento houvesse, comtudo os patriões não sofrem em seus caixeiros taes desvios, já pelo temor das distrações, e já pelo rocio de quo os caixeiros abusam de suas gavetas; e ellos tem razão, atentas as loucuras da mocidade. Acercego quo o que

um caixeiro ganha não chega para estas cousas: mas, como as despezas que Renato fazia erão pequenas, e nossas bolsas comuns, acontecia que o dinheiro de Renato chegava sufficientemente.

« Um dia faltárao na gaveta a meu tio umas vinte meias dobras. Meu tio e todos os caixeiros procurámos por toda a casa, e todas as diligencias forão frustradas. Era meu tio um homem bastante irascível, e nesta occasião tornou-se colérico; porque, dizia elle, de manhã puzera o dinheiro na gaveta, onde o tinha visto ainda de tarde, e que não aparecendo agora, alguem o tirará; e accrescentou que comquanto não desconfiasse de seus caixeiros, comtudo exigia que elles se justificassem; Renato imediatamente apresentou-lhe a chave de sua caixa, e franqueou suas algibeiras para tudo ser revistado. Todos os outros caixeiros fizerão o mesnio. A primeira caixa revistada foi a minha, depois, minhas algibeiras, onde nada havia; depois foi a caixa de Renato, onde forão encontradas as vinte meias dobras!!! »

Neste logar Archanjo machinalmente tapou o rosto com as mãos, exclamando de uma maneira estupida:

— Oh um Deus!!!

O grito do mancebo, e o movimento que fez sobre a sua sella, espantárao seu brioso garanhão, a ponto que disparou com elle; e fanesta lhe seria essa inesperada carreira, se tão bom cavaleiro como era não subjugasse, e tão a tempo, debaixo de suas redeas, o tão brioso animal. Rosa Branca assustou-se, e suspendeu seu bello palafrem.... mas pouco depois tudo estava tranquillo, lendo-se apenas no rosto de Archanjo os signos de uma dor misturada do duvida e de vergonha. O padre disse-lho então:

— Esperai, meu filho.... tranquillissai-vos. Não julguois mal do meu amigo sem onvirdes tudol Quando aiuda o vosso avô fosse criminoso, só vos caboria a vergonha de seu crime, o mais nada! As acções dos pais não podem, não devem ser julgadas por seus filhos! Eu continuo.

« Renato, vendo o dinheiro em sua caixa, olhou para todos o para o dinheiro de uma maneira impassível; o com um modo sobranceiro a tão critica posição, disso: — Maldito seja aquelle que poz esse dinheiro ou minha caixa! — Meu tio que, apesar de bom homem, era irascível, como disse, bradou suffocado de colera: — Miseravel ladrão!... queres mais provas do teu crime? — Renato, com semblante carregado, voz grave e solemne, tor-

nou : — Senhor, juro pelo baptismo que recebi que não peguei nesso dinheiro.... Só alguma má vontade....

« Renato não acabou. Meu tio, ardendo em raiava, mandou buscar dous soldados para o levarem á cadêa. Os soldados chegárao, Renato não se opoz á menor resistencia. Preso, disse a meu tio :— Quando Mahomet mostrar a verdade e a innocencia do seu servo, se Jesus Christo é um verdadeiro Deus, elle mandará o arrependimento ao seu coração, e os remorsos á sua alma !— Assim fallando, enxugou uma lagrima, e foi sahindo.... Os outros dous caixeiros, presentes a esta scena, ouvindo as palavras de Renato, exclamárao cheios de horror, fingido ou verdadeiro :— Renegado ! Renegado ! — Renato disse ainda da porta : — Não; ainda não reneguei a religião de Jesus Christo.... mas se dentro de um mez (dou muito tempo), se dentro de um mez a minha innocencia não fôr provada, renegarei a religião christã, e serei dos Nazarenos o mais implacavel inimigo !

E' impossivel pintar-vos a minha dôr ! Oh ! impossivel ! No outro dia fui vê-lo ; estava animado e tranquillo; vendo-me, derramou uma lagrima e disse-me : — Chagas... não te importes comigo.... Seja qual fôr o meu destino, só uma cousa te recomendo, que é meu filho.... véla por elle.... guia-o como se fosse meu filho, defende-o dos invejosos e dos malvados... inspira-lhe sempre sentimentos de honra e de virtudes... sê o pai do meu infeliz Renato... sê pai do filho, já que o pai está perdido !... — Não, Renato, lhe respondi entre soluções ; tu não estás ainda perdido... confia em Deus, meu amigo.... confia, como eu confio, porque espero em Deus de ainda abraçar-te fóra dessa prisão !... — A mim ? perguntou-me elle. — Sim, a ti, respondi-lhe eu.— Renato sorriu-se com dôr e desdem. Passárão-se quasi tres mezes, e todos os dias eu ia ver o meu infeliz amigo. Florianna, a mäi do pequeno Renato, estevo quasi a morrer, sabendo da desgraça do seu infeliz amado ; minhas consolações, meus conselhos, não só a animárao, como a contiverão om seus deveres, porque a pobre mulher queria em publico tomar a defesa de Renato, e ir vê-lo em sua prisão, o quo seria comprometter mais a sua cau-a. Passárão-se tres mezes sobre a prisão de Renato ; eu temia pela sua sorte, e temia cada vez mais, quando Domiciano, um caixeiro de meu tio, e que fôra presente á prisão de Renato, cahiu doente ; bem depressa a sua enfermidade augmentou, e fez taes progressos, que tirou toda a

esperança de salva-lo. Nunca vi enfermo que tanto temesse a morte ! A idéa do enfermo estava sempre presente á sua alma ! Constantemente agitado de visões ou pesadellos, via a todos os instantes as chamas do inferno e demonios quo para elles o arrastavão ! Uma noite acudimos a seus gritos, com os quaes atroava a casa assim : — Demonios... demonios, largai-me... lá vem .. lá vem... é Renato. — Meu tio e nós acudimo-lo. Da manhã meu tio proproz-lho que se confessasse ; ello aceitou esta proposição, e sem mais demora um jesuita foi chamado. Nunca em minha vida vi penitente que lavasse mais tempo aos pés do confessor. Finda a confissão, o jesuita procurou meu tio, ambos trançárao-se em um quarto, e longo tempo ahi praticárao, sahindo depois de um modo que nos impressionou. O jesuita, apezar da serenidade que pretendia affectar, mostrava não obstante em seu rosto uma certa inquietação que ninguem podia traduzir ! No rosto de meu tio lia-se o odio, a compaixão, e ao mesmo tempo uma especie de terror ! Elles sahirão. Os rapazes são curiosos ; e por nossas diligencias soubemos que o jesuita e meu tio havião estado com o provincial dos jesuitas, com o governador, que era então João Furtado de Mendoca, e com o bispo Barros de Alarcão, e no sim de tudo isto o jesuita voltou para a cabeceira do seu enfermo, onde havia deixado outro em seu lugar enquanto fazia estas diferentes viagens. Ninguem pôde comprehendêr nem penetrar o mysterio destas cousas ! Oito dias depois Renato não estava na cadêa, nem havia quein delle soubesse ! O que era mais notavel era que de vespera eu havia estado com elle ; e é claro que se permeditasse uma fuga, necessariamente me houvera dizer, pois que elle para mim nenhun segredo tinha. Apenas soube que Renato desapparecera da prisão, fui ter com Florianna que tudo ignorava. Impaciente e temeroso pela sorte do meu amigo, cahii gravemente enfermo ; mas meu tio, sabendo o motivo do miuha enfermidade, tranquillisou-me sobre a scrito de Renato, e dali por diante tomou pelo pequeno Renato tanto interesse como eu, concorrendo para sua educação até com algumas quantias.

« O caixeiro enfermo, contra a expectação de todos, foi pouco a pouco melhorando ! Este caixeiro era o mais velho da casa ; mas como era pouco habil, ou pelo menos não era tão habil como Renato, teve o desgosto do ver o salario de Renato equivalente ao seu, e por isso aborrecia a Renato, mas sem dâ-lo a perceber : este homem pois melhoran-

do de dia em dia, achou-se completamente restabelecido. Logo que esteve sôa, meu tio pagou-lhe o que lhe devia de sua soldada, e despediu-o.

« Foi durante a convalescência de minha enfermidade que conheci a senhora com a qual me casei, enviuvando pouco depois, o que tudo sabeis.

« Em 1694 era eu membro da companhia de Jesus. Logo depois de ordenado, em uma festa da casa fui obrigado a pregar. Tremi, receando de minha capacidade; mas a obediencia é, como sabéis, a primeira parte dos filhos de Loyola: obedeci pois. Havia na religião um padre velho, que era tido e havido por um homem profundíssimo em lettras. Com efeito, sabia não poucas línguas antigas e modernas, conhecia bem as suas litteraturas, tinha ensinado philosophia, rhetorica, e passava entre os padres pelo mais sabio, mais fino e mais profundo critico! Possuía este padre uma magnifica livraria, que franqueava a todos os seus companheiros, e por basofia dizia aos padres moços que quando tivessem preguiça de fazer algum sermão, que em um grande cesto, em baixo de sua mesa, acharião sermões de todos os generos! Tinha este padre o costume de assistir aos novos sermões dos padres moços, e depois fazer-lhes uma critica desapiedada e dolorosa! Como era velho, teria então os seus setenta annos, aproveitava-se de sua idade para exercer a critica com uma intoleravel malignidade. Logo que o novo orador descia do pulpite, e descansava, elle dizia-lhe com um modo affavel: — Ora, vamos ver as suas bellezas, meu novo orador! — e começava a mais tremenda critica, mas com tantas facecias, ditos agudos, e com tanto sal, que fazia rir despropositadamente aos circunstantes, que sempre erão muitos. A pobre victima tambem ria-se; mas é porque o chorar lhe seria peior. Esta minuciosa e terrivel critica, em que nada era poupadão, não tinha todavia logar so o sermão lhe era antes mostrado e submicttido á sua lima, que ás vezes se limitava em mudar uma palavra!!! Escuso dizer-vos quo fui tambom victima! Será bom que vos diga que este padre, talvez á força dc muito estudar, havia perdido muito da sua memoria; de modo que quando os do sua idade lho fallavão de algumas cousas do tempo de sua mocidade, de algumas não se lembrava completamente; e do outras mal, sondô preciso despertar sua reminiscencia, e chamar suas recordações, para que então se lombrasse.

Um dia, rovolvendo eu os sous papois, achei um sermão das Dôres, no qual li o seguinte: —

Prégado pelo padre Conceição em 1664 — Uma idéa de vingança assaltou-me logo: tomo o sermão, e o levo para minha cella. Approxima-se a festa das Dôres, e logo que sahi, fui ter com meu tio, e fiz com que elle me obtivesse esse sermão: obtido, pego do sermão do padre, mudo-lhe algumas palavras, e decoro-o. No dia da festa, antes de partir para a igreja, disse-lhe de um modo afectuoso e humilde que no sermão que eu ia pregar não houvera de achar os defeitos do primeiro. — Só se Vossa Reverendissima m'o não mostrar, — disse-me elle. Ao que lhe respondi: — Assim que chegar da igreja lh'o entrego. — Sahi, e preguei. De volta, entreguei-lhe o sermão; leu-o, e começou depois a sua critica, que, por lhe haver eu atirado a luva de combate, foi crudelissima! Acabada a critica, no meio de risadas e aplausos, disse-lhe eu fazendo uma cara de tolo: — Eu aproveitei-meda faculdade que Vossa Reverendissima me deu.... — Que faculdade, meu padre? perguntou-me elle. — Vossa Reverendissima disse, como tambem a outros padres, que quando tivessemos preguiça de fazer algum sermão, o tirassemos de sua cella: como não sou pobre soberbo... aproveitei-me dessa licença.... — Está enganado; esse sermão não é meu, disse-me elle. — Eu tirando o original de minha algibeira, apresentei-lh'o, dizendo: — Aqui está o original donde o copiei.... — A' vista do original escripto por sua propria letra, o padre ficou desconcertado; e depois de algum silencio tornou: — Mas Vossa Reverendissima devia participar-me que se ia servir de um meu sermão.... — Eu o julguei inutil, respondi-lhe, quando eu disse a Vossa Reverendissima que neste sermão não acharia defeitos, é porque era de Vossa Reverendissima; ao contrario era ser eu estupidamente orgulhoso: além disto acreditei que logo que Vossa Reverendissima lhesse o sermão, conheceria seu filho..... — Não tenho memoria de muitas cousas que fiz quando moço.... disse-me elle: ao que respondi-lhe: — Vossa Reverendissima deve-ria estar com os seus quarenta annos quando pregou esto sermão. — E o que conclue dahi Vossa Reverendissima? perguntou-me. — Que os criticos são bem pouco sinceros. — Eu disse, e com ar humilde saudei-o, e retirei-me.

« Este acontecimento den brados entre os nossos padres, o em consequencia delles fizerão-me partir para os sertões do Brasil para a catechese dos indigenas. Ali dei-me ao trabalho de estudar a lingua geral ou dos guaranys, para ver se por meio desta lingua descobria a origem destes povos, ou

ao menos se a sua língua teria alguma semelhança com alguma das línguas antigas.....»

— E teve bons resultados? perguntou o Sr. de Pina.

« Era mister que eu conhecesse a fundo a língua destes povos, e que possuisse bons dicionários das línguas cujas semelhanças procurava, e nada disto tinha; e como me faltava o principal, dei de mão a este trabalho. Um meu companheiro dizia achar no guarany, já na ordem das crenças, e já na composição de muitas palavras, alguma semelhança com o grego: assim elle comparava a palavra *O'ca*, casa, com a palavra grega *Oicos* ou *Oichia* (1), que também significa casa. Pretendia que o termo *guarany Tupan*, Deus, era o adjetivo grego *pan* (2) na terminação neutra precedido do artigo *to* (3), o que faz *topan* (4), tanto no nominativo como no accusativo dos singular, e que significa o todo. Nesta pesquisa, ora pondo, ora tirando letras, achou que o termo *guarany itá* assemelhava-se com o termo grego *lithos* (5), que também significa pedra, como aquelle, fazendo consistir a maior diferença no *lambda* que tem este de mais; pois que suprimido este *ambdla* ficaria *ithos*. O mesmo fazia com o termo grego *kirios* (6), senhor, que perdendo o *cappa* do princípio ficaria *irios*, quasi como *iara*, que no guarany também é senhor. Os Indígenas chamão a certa árvore donde extrahem uma tinta avermelhada *murici*: o meu companheiro até nesse nome viu a palavra grega *murike* (7) ou *mirike*, que é a tamargueira, e também certas árvores pequenas ou arbustos; e como estas ello achou outras muitas: eu porém é que me não movi com estas analogias. Também trouxe a pello a palavra *mái*, que no guarany é *maya*. Ora, *maia* (8) no dialectico dorico significa avô, e poeticamente também significa mãe; mas este termo em um grande numero de línguas pouco differe, e em quasi todas se encontra ou no principio, ou no meio ou no fim a labial *m*.

(1) *Oīcos*, *Oixiz*.

(2) *Hxv*.

(3) *Tó*.

(4) *Tōπxv*.

(5) *Aīōs*.

(6) *Kīρios*.

(7) *Mūcīz*.

(8) *Māia*.

« Ora, para que se diga que duas línguas tem semelhanças, ou que uma é derivada da outra, não basta que nas duas línguas hajão termos parecidos representando em ambas a mesma idéa, e palavras compostas com a mesma analogia. Ninguem dirá que a palavra *boya* ou *bóia*, que no guarany significa certa cobra, seja tomada do latim, onde vemos a palavra *boa* ou *bova*, que significa uma serpente aquática e assás grande! Convém, para que se dê tal semelhança, que as idéias primitivas, em ambas as línguas, tenham signaes analogos ou semelhantes, como vemos nos dialectos do latim, isto é, no portuguez, hespanhol, italiano, francez, etc., etc., e é o que se não dá no guarany e nas línguas, cujas semelhanças querem alguns achar. Assim, penso que pelas línguas falladas na America nenhuma descoberta se pôde fazer sobre a origem destes povos; porque quando se encontrão nestas línguas palavras que fazem recordar palavras iguaes, ou quasi iguaes de outras línguas, o embaraço cresce na pesquisa que então fazemos. Por exemplo, a palavra *abba* em syriaco significa *pai*. Jesus Christo, orando no jardim das Oliveiras diz: *Abba pater, omnia tibi possibilia sunt, etc.*, *ab* tem a mesma significação em hebraico; mas os filhos dos escravos não podião usar desta palavra, pois só podião servir-se della os filhos legítimos que sabião o nome de seus pais. O termo *aba* encontra-se também no guarany, já solitario e já compondo palavras, signaes das qualidades de algum homem, como: *Abā moacara, homem nobre*; *abā teilé, homem humilde*; *abā puxi, homem velhaco*, etc.: mas *abá* por si só significa cabello! e no entanto homem é *apyába*, onde ainda se encontra esta componente *aba*!

« Assim, penso que todos os trabalhos intentados para descobrir a origem dos Americanos por meio de seus idiomas é infructifero. É uma mania o querermos por força em certas línguas achar vestígios do hebraico, chaldaico, egypcio, grego, etc.; como so aquelles que formarão estas nações, quando as forão formar, do ponto donde partirão, já não levassem um idioma por meio do qual se entendião! Talvez que mais tarde, quando forem melhor conhecidas as principaes línguas americanas (chamo principaes as que são mais geralmente falladas), se encontre algumas analogias entre elles e algumas línguas asiaticas; mas quando se não encontrarem, nem por isso o facto será mais admirável. Os meus companheiros questionavão os Indígenas ácerca de sua origem, tempo em que vierão

para a America, como, donde vierão, e a razão da sua cér. Quanto á sua origem, tempo em que vierão, como, e donde vierão, parecem perguntas sensatas; mas a respeito da cér parecia-mo uma pergunta extravagante, visto que os Indigenas da America não são os unicos homens de pelle differente. Os Indigenas respondião a esta ultima pergunta ainda com maior extravagancia, atribuindo a sua cér á sua vida nomada e exposta aos ardores do sol. Quanto ás outras perguntas, respondião que seus maiores vierão de longes terras e embarcados; mas não dizião donde tinham vindo, nem em quo tempo, e nem onde desembarcárão. Tinham também vagas noções, mas misturadas de fabulas, do diluvio. Esta ignorancia dos incolas americanos tem feito nascer conjecturas sobre elles, e sobre a America as mais desconxavadas que se podem dar. Tem-se pensado pois que estes povos são oriundos dos Phenicios, dos Carthaginezes, dos Egypcios, dos Indios, e não sei mais de que. Tem se pensado que vierão para a America por meio dessas immensas ilhas que existem no Pacifico entre Asia e America, outros que passarão o estreito do Berhing, etc.etc. Fosse porém como fosse, penso que este acontecimento, a vinha dos Americanos, é um facto remotissimo, e que não foi uma única tribu que para a America veiu, mas muitas. Ora, como a emigração destas tribus devia ser muito anterior aos tempos historicos; como elles nem sabião bem donde havião partido, porque essa emigração ou trajecto devia durar talvez séculos, por onde, nem para onde ião; e como além disto não conhecião meio algum de registrar nem do conservar a memoria do seus acontecimentos, resulta disto a impossibilidade de conhecermos sua origem, o como e quando vierão: e assim tudo quanto sobre a Amorica só tem dito não passa de conjecturas mais ou menos absurdas. Ora, as tribus ou grandes famílias, que após da dispersão das nações começáram de mover-se de um para outra parte, leváram por algum tempo uma vida nomada, errando som saber por onde, até que se fixáram em um ponto, os que se fixáram: é exactamente o que aconteceu com os primeiros povoadores da China. Notai o espaço que atravessáram estes homens desde o valle do Sennaar, ou da Arabia, até á China, onde se forão estabelecer. Ali associados, começando logo a se darem á laboura, ás artes, sciencias, etc., não estiverão longo tempo sem descobrirem um meio de perpetuarem a memoria dos seus acontecimentos, e por conseguinte de encetarem a estrada da ci-

vilisação. Outro tanto aconteceu ás demais tribus que se forão estabelecendo pela Europa e Asia. Coni estes dados a critica nos leva a suppor que outras tribus, ou de indoles mais ferozes, ou que tomáram mais amor á vida nomada e independente, tornando-so por isso mesmo mais aventuroosas e mais arduas, não só leváram mais longe suas excursões, como que longe de adoptarem uma vida sedentaria, conserváram sua vida errante e incerta, vivendo da caça, da pesca, e dos fructos que as arvores produzem espontaneas. Então o que nos tolhe de admittirmos que estas tribus levassem as suas excursões, sem destino certo, até os confins da Asia para parte do Este, e que aqui atravessassem o estreito de Berhing, que divide a Asia da America? Isto parece-me menos gratuito do que suppor que atravessassem o Pacifico pelas suas ilhas, ou que fossem Phenicios ou Carthaginezes, ou outro qualquer povo que se embarcassem para a America. Cumpre declarar que isto não era uma verdadeira emigração, como na meia idade fizeram os povos do norte da Europa para o seu meio-dia, porque estes povos que passarão para a America, é de crer que o não fizeram de propósito, mas casualmente, porque sendo sua vida sempre errante, nada mais faziam que passar de um para outro ponto, sem tenção de ficarem em um. Já se vê pois que desde que as nações se dispersáram, e que estas tribus começáram de divagar pela Asia até que passarão para a America, muitos séculos deverão ter passado. Ora, estes povos tendo endurecido n'uma vida errante, e talvez que em continuas guerras uns com os outros, tornando-se cada vez mais selvagens, certo que se não entreterão de sua origem, nem de acontecimentos a que elles não davão nimio apreço. Além disto, nada conhecendo de geographia, era impossível quo conhecessem o ponto d'onde primitivamente sahirão, por onde passáram, e onde ultimamente ficáram; eis o motivo de sua ignorancia á cerca de sua origem, etc., circunstâncias que não militam a respeito dos outros povos da Asia o Europa, porque se fixáram pouco depois da dispersão geral. Ainda mais, ó sabido que as tribus errantes em suas emigrações arrastão consigo outras tribus que encontrão, quando estas são menos poderosas. Isto também devia acontecer com as tribus que emigráram para a America. Então a critica pôde e deve suppor quo estas tribus, já muito numerosas, tendo chegado á America, se dividirão, segundo suas indoles e até interesses, adoptando umas uma vida

sedentaria e mais social, e outras ficando errantes. Isto pôde tambem explicar a diversidade de línguas e costumes dos Americanos.

« Quanto a mim, o erro commettido nas pesquisas feitas sobre a America e seus incelas consisto em quererem que esta parte do mundo seja povoadha muito menos tempo do que em verdade o é. Isto posto, não se segue daqui que não viessem á America alguns homens de pelle branca e barbados que aqui fossem trazidos por alguma tempestade, o que pôde explicar as historias dos Mancos, Bochicas, Viracochas, etc. Emfim, penso que a povoação da America é mais antiga do que se pretende, e que os primeiros povos que para ella vierão nunca havião na Asia formado um corpo de nação estavel e sedentaria.

« Foi no meio destas minhas indagações que fui chamado ; e apenas cheguei ao Rio de Janeiro, parti para a India em 1698, e durante oito annos que ali estive nada me aconteceu digno de referirso. O que eu soube ali de mais notável foi a historia dos Arandas, tal e qual a contou aquelle desconhecido a Filipe, ou Affonso Aranda, na noite do casamento de Baptista, mas não conheci pessoalmente a nenhum dos Arandas : pela historia contada por Filipe inferi que era elle mesmo Affonso Aranda ; mas quando tive esta sciencia já era tardé, já Baptista era marido da filha desso peccador impenitente : que fazer ?

« Em 1706 embarquei-me para o Rio de Janeiro em um navio portuguez. Feliz foi a nossa viagem até Moçambique ; mas defronte do Cabo da Boa-Esperança, em uma manhã, vimos um navio que o commandante do nosso reconheceu ser de Mouros. Ora, como o nosso navio, além de não ser de grande porte, não tinha feições de barco de guerra, aconteceu que o navio infiel demandou nosso rumo a todo o panno ; o nosso fez o mesmo. Logo que os dous navios estiverão quasi a meio tiro de peça, principiou o combate. O audacioso infiel, mesmo debaixo do fogo de nossa artilharia, entrou, e executou a bordagem, que cara lhe custou, em consequencia do logo de nossa mosquetaria. Uma nuvem de infies despenhou-se sobre o convés do nosso navio, onde forão recebidos nas pontas das espadas. Uma porção dos nossos tambem precipitou-se sobre o navio mouro. Os dous convézes transformáro-se em dous porfiosos campos de batalha. Era medonho de ouvir-se o resintim dessas armas, a grita dos pelejadores, e o

horroroso fragor do encontro de tantos homens que matavão e morrião gritando ! A furia do Crescente rivalisava dignamente com o valor das Quinas ! e como o numero dos musulmanos era muito superior ao dos chistãos, difficil era para estes a victoria, devendo não obstante ser cara para aquelles. Depois de um renhido e bem porfiado combate, pareceu que os Portuguezes, opprimidos pelo numero, começáro de afracar, e com effeito elles recuavão. Eu, que de joelhos diante de um crucifixo orava, dentro do tombadilho, em lugar donde devassava o combate, entendi que era chegada a minha vez de combater... ia pois batalhar por minha fé, pela minha vida, e pela minha liberdade : isto não podia offendere a Deus. Então tomo uma espada, e levando na mão esquerda o mesmo crucifixo, voo para o convés. Ahi levanto bem alto a imagem do Redemptor, para que todos a vissem bem, e arremettendo com furia aos infieis exclamo : « Christãos ! eis a imagem do vosso Deus !.... Jesus-Christo vos vê combater ! » Apenas pronunciei estas palavras os Portuguezes arrebatados, e com um denodo miraculoso, investem aos infieis bradando : « Aos infieis.... morrão os infieis !.... Victoria ! victoria ás Quinas !!!... » O impeto com que os nossos investirão aos contrarios foi tal, que todo o furor e audacia dos Mouros não puderão sustentar, nem por um instante, o embate de guerreiros que se acreditavão auxiliados por seu Deus ! Os musulmanos recuão, e os christãos os levão de vencida até seu navio, onde todos se reunem ; mas ahi mesmo não podem supportar a impetuositade e a valentia dos filhos dos vencedores de Ourique ! Descreve-se uma accão grande, uma accão extraordinaria, e até bella ; mas uma accão verdadeiramente sublime.... essa pôde ser imaginada, sentida, mas descripta não, não é possivel ! Não ha pois pincel que possa pintar, nem pena que possa descrever os prodigios de valor obrados neste dia em que o Senhor derramou sobre seus servos as suas misericordias ! Não, não erão os Portuguezes que combatão ; elles são valentes, é verdade, mas as proezas, as façanhas, que com tanta cordura forão obradas neste dia.... não podião ser obra de homens ! quem sabe se o anjo exterminador aqui batalhára, como n'outro tempo o fizera contra o exercito de Senaquerib ! Emfim, os Mouros que se não lançáro ao mar rendêro-se á discrição, para serem poupadoss pelo ferro vencedor do Luso furioso ! Quando o grande estrondo da peleja diminuiu, ouvimos sons de ca-

dças que se agitavão no porão do xaveco, e gritos vitoriando as Quinas. No mais renhido do combate eu havia recebido no braço direito, junto á mão, uma larga ferida. Era preciso retirar-me para pensar a miinha ferida; mas no momento em que o ia fazer, ouvi, partida do xaveco, uma voz que me não pareceu estranha; esta voz dizia: — Christãos, salvai os prisioneiros christãos. — Esta voz, que me parecia um tanto abafada, suffocou-se imediatamente. Então uma turma de Portuguezes precipita-se ao interior do navio mouro, onde salvárao os captivos, como o contára Filipe, e forão testemunhas daquelle scena muda junto ao paiol da polvora, entre o Mouro que tinha o morrão aceso, e o marinheiro velho. Em quanto tudo isto se passava no navio dos Mouros, eu estava no tombadilho do nosso navio, onde a minha ferida era pensada. De repente os nomes de Renato e de João do Prado soárao a meus ouvidos; a estas palavras vôo ao convés, e o que vejo?... João do Prado, com os olhos cheios de lagrimas, cobria com seu corpo a cabeça de Renato, ameaçada por mais de vinte espadas erguidas sobre ella; enquanto elle em pé, soberbo e tranquillo como uma palmeira em um dia sem vento, e com os braços cruzados, dizia apenas: — Ferí, cães!!! — Apenas dei com os olhos neste espectaculo, bradei: — Renato.... meu Renato!!! — O' meu Deus! o padre Chagas!... exclamou João do Prado correndo para mim. Renato, correndo tambem para mim com os braços estendidos, disse com effusão: — Chagas!!! meu amigo.... — Eu só pude levantar os braços para abraça-los, e cahi sem sentidos nos braços delles. Foi nesta occasião que Filipe me viu, e julgou-me morto, segundo vos disse, accrescentando que me havia conhecido na India, o que não duvido, bem que me não lembro de o ter visto. Quando tornei a mim um navio portuguez, que tambem navegava em o nosso rumo, e que ia para Lisboa com escala pelo Rio de Janeiro, chegando á falla do nosso, levou parte dos homens que tinhamos libertado do navio infiel. Renato não saiu mais do meu lado. Quanto a João do Prado, era este um marinheiro que longo tempo andára com meu tio, aquelle que trouxera Ismael para Lisboa. João do Prado estava no navio que mou tio comandava, quando salvou Ismael da morte e o trouxe consigo. Renato contou-mo então a historia do sua mystoriosa fuga: disse-mo elle que una noite foi tirado da prisão polo carcereiro, o posto em um quarto á parte; que ali nesse quarto ontráriu um vulto, e sem lhe dizer nom

meia palavra tomou-o pela mão, e o foi levando: Renato seguiu-o mudamente. Ambos guardando o mais profundo silencio, caminhárao para o cais do Largo do Palacio, e ahi embarcárão-se em um bote, que parecia espera-los. O mysterio deste acontecimento, o mutismo deste sujeito, fizerão presumir a Renato alguma cilada: não obstante, elle se deixou levar. O bote atracou a um navio, para o qual o fizerão saltar. O desconhecido, que o levou até este navio, no mesmo bote voltou para terra. Renato ficou nesta embarcação nem solto nem preso, mas sendo bem tratado. No outro dia o navio levantou ferros, e fez-se de vela pela barra fóra. Durante toda a viagem quasi que ninguem lhe deu palavra, apezar de ser a bordo bem tratado. Ninguem lhe disse para onde ia, nem para que, ou pelo que: este procedimento augmentou-lhe o odio ao nome christão, odio que elle havia começado a conceber desde sua injusta prisão. Renato, a bordo deste navio, lembra-se de que quando fôra preso proferira estas palavras: « Quando Mahomet mostrara a verdade e a innocencia do seu servo, se Jesus-Christo é verdadeiro Deus, elle mandará o arrependimento ao seu coração, e os remorsos á sua alma! » Em consequencia destas palavras acreditava pois que ia remettido para o Santo-Officio, que o faria morrer em um auto de fé. Renato havia promettido a si mesmo renegar a religião christã, e tornar-se cruel inimigo dos christãos, se dentro em um mez a sua innocencia não fosse provada: elle esteve preso tres, pouco mais ou menos, sem que a sua innocencia apparecesse. Considerando-se entregue ao Santo-Officio, concertou consigo de morrer antes morte de agua que de fogo ou entre torturas, e firme neste proposito assentou seu plano. Como conhecia Lisboa, determinou de lançar-se ao mar, se o navio entrasse a barra daquelle cidade. Firme estava neste plano, quando não muito longe da Rocha foi o navio acommettido por um xaveco; e apena este deu a bordagem, Renato salton para elle bradando: — Não ha Deus senão Deus! Mahomet é o seu propheta! — e combateu em favor do Cresconte com tanta bravura, que em grande parte a victoria so lhe deveu. Nesse combate recebeu muitas feridas, de que esteve quasi á morte. Dahi foi para Argel, onde se embarcou em um xaveco com o fim de fazer aos christãos uma guerra cruel, abraçando do novo o islamismo!

« Logo quo Renato acabou esta historia, bradei-ho como o Divino-Mestre: — Homem de fé mesqui-

nha, porque duvidaste?—(1) Renato, em um tom dogmatico, e com physionomia fanatica, respondeu-me com estas palavras do Alcorão:—*Se um homem máo vos der alguma noticia, procurai logo vos assegurar de sua veracidade; de outra sorte podereis causar damno a alguem, sem o saber, e depois vos arrependeréis.*—(2) A este versete accrescentou:— E elles acreditáro nas calumnias de um malvado, que não sei quem seja, mas que só quiz perder-me! Vós me repetis palavras de Jesus, o filho de Maria, e seguis vós o seu livro? *Recomendareis aos outros as boas acções, e todavia vós mesmos vos esqueceréis delas? entrelanto lêdes o livro,* (3) *e o comprehendereis vós?*—Renato, lhe disse eu, não quero entrar contigo em discussões sobre as doutrinas do Evangelho o do Alcorão: se eu quizesse fazer a comparação destes dous livros, resultaria dahi uma profanação para o livro sagrado dos Evangelhos; porque o vosso livro é a obra de um homem, e o nosso a de um Deus! Porque era Deus aquelle que disse: « *Eu sou a luz do mundo; quem me segue não anda em trevas, mas terá a luz da vida!* » (4) Renato, assás precipitado andaste assim procedendo. Nada tens que allegar em favor de tua apostasia senão a tua precipitação; pois nem podes allegar que o islamismo foi a tua primeira religião....—E não foi? perguntou-me elle.—Foi, lhe respondi: mas salvo á morte pelos cristãos, feito seu prisioneiro nos teus primeiros annos, nada nesse tempo conhecias do Alcorão! Ainda menino, recebeste o baptismo; a luz do Evangelho desceu sobre ti, porque o Senhor te julgou digno della e de suas misericordias! Desde menino membro da religião christã, nesta religião achaste um novo pai e uma nova māi! Amor, protecção, amigos, tudo quanto é mister á vida, tanto espiritual como temporal, Renato, achaste n'uma faimília christã, onde tomaste o terrissimo logar de filho! Privado da liberdade, por uma calunia esqueceste a tua verdadeira religião, isto é, o Evangelho, porque do Alcorão nenhuma sciencia tinhas! Esqueceste que a mais bela qualidade do christão é a paciencia nos sofrimentos; esqueceste emfim que o Senhor folga do

provar os seus escolhidos, e acrysolar suas virtudes no crysol dos trabalhos! Como so a calumnia sofrida por ti fosse um efecto de tua religião, como se qualquer christão não fosse tantas e tantas vezes calumniado, esqueceste que a paciencia era um dos fructos do Espírito-Santo! Em consequencia de uma calunia calcaste aos pés as mais bellas virtudes de uma alma christã, isto é, a Fé, a Esperança e a Caridáde! Calumniado e preso, duvidaste da Divindade de Jesus Christo! não acreditaste em sua infinita misericordia, e insultaste a religião de teus bemfeiteiros, de teus amigos, de tua amante e de teu filho! Não tiveste fé em Deus nem nos homens! Sem fé, perdeste a esperança da liberdade; e sem esperança, não tiveste a caridade de humilhar-to até que triumphasses, quando apparecesse a tua innocencia!.... — Que dizes, Chagas? perguntou-me Renato: e essa calunia não me levaria á fogueira, se eu me não evadisse?! — Ao que lhe respondi. — Se fosses á fogueira, Renato, não era essa calunia o que lá te levaria, mas sim a tua blasphemia: essa mesma porém não te levou a essa morte horrivel.... — Bem sei, tornou-me elle, mas é porque me soube evadir a tempo.... — Renato.... disse-lhe eu em um tom muito solemne, estais enganado. Se quando sahiste da cadéa do Rio de Janeiro sâhissem para as prisões do Santo-Offício, não ficarias em liberdade nesso navio que te conduziu. Mettido no porão, posto a forros, ois como irias. Um homem desarmado, sendo noite, não te levaria da cadéa para bordo de um navio. Se fosses um preso do Santo-Offício, preso e bem preso, guardado e bem guardado, tu te não evadirias; teus guardas levar-te-ão ao teu destino, porque não seria um pequeno navio mercante o que te conduziria a Lisboa: seria um navio possante, a que nem se atreveria o xaveco, ao qual suppões que deves a liberdade. Agora, ingrato... sabes ao que deves a tua liberdade? Sabes? tu não sabes.... pois bem: deves á religião de Jesus Christo! deves á religião á qual com tanto furor e tão encarniçado perseguies....

« Renato, que estava assentado, deu um salto de seu assento; e pondo-se em pé diante de mim, com os braços cruzados contemplou-me em silêncio por alguns momentos. Depois, tendo exhalado um suspiro, com uma voz meia abafada disse: — Chagas.... tu já não és nem podes ser meu amigo, como n'ontro tempo o eras.... — E porque? perguntei-lhe eu.— Porque hoje, respondeu-me elle, és sacerdote da religião que abjurei! ... és christão,

(1) *Modicæ fidei, quare dubitasti?* [Malt. XIV, 31.]

(2) Koran XLIX, 6.

(3) O livro, tomado absolutamente no Koran, significa qualquer livro revelado, como o Pentateuco, fallando aos Judens; o evangelho aos cristãos, etc. Koran II, 41.

(4) *Ego sum lux mundi: qui sequitur me, non ambulet in tenebris, sed habebit lumen vita.* Joan. VIII, 12.

e eu musulmano: em si, sou um apostata, um renegado!....—Não, Renato, tornei-lhe, se eu pudesse hoje ser ainda mais teu amigo do que o fui, eu o seria, porque nunca tu precisaste de mim como ora precisas!....—Não te comprehendo! disse-me elle admirado.—Eu o sei, respondi-lhe, porque tu não comprehendes toda a sublimidade de minha religião! *Eis que muitos publicanos e pecadores que chegavão assentavão-se á mesa com Jesus e com seus discípulos; e o que vendo os Pharisæus, dizião aos discípulos: « Porque come tuo mestre com os publicanos e peccadores? »* Porém Jesus ouvindo disse: « Não necessita de medico o que está sô, mas sim o que está enfermo. » (1) Estas palavras põe elle mais claras, dizendo depois: « Não vim pois chamar os justos, porém os peccadores. » (2) Até agora eu te devia amizade; mas hoje tambem te devo soccorros....—Perdão, Chagas.... me disse Renato, eu quero a tua amizade, porque tu és bom; o teu socorro não, porque delle não necessito.... Eu estou bem: a minha religião é boa, e tão boa como a tua....—Tão boa como a minha não, Renato.... tornei-lho eu. Os navios de minha religião percorrem os mares trocando mercadorias; os da tua escravizando homens! Os teus pregão o teu Alcorão com a espada, os meus pregão o meu Evangelho com a palavra. Renato, o Filho do Homem não veiu á terra para fazer o homem desgraçado, veio para fazê-lo feliz! veiu ensinar o homem a exaltar-se por meio da humildade; a santificar-se por meio da paciencia! veiu ensinar o homem a ser sabio, ensinando-o a crer e esperar, porque a verdadeira sabedoria é crer e esperar! veiu ensinar o homem a ser homem, ensinando-lhe a Fé; veiu ensinar o homem a relacionar-se com a Divindade, ensinando-lhe a Esperança; veiu ensinar o homem a elevar-se a Deus, ensinando-lho a Caridade! assim humanisandose para elevaraté a sua altura a humanidade, e para ser elle mesmo o sou mestre: iguala o homem a seus olhos, quebra a cadea dos captivos, rehabilita a mulher, divinisa a liberdade, o santifica a obediencia, o abençoa o trabalho! Renato... para arran-

(1) *Ecce multi publicani, et peccatores venientes, discubebant cum Iesu et discipulis ejus.*

Et videntes Pharisæi, dicebant discipulis ejus: Quare cum publicanis et peccatoribus manducat magister vestor?

At Jesus audiens, ait: Non est opus violentibus medicis, sed malè habentibus.

(MAT. IX. 10, 11, 12.)

(2) *Non enim veni vocare justos, sed peccatores.*

(MAT. IX. 13.)

car o mundo ao turbilhão dos crimes em que negrejava antes da vinda do Messias, e plantar nelle as sábias, pacificas e nunca vistas virtudes plantadas pelo Filho do Eterno, era mister ou ser um Deus, ou o mais habil de todos os guerreiros e politicos, seguido de um numeroso e invencivel exercito: e no entanto o Filho de Maria, como lhe chama o vosso Malomet, não ligou-se a um unico soldado, porque elle disse a seus discípulos: « *E quando alguém vos não receber, nem quizer ouvir os vossos discursos, retirando-vos de sua casa ou cidade, sacudi o pó de vossos pés.* » (1) Ao contrario o vosso profeta, repellido pelos idolatras, foge de Meca: sabendo que uma caravana de Koreichites se approximava de Medina, saiu a ataca-la em Bedr, onde a bateu: assim de sortida em sortida, mudando as inspirações do propheta nos planos do guerreiro, chega a reunir um exercito com que mais tarde, á força de armas, se apodera de Meca, onde sobre um camello entra triumphantemente, depois de ter sete vezes rodeado a Kaaba! Accusa, Renato, accusa Jesus Christo da menor violencia... Educado na religião christã, tu leste os nossos Evangelhos.... Pois bem: accusa a Jesus Christo! Renato... aquelle que, purificando a Dimas no fogo do arrependimento, o arrebatou do patibulo do malfeitor ás glórias do justo; aquelle que, santificando a peccadora publica nas chamas do amor celeste, tirou-a d'entre os andrajos da devassidão, dos vicios e dos crimes, para collocá-la entre as puras do céo, só tinha palavras de amor, repreensões de clemencia, e feitos de paz! Renato, apenas preso, blasphemaste a religião christã; livre em consequencia de tua evasão, cego, e desesperado, perseguieste impia e atrozmente os membros desta religião! e todavia é a essa religião que insultaste, a essa religião que apostalaste, a essa religião que com tanto furor persegues, que devesa liberdade! impossivel!.... impossivel! bradou Renato!—Impossivel dizes tu! tornei-lho eu. Pois bem, então escuta.

« Então contei a Renato o que aconteceu na enfermidade de Domiciano, e tudo o que se seguiu, e que já vos disse. Depois prossegui:

« — Estava reconhecida a tua innocencia á cerca do furto das meias dobras; mas tu tinhas blasphemado contra a religião christã, duvidando da divindade

[1] *Ut quicumque non recuperit vos, neque audiuit sermones vestros: excantes foras de domo, reditatem, excutite pulverem de peleibus vestris.*

(MAT. X. 14.)

de Jesus Christo ; infelizmente essa blasphemia havia sido publica : os caixeiros da casa a tinham ouvido, e o caso se tinha espalhado pelo Rio de Janeiro ; em consequencia meu tio não so atrevia a pedir por ti, nem a allegar a tua innocencia. O padre Jeronymo, que havia confessado a Domiciano, nada quiz aconselhar a meu tio, sem ouvir o seu provincial, o bispo e o governador ; o provincial, segundo depois soube, aconselhou o padre Jeronymo quo dêsse de mão ao teu negocio. O bispo julgou que o caso pertencia ao Santo-Officio ; mas creio que meu tio concertou com o governador a tua fuga. Alguns dias depois tu desappareceste da prisão sem saber-se como. Com este acontecimento eu assustei-me e affligi-me. Meu tio, notando isto, tomou-me á parte, e contou-me todas estas cousas, dizendo que a tua innocencia sobre o furto estava provada ; o como não me disse elle : mas que temendo a tua perda por parte do Santo-Officio, comprára o carcereiro, e quo por uma pessoa mandou-te levar a bordo de um navio, em cujo capitão muito confiava, para levar-te a Lisboa, ahí entregar-te uma quantia que para ti lhe havia dado, e deixarte em liberdade. Ora, essa quantia sei eu que foi entreguo a meu tio quando o mesmo capitão voltou ao Rio de Janeiro. Agora, Renato, a quem deves a tua liberdade ? — Renato, deixando cahir a cabeça sobre o peito, esteve por alguns momentos em silencio ; depois perguntou-me : — Como se provou a minha innocencia ? — Provou-se, porque na religião de Jesus Christo o calumniador não pôdo gozar da bemaventurança sem confessar a calunnia, e reparar o mal que commetteu contra seu proximo ! porque o Senhor escreveu em suas leis « Não levantes falso testemunho contra o teu proximo. » Renato, se um catholico romano não tivesse a consolação de aos pés de um sacerdote, fazendo as vezes do Deus, expor seus erros, seus crimes e seus desmanchos ; se não tivesse o direito de, pela bondade e misericordia de Jesus Christo, roparando o mal feito aos outros, obter a absolvicão de sens peccados ; Renato, a tua innocencia não seria provada, nem tu recuperarias essa liberdade, da qual abusaste contra aquella religião, em consequencia de cujos preceitos appareceu a tua innocencia !

« A estas minhas palavras Renato nada respondeu. Com os braços cruzados, a cabeça baixa, e os olhos fitos no chão, Renato conservou-se por um ou dois minutos no mais profundo silencio. Então eu lhe disse : — Renato, que me dizes agora ? — Elle em

toin soleumne, mas doloroso, tornou-me. — E' meu amigo ? — Duvidas ? lhe perguntei eu — Responde, me tornou elle : é meu amigo ? — A prova não parece evidente, lhe returquei. Adoptei teu filho... e... — Basta, bradou-me elle. A prova é evidente. Juras fazer-me um favor ? E' o ultimo que te peço em nome da nossa amizade. — Estás em minhas mãos ? perguntei-lhe — Se não estivesses, respondeu elle, eu t'o não pediria. — Estás servido, disse eu. Falla. — Somos amigos, somos irmãos... podes tudo em minha alma ; mas não falemos mais sobre a tua religião.... — Renato !... exclamei eu. — Chagas... bradou-me elle em um excesso de exaltação, a minha cabeça se despedaça, meu coração escala meu peito... Chagas.... meu amigo ! tem compaixão de mim..... Só indulgente com um desgraçado.... ao menos por um momento ! — Tranquillisa-te, lhe disse eu, saberei respeitar a tua dor !

« O golpe que eu havia recebido no braço junto da mão determinou a perda da mesma, mas a minha ferida ia maravilhosamente. No logar onde então navegavamos, as calmarias podres porfriavão em não tirar-nos do mesmo logar. Uma tarde o céo estava coberto de nuvens, amontoadas umas sobre outras ; mas estas nuvens, pequenas e desligadas, apresentavão no immenso espaço uma ondulação continua e escabrosa, e por entre algumas aberdas desse mar de nuvens lá se divisava um fundo escuro e medonho : essas nuvens, entremeadas de brancas, escuras e quasi negras, tinham um aspecto emphatico e ao mesmo tempo melancolico. Os marinheiros, á vista delle, repetião o antigo dictado : « Céo pedrento, ou chuva ou vento. » A lua (era em vespera de cheia) arredondada, levantou-se de seu horizonte alogueada como um ferro que o ferreiro levanta da fbrja para na bigorna molda-lo, a golpes de malho ou de martelo, á obra que elle tem imaginado. A noite correu sem novidade, apesar das nuvens que cobrião a face do céo. O dia amanheceu brusco ; e o sol, envolto em uma atmosphera embaciada, surgiu despido de seus raios, e como ensanguentado ; o céo estava salpicado de nuvens de ouro, de rosas, e algumas de um amarelo desmaiado ; pouco a pouco estas nuvens esvaecêrão-se, mas o dia continuou a correr como enfumacado. Pelas nove horas da manhã não havia em todo o céo, cuja face viamos, uma unica nuvem.

« A calmaria era podre. As velas pendentes das vergas, ora se afastavão dos mastros, ora bambament batiam nelles, acompanhando o monoton

movimento do oscillar do navio, sempre arfando no mesmo logar. Pelas onze horas, da parte do sul algumas nuvens erguerão vagarosamente suas brancas frontes lá do horizonte, onde apparecião assentadas, como mirando o vasto espaço do oceano que diante della se revolvia mansamente, mas quo a olhos vistos tomava uma cõr escura e medonha. A mór parte das velas estavão pendentes das vergas, e expostas ao vento ; o piloto consultou com o capitão sobre se devião por cautela mandar ferrar parte dellas. Nesta consulta uma rajada de vento cahiu inesperada e impetuosa sobre os pannos do navio, enfunou-os ; o navio, batido pelo tu-fão, gemeu, escorregou um instante para diante ; e não podendo supportar o peso do velame, demaisiado para tanto vento, colhido no embate de dous mares, estacou como ajoujado ! Correu-se á manobra de ferrar os pannos, mas já era tarde ! Outra refega mais vehemente que a primeira adernou o navio. Tudo quanto estava sobre o convés es-corregou para o sotavento ; augmentado assim o peso desto lado, ficou elle com este bordo debaixo d'agua. Já não era possivel colher as velas, nem restabelecer o equilibrio do navio ; a perda era sem remedio : o bordo de sotavento cada vez se mergulhava mais ; o navio ia sossobrar-se.

« Os marinheiros, sem a nada mais attenderem, sem ouvirem, nem obedecerem já a pessoa alguma, cortáron as boças á lancha, e n'um turbilhão frenetico a ella se lançáron. Em quanto os marinheiros assim procedião, o capitão, piloto, contra-mestre, Renato, João do Prado e eu, tambem cuidando em a nossa salvação, lançavamos ao mar um escaler. A lancha em que os marinheiros e algumas pessoas saltáron não podia conter tanta gente ; mas, como ó natural, cada um, cuidando na sua salvação, e não se importando com a perda de todos, todos e quasi a um tempo precipitáron-se na lancha, quo perdendo o equilibrio a tanto peso, o tão mal combinado, sossobrou-só tambom ! E sem illos poder valer vimos morrer assim tantos.... tantos ! ... »

O Rev. Chagas enxugou aqui uma lagrima, e depois proseguio :

« Nós, os seis que nemooi, ombarcámos no escalar, descendo a elle pola pôpa do navio ; e como ahí havia algumas frutas, uma quantidado de bolacha, e alguns vasos do agua, tomámos estas munições, e as puzemos no escalar. Desligados do navio, comocámos a vagar nos mares. Quatro d'ontro nós remavão, o um descansava para depois substituir a um dos remadores. Eu tinha uma só mão, e por

isso não remava. A tempestade continuou a bater os mares, mas sem grande violencia ; ella escam-pou-se perto do romper do dia. Logo que amanheceu o dia, o piloto disse-nos que visto o ponto em que nos achavamos, não poderíamos alcançar terra senão no cabo de sete ou oito dias ; que os viveres que tinhamos era provimento para dous dias, visto que se devia devidir por seis ; que acabados estes viveres e agua, tinhamos que sofrer fome e sede cinco ou seis dias, o que não era possivel ; que assim tomassemos em consideração as suas razões, e resolvessemos alguma cousa. Renato, ouvindo isto, levantou-se e disse :—Não, senhores, os vos-sos viveres deverão durar mais algum tempo, por-que elles não são para seis pessoas, mas para cinco. Não penseis porém que eu me sacrifico por vós.... Estou cansado e aborrecido de viver.—E olhando para mim, e enxugando uma lagrima, disse :—Vela sobre meu filho, e Deus premêe as tuas virtudes. E vós outros sêde felizes, e Deus vos proteja !—Renato, que fazes ? bradei eu.—Era tarde : elle disse, e lançou-se ás ondas.... Eu atirei-me tambem ao mar, e cahi junto delle. Renato, que nadava per-fectamente, sostido sobre as ondas, vendo-me no mar junto delle, exclamou :—O que queres, Chagas ?—Salvar-te, ou morrer comtigo !—Os quatro que no escaler tinhão ficado, tocados dos sublimes extremos desta amizade santa, remáram para nis gritando :—Morramos todos, ou todos nos salve-mos.—O escaler chegou junto de nós. Renato, lançando uma mão á borda, quando eu tambem lançava a minha, disse :—Amigo generoso, vive, vive tu, e deixe-me morrer....—Pois morre, tornei-lhe eu, morre.... mas não podes privar-me que eu morra comtigo !—A este tempo os quatro nos sus-pendêrão, e nos puzerão no escaler.

« Depois que ahí nos achámos recolhidos, disse o capitão :—Mens amigos, nós nascemos todos para morrer, e esta lei será irremediavelmente completa ou mais cedo ou mais tarde : assim fiquemos aqui todos, entreguemo-nos a Deus, o esperemos com resignação a nossa hora. Venha pois a morto ou a salvação ; qualquer delas, se vier, venha para todos.

« Todos approvarão o discurso do capitão. Eu en-tão disso :—Morte ou salvação ! nem nos é dado es-perar mais ! Ou a salvação, que deve tirar-nos des-te maras, ou a morte, que nos deve abyssmar para sompro nelles ! Morte ou salvação ! são duas pa-lavras de mysterio ! o bem tremendo que é elle ! Quem sabo porém so a nossa salvação é a vorda-

deira morte, e a nossa morte a verdadeira salvação? Quem sabe se era este momento o momento mais azado para a morte do nosso corpo e salvação de nossa alma! Que somos nós neste mundo? As flôres de um valle. A belleza, o talento e a virtude são essas flôres quo com seus perfumes embalsamão os ares; a fealdade, a estupideza e o vicio são essas flôres inodoras que desabrochão e morrem sem que os insectos amantes das flôres deem fé de sua existencia; e os crimes são as flôres que, odoriferas ou inodoras, occultão em seus calices um succo venenoso! Mas a duração das flôres é de um dia, tempo suficiente com efeito para comunicarem seu veneno, e derramarem seus perfumes! Que importa uma longa duração? Morrer hoje ou amanhã ó tudo o mesmo! A hora derradeira absorve todas as suas vicissitudes! Velhice ou mocidade, sabedoria ou ignorancia, riqueza ou inopia, nobreza ou plebeismo, tudo ahi se confunde, e só a virtude se distingue, só o bem não perece nesse total diluvio das cousas do homem, porque desse diluvio só resta o que se relaciona a Deus! Lembramo-nos aqui de sacrificar uns ao bem de outros, porque acreditamos que dous ou quatro poder-se-hão salvar, e não seis.... é um calculo humano bem trivial; as cifras provão suficiente que o que gastão quatro não gastão seis, e a pouco mais vai a sabedoria humana, tão amesquinhada é ella; mas bem pouco sabe aquelle que, todo positivo na sciencia de suas cifras, não se lembra que o zero representa tambem o infinito. Calculamos os nossos viveres, e como não chegão para todos, dizemos:—Morrão uns para o bem de outros.—Nada mais facil; mas quem prometeu o dia de amanhã aos que ficão? Contar com elle, é contar com o que não é nosso, com o que não temos, e nem sabemos se havemos de ter! Mais justo e mais nobre fôra lembrarmo-nos só do dia de hoje, e apparelharmo-nos para morrer dignamente, isto é, dignos de Deus e dignos de nós mesmos! Dignos de nós mesmos, examinando atenta e escrupulosamente os nossos peccados; e dignos de Deus, humilhando-nos diante delle, e pedindo-lhe perdão de nossas culpas.

« Qual o nosso destino depois da nossa morte? Será elle tão escuro como pretende o que nega a fé á revelação? De onde viemos nós? Para onde vamos? Sem duvida nós voltamos para o mesmo ponto do qual ponto sahimos, e este ponto é Deus, principio, meio e fim de todas as cousas: sahidos de seu seio, nos foi dada a liberdade para com ella glorificarmos as nossas acções; e esta liberdade é a luz bri-

lhante que, ajudada da graça, outra vez nos leva ao ponto donde sahimos, ou faz com que para sempre o percamos, se a misericordia de Deus não vem em nosso socorro: assim fiados na bondade do Eterno, convém que uscemos desta liberdade, de modo que voltemos ao ponto donde sahimos tão puros, ou quasi como quando sahimos!

« Com estas e outras reflexões minhas os meus companheiros de naufragio se reanimárão. Houve um momento de prazer real ou ficticio; como fosse, nesse momento trocárão-se algumas palavras alegres e ditos jocosos. Depois reinou o silencio. Durante elle João do Prado, que então remava, começou de cantar uma especie de canção, que nunca me esqueceu pela sublimidade de seus pensamentos, cadencia de seus versos, e harmonia de seu todo. Era assim:

Marinheiro, que adeus disseste á aniada,
Então que lhe disseste?
 Talvez lhe prometteste
Vê-la de volta á patria suspirada....
Mal foi feita a promessa consiada....
Em terra com ninguem se compromette,
Nem inda á amada a volta mais promette,
Marinheiro, que adeus disseste á amada!

Veja a morte nas ondas d'oceano,
 Sem sequer vacillar,
 Quem vai correr o mar,
Esse do nauta desposta tyranno!
No bramir da borrasca, ao vento insano,
Tu cantas no convés com altivo brio....
Quem sabe se amanhã teu peito frio
Veja a morte nas ondas d'oceano!

Esses que te são caros nesta vida
 Aperta em braços teus;
 Quem sabe se este adeus
E' derradeiro adeus da despedida!
Naufragas na tormenta desabrida,
Bebes a morte nesse mar profundo,
E nunca mais terás de ver no mundo
Esses que te são caros nesta vida!

Marinheiro, que adeus disseste á amada,
 Canta ao som da procella;
 Ouve a morte: por ella
E' a tua canção acompanhada!
Sobre as ondas a vida embaragaçada
Anda sempre com a morte denegrida:
Quem no mar anda só tem meia vida,
Marinheiro, que adeus disseste á amada!

« Pela volta das dez horas, pouco mais ou menos, o céo estava sereno e o horizonte claro. Nesse círculo pardacento e duvidoso, que limita as vistas do nauta, onde parece quo os céos, entestando nos

mares, descansão nelles a aba de sua immensa abobada ; para parte do norte um ponto equívoco marcava um ponto nesse círculo apparente. Do mesmo rumo em que se achava esse ponto um vento fresco começou a soprar ; pouco depois o ponto já não era duvidoso ; um navio apareceu em relevo no horizonte ; elle parecia demandar nosso rumo, como se viajasse para o Cabo da Boa-Esperança. A's duas horas, pouco mais ou menos, o casco do navio desenhou-se sobre as ondas : João do Prado disse, mas sem terror :—E' um xaveco de Mouros.—Conhecido o navio, o capitão propôz se lhe devíamos acenar ou não. Renato esteve sempre calado : cada um emitiu a sua opinião, e todas ellas erão que se acenasse. Com efeito o medo da morte venceu ao horror da escravidão : se a maior opinião fosse para se não acenar ao navio mouro, essa seria nulla, porque o navio viu-nos sem lhe acenarmos, o approximou-se do nosso escaler. Neste comenos foi quando Renato fallou, dizendo-nos :—Atraquemos a este navio, não insulteis a pessoa alguma dele : confiai em Deus, e elle fará o melhor. — Pouco depois estávamos no navio mouro : ahi fomos levados para o porão, onde achámos uns cincuenta e tantos companheiros de infortunio : fomos postos a ferros. Antes disto, quando Renato apareceu no convés deste navio, a maior parte dos que ahi estavão fizerão gesto de conhecê-lo ; mas o que parecia superior aos outros, não. Renato estava vestido á moda dos de seu paiz. Passáramo-se seguramente seis mezes. Renato não nos apareceu mais !

« Nós soffriamo o nosso captiveiro com resignação : nunca nos tiráram os ferros ; mas a exceptuar isto, em nada mais eramos maltratados. Os meus companheiros fallavão-me de Renato como de um ingrato ; a principio defendia-o, depois calava-me, e orava por elle. Um dia forão buscar-nos ao porão ; saímos, e quando chegámos ao convés estávamos em frente de uma cidade. Fizerão-nos saltar para um escalar, e conduzirão-nos para terra. Estavamo

em Argel. Ahi fomos com os demais captivos levados para uma especie de bazar. Foi então que comprehendi a sorte que nos esperava. Quando chegámos ao bazar era já noite ; recolhido a um canto delle, e separado de meus companheiros, orei por elles, pedindo a Deus que lhes dësse forças para supportarem suas desgraças e a crueldade do capti-veiro ; para que lhes dësse animo para se resignarem em seus padecimentos, e que sobretudo acrysolasse nelles a fé e amor á sua santa religião. Chorei pelo meu Renato, a quem eu ainda amava, apesar do seu esquecimento, esquecimento que me parecia lhe não ter merecido : orei por elle, como se orasse pelas almas de meus pais ! Pedi a Deus que lhe abrisse os olhos, e o trouxesse de novo ao gremio de sua santa religião. Depois prometti fervorosamente a Deus que se permittisse que, restituído eu á minha liberdade, visse ainda minhas filhas antes de morrer ; e que se tornasse Renato ao gremio da religião chistã, iria eu a Jerusalém visitar o seu Santo Sepulcro ! Depois de minha supplica deitei-me, adormeci, e dormi tranquillo até o amanhecer do dia. Pouco depois um Mouro veiu ter comnosco, e em um máo portnguez perguntou quem era Chagas ; appareci : depois chamou por João do Prado, e successivamente pelo capitão do navio *Estrella*, contra-mestre e piloto : tomando-nos á parte, sahiu comnosco do bazar. Apenas sahimos nos disse que eramos livres, e que declarassemos para onde queríamos ir. Perguntámos a quem devíamos a nossa liberdade. — Não sei, disse elle. Para onde quereis ir ? — Para Portugal, respondemos nós. Com efeito, este Mouro fez-nos embarcar, e pouco tempo depois desembarcâmos na costa do Algarve. Ahi fui forçado a receber uma bolsa com dinheiro, que dividi com os meus companheiros. Pouco depois me embarquei para o Rio de Janeiro, onde meachei em 1713, tendo eu os meus 59 aunos !

« Agora conveni que tomemos algum alimento e que descansenmos : bem vedes que já sou velho. »



CAPITULO V.

VIAGENS.

Os logares celebres pelos acontecimentos extraordinários são um monumento histórico que deleitão os olhos do ignorante, e instruem a alma do pensador e do sabio.

Os nossos viandantes, depois que se refizerão e descansáram, prosseguirão a sua viagem. O padre continuou assim a historia de sua vida :

« Chegado ao Rio de Janeiro, opinavão alguns de meus padres que eu não devia cumprir meu voto, porque tendo eu promettido ir a Jerusalém se fosse restituído á liberdade e visse minhas filhas, e se Renato voltasse de novo ao gremio da religião christã, se com effeito se havia verificado uma cousa, não se havia verificado a outra, porque dizão alguns que acreditando que essa liberdade fosse obra de Renato, e a liberalidade da bolsa, tanto elle não mudára de religião, que praticou esses bons actos sem se deixar ver, para que não fosse mais combatido por causa da sua religião. Esta opinião me parecia forte ; mas uma voz interna me arrastrava para os Logares-Santos ; e obedecendo a esta voz, obtida a licença, dispuz-me a partir.

« No anno de 1713 embarquei-me no Rio de Janeiro, e segui para Lisboa, onde cheguei sem o menor incidente. Em consequencia do tratado de Utrecht de abril desse mesmo anno, se havia firmado a paz geral entre algumas potencias da Europa : o ensejo para minha viagem não podia ser melhor. Embarcado em um navio francez, transporrei-me a Roma, querendo antes de seguir para Terra Santa beijar o pé ao Santo-Padre. Chegando a Roma, a capital do mundo christão estava agitada

pelo susurro que fizera a famosa bulla *Unigenitus* de Clemente XI, pela qual condemnou cento e uma proposições de Pascal Quesnel, que era um padre da congregação do oratorio do França, extrahidas das suas *Reflexões Moraes sobre o Novo Testamento*, comquanto houvesse vinte annos que corrião em França com approvação de Bossuet, bispo de Méaux e de Noailles, bispo de Châlons, e depois arcebispo de Paris e cardeal. Comquanto não venha isto ao caso, direi de passagem que, para o concilio-geral futuro appellárão desta bulla dezanove bispos de França, e mais de dous mil doutores das universidades do mesmo reino, tanto seculares como regulares, entre elles o cardeal de Noailles, arcebispo de Paris, M. Colbert, bispo de Montpellier, o padre Natal Alexandre, dominicano, e o abade Duguet, que fôra da congregação do oratorio de Jesus-Christo.

« Não sendo a minha missão ver a Cidade Eterna, apenas beijei o pé ao Santo-Padre deixei Roma, e em Ostia embarquei-me para Chypre. No Archipelago, ao passarmos pela ilha de Pathmos (onde Domiciano desterrára a S. João, o filho de Zabedeu), com os olhos pregados nesse mouticulo de terra rodeada das ondas do Mediterraneo, em um arroubo de enthusiasmo eu vi o predilecto do Divino-Mestre rodeado de uma aureola celeste, ou chama da inspiração, escrevendo os tremendos mysterios

dos dias derradeiros! A meus olhos figurava-se descendo dos céos á terra um anjo rodeado da nuvem, cercado do iris, com a face resplandecente como o sol, e seus pés como columnas de fogo! Com um pequeno livro em sua mão, seu pé direito firmou-se sobre os mares, e o esquerdo sobre a terra! Em meus ouvidos retumbou sua voz terribel, que rugia como a voz do leão, enchendo todo o espaço o som de sete trovões! Eu vi este anjo, que tinha seus pés sobre os mares e sobre a terra, levantar sua mão ao céo! Eu o ouvi jurar por aquelle que vive de toda a eternidade, que creou o céo e quanto nello existe; que creou a terra e o quanto ha nella; que creou os mares e o quanto elles contém, que os tempos estavão completos! Oh! era um extasis santo nascido á vista de um lugar que havia santificado o melhor amigo do Homem-Deus!

« Chegámos a Chypre, e tanto eu como mais alguns romeiros que tambem ião para Terra-Santa nos hospedámos em um convento de Franciscanos. Chypre! o que havia sido, e o que era agora! Chypre, essa risonha flôr de Venus, cujos voluptuosos perfumes embalsamavão esses mares, de cuja espuma se havia formado a deusa, encanto do Olympo! Chypre, essa harpa de amor tão harmoniosa de effusões lyricas, cujas cordas erão essas raparigas e mancebos dissolutos, temperadas sempre por desenfreadas paixões, e cujas oroticas notas tão requebradas, em enamorados devaneios ião-se suavemente misturar com as sedutoras ondas do mysterioso incenso, que amorosas rolavão sobre os alegres altares da deusa dos amores! Chypre, tão grata a Venus como Creta a Jupiter, como Delos a Apollo e Diana, como Naxos a Baccho.... o que era agora? Nada! nenhuma pedra de seu templo em Paphos, nenhuma nota perdida de seus hymnos, nenhuma molécula odorosa de seus perfumes, nenhum suspiro de seus peccaminosos sacrifícios!

« S. Paulo esteve não pouco tempo nesta ilha; ella foi testemunha de muitos do seus trabalhos. S. Bernabé lhe devia o berço.

« Logo que tivemos embarcação para Jaffa embarcámo-nos para esse porto, onde chegámos felizmente. Jaffa é a antiga Joppé, que era uma cidade da Palestina, sobre o Mediterrâneo: ora uma das mais antigas do mundo, de modo que se pretende que fôra edificada por Japhot, filho de Noó, quo lho dou seu nome. Foi neste porto que contra a ordem do Senhor, quo o mandava pregar om Níniye, embarcou-se Jonas para Tharsis. Iliram, roi

de Tyro, fazia abordar aqui os navios que, carregados de madeiras do Libano, enviava a Salomão para a factura do templo. Nesta cidade morava S. Pedro quando teve a visão referida nos actos dos Apostolos por S. Lucas: aqui resuscitou elle a Tabitho. Joppé foi arruinada pelos Romanos durante o cerco de Jerusalém, e della resta myito pouco.

« Tres dias depois partimos para Jerusalém. Estavamos pois nesta terra de prodigios, que o Eterno havia illustrado por uma serie de milagres, e a tinha santificado, mandando seu filho humanizar-se nela, e sacrificarse pelos hemens! Estavamos pois nesse immenso livro modelo, aberto até o dia derradeiro, e em cujas paginas as gerações lêrão o que de mais bello e de mais sublime tem sahido das bocas dos homens, porque essas bocas não erão senão orgãos dos pensamentos do Todo-Poderoso! Estavamos pois nesse código poetico, recheado todo de uma poesia sublime e divina, porque é a poesia do céo, inspirada por Deus a seus escolhidos, para ser lida por toda a eternidade! Variadas são as suas composições; mas o titulo é um e unico, isto é, *Fiat!!!* Duas epopéas sublimes abrem o magnifico livro! Duas epopéas divinas o fechão igualmente! N'uma epopéa, a tuba de Moysés revela-nos a criação; n'outra, ella nos releva que uma nação não deve ser escrava de outra nação! Eis as epopéas iniciaes. N'outra epopéa, a tuba dos Evangelistas canta a redempção! E na outra emfim a tuba evangelica santifica a igualdade e a liberdade do homem! Eis as epopéas finaes! Mas percorrei todas as outras poesias dessas paginas historicas ou parabolicas. Os hymnos de David coafundem-vos diante da magestade do Eterno! A resignação e a paciencia transluzem nas elegias de Job! A confiança no verdadeiro Deus assoma no idyllo de Ruth! O amor da patria illustra a canção de Judith! O poder da virtude é consagrado na ode de Esther! A colera do Senhor troveja no drama dos setenta annos de Babylonia! O verdadeiro heroismo é immortalizado nos canticos dos Machabeus! A verdadeira fé, a esperança sem limites, e a caridade a toda a prova ungem a egloga de Tobias! Finalmente uma dôr santa repassa as endechas de Jéremias!

« Entrai pois essa terra; esse livro, essa mystificação sublime ali está diante de vós, e por toda a parte ouvis trovejar de continuo o omnipotente *Fiat* do primeiro instante da criação!

« A pouca distancia de Jaffa passámos pela cidade de Ramá, ou, para melhor dizer, pelas ruínas que

forão outr'ora essa cidade. Ha nesta cidade ou ruinas um convento de franciscanos. Uma antiga tradição diz que ali fôra a casa de Nicodemus. Um templo dedicado outr'ora ao Baptista é hoje uma mesquita. Existem ainda as ruinas de um templo dedicado aos quarenta Martyres, e se destas ruinas se pôde julgar da fabrica do templo, grande e sumptuoso deveria ter elle sido. Três leguas distante de Ramá ha um castello que traz o nome de Castello de S. Dimas. Pouco adiante começão as montanhas da Judéa, que de ingremes tornão o caminho aspero e penoso até que se chegue á cidade santa. Ao cabo de duas leguas de montanhas encontra-se o castello de Jeremias: respeita-se este logar como patria do propheta. Aqui, tanto em honra daquelle que chorára tão doce e tão amargamente sobre a desolação de Jerusalem, como para abrigar os peregrinos, tinhão os franciscanos um convento; mas as continuas correrias dos Turcos e dos Arabes tornavão penosa e difícil a sua morada neste logar. Dous annos antes de minha viagem, em 1711, o convento foi atacado, saqueado, e mortos barbaramente seis religiosos: de então para cá o desamparárão. Adiante encontra-se o castello chamado Moclim. Este logar é tido como patria dos Machabeus, e se acredita que ali jazem seus restos. Atravessado o valle de Terebinho, subimos até o cume de uma montanha, a cujos pés, a uma legua de distancia ponco mais ou menos se esplana a cidade de Jerusalem. Com lagrimas nos olhos nos prosternamos diante daquelle rainha decahida, cujo sceptro havião esmigalhado as iniquidades de seus filhos! De joelhos pois diante daquelle cidade envolta no sulario de suas ruinas, como aquelle que depois de percorrer longes terras, voltado ao chão natal, se vai prostrar diante de um arruinado tumulo, cujas velhas paredes encerrão o pó da que fôra sua māi, assim uós, diante do esqueleto de Jerusalem, exclamamos com S. Bernardo: « O' Santa Cidade, Deus te salve ! »

« Jerusalem !!! era Jerusalem que estava debaixo de nossos olhos ! Jerusalem, que havia sido tudo, e que agora era nada ! Jerusalem, que gloriosa havia calcado os cedros do Libano, as purpuras de Tyro, os incensos de Sabá, o ouro de Ophir, e as pedras preciosas de Tharsis, agora muribunda repousava entre os andrajos da miseria ! Jerusalem ! a magnifica virgem digna dos Cantos de David, Epitalamios de Salomão ! estava agora coberta com o crepe da viuvez, tão carpido nas Nenias de Joremias !

A Princeza das nações, cujo solo ainda muito antes de suas glorias havia testemunhado a magestade do Senhor, quando no sacrificio de provança Deus no alto do Moria tentará a fé do piedoso Abraham; captiva arrastava agora as cadêas dos descendentes de Ismael ! Jerusalem, que tinha visto combater por ella todo o valor asiatico e toda a gloria europea ! Jerusalem, que havia visto debaixo de seus muros cruzarem-se os alfanges de Saladino e as espadas de Guido de Luzinhã, era agora profanada pelo pé sacrilego do descrido Turco ! Jerusalem, essa harpa cadente e pomposa, pulsada por tantos prophetas, que durante tantos séculos havia tão altiva psalmodiado em celestes hosannas as glorias do Eterno, agora muda, apenas vagos gemidos de alguns de seus filhos, ou o suspirar passageiro de fugitivas auras tirão de suas frouxas cordas algumas esquecidas notas, que languidas mal preludião duvidosas phrases dos Threnos Jereiniacos !

« Jerusalem ! Jerusalem ! Eis os sons lamentosos que se levantão de Sião, e perdem-se gemebundos nas solidões do Golgotha !

« Destas montanhas tambem avistavamo Gabanon, onde esteve a Arca, e para onde seguido de todo o Israel, foi Salomão offerecer mil hostias em holocausto sobre o altar de bronze que estava diante do Tabernaculo.

« Proseguindo a nossa viagem entrámos em Jerusalem. Nós eramos seis, sendo a mór parte religiosos franciscanos. Logo que entrámos a cidade dirigimos-nos ao convento de S. Salvador, onde pelo prelado e mais religiosos fomos recebidos com inostras de uma alegria santa. No seguinte dia teve logar a ceremonia do nosso lava-pés, ceremonia que ali se practica com todos os peregrinos: ella teve logar doste modo. Disposto tudo e reunidos na igreja depois de vesperas, começou o prelado a lavar os pés aos peregrinos que havião chegado. Durante isto os religiosos cantavão os psalmos do estylo. Lavados os pés, o prelado os ia beijando, seguindo seu exemplo os mais religiosos. No fim deu-se-nos a cada um uma vela acesa. Concluida esta edificante ceremonia teve logar a procissão pelo claustro, cantando-se o *Te-Deum laudamus*. Findo tudo acompanhamos o prelado á sua cella, que ahi nos deu o sua benção, e exhortou-nos para que fizéssemos devota e santamente a visita dos Santos Logares.

« Com efeito, sem perda de tempo começámos a nossa visita dos Logares Santos e celebres daquelles logares. Não distante do castello de David, e junto

da porta de Bethelem, está a piscina de Bethsabéa. Era ali que se banhára quando este rei a viu, e della se enamorou. Este tanque ainda existe

« Deste logar caminhámos para o palacio de Santa Helena, do qual ainda se vê alguma parte. Ali nota-se uma admiravel cisterna por ella mandada fazer, e para a qual se desco por 46 degráos. A piedosa mãi de Constantino adornou, como todos sabem, os Logares Santos de sumptuosos monumentos, entre elles são os mais celebres, pela belleza de seus jaspes; pelas suas columnas de porphyro, pelas suas madeiras de cedro, pelos lavoress, mosaicos e muitas riquezas, o templo do santo presepe em Bethelem e do Santo Sepulcro em Jerusalem. Do palacio de Santa Helena fomos á casa de Zebedeu, pai de S. Tiago e S. João o Evangelista: aqui ha uma pequena igreja pertencente a armenios: uma pia de pedra que ali existe está em grande veneração; porque se acredita que nella fôra baptisada a Santa Virgem. Não distante está o logar onde o Christo appareceu ás mulheres depois de sua resurreição. Partimos depois para o logar em que S. Tiago foi degolado. Ha tambem aqui um templo e convento de armenios; é o maior de Jerusalem, e é destinado a receber os peregrinos daquella nação. A porta do monte Sião não lhe fica longe.

« Junto á Porta Esterquilina existe a casa de Anás, onde Jesus foi interrogado sobre sua doutrina. Aqui tambem ha uma igreja de monges armenios: junto della ha uma antiquissima oliveira a cujo tronco é fama que Jesus estivera amarrado.

« Daqui diriginos-nos á probatica-piscina, situada junto á Porta de S. Estevão contigua ao templo: as suas aguas vinham do templo: nella se lavavão as rezas destinadas ao sacrificio. Não distante está a casa de Sant'Anna, onde se suppõe que nascera a mais ditosa filha de Adão. Ha aqui um templo edificado por Santa Helena, mas profanado pelos Turcos, que apenas consentem que os religiosos celebrem missa no mesmo logar onde se crê que nascera a Santa Virgem.

« Depois, trepando por uma calçada, buscámos a casa de Simão, o phariseu. Ali esteve o Salvador, e deixou uma pogada impressa om uma pedra. Foi aqui ondo a Magdalena ungiu os pés ao Divino Mostre. Daqui seguimos para casa do Herodes, ondo o Senhor foi interrogado sobre sua doutrina e seus discípulos. Foi tambem aqui onde, tido por louco, foi vestido de branco e reenviado a Pilatos.

« Descendo para a rua da Amargura, caminhámos para casa de Poncio Pilatos; tanto nesta como na

do Herodes os christãos não entrão; mas eu obtive essa permissão. Esta casa é ocupada pelos governadores de Jerusalem. Ainda existe aqui um grande arco que atravessa a rua, e dizem que foi d'ali que Pilatos mostrára o Salvador ao povo depois da flagellação.

« Entrando-se na rua da Amargura, nota-se uma columna de marmore; nesse logar caiu o Senhor a primeira vez. A poucos passos adiante ha um logar chamado o Pasmo da Virgem. Uma igreja dedicada a Santa Maria do Pasmo aqui existia, feita a expensas de Santa Helena, mas della só restão as ruinas. Adiante está a esquina de uma rua onde os Judeus chamáron a Simão de Cyrene para ajudar o Christo a levar sua cruz. Segue-se o logar onde foi, segundo dizem, a casa daquella mulher que alimpára o rosto do Salvador, quando por ella passava coberto de suor e de sangue, como refere uma antiga tradição. Dahi fomos ver a Porta Judiciaria. Este nome lhe vem de que era ali onde se confirmavão as sentenças dos condemnados á morte, as quaes na mesma porta ficavão affixadas. Aqui caiu o Senhor segunda vez. Consta que esta porta é a mesma por onde Jesus-Christo saiu da cidade para o Calvario.

« Mais acima uma columna denota o logar onde o Senhor fallou ás mulheres que choravão sobre elle. Já perto do Calvario outra columna assinala o logar da terceira queda.

« O templo do Santo Sepulcro é um edificio das mais celebres do mundo, tanto pela sua grandeza e sumptuosidade, como pela sua fabrica e trabalho. Este grande edificio abrange o logar do Santo Sepulcro e o Monte Calvario.

« O templo do Santo Sepulcro é dividido em diversas capellas com diversas invocações.

« Autes de penetrar-se a capella do Santo Sepulcro, ha outra pequena, em cujo centro vê-se uma pedra que assinala o logar onde o anjo disse ás mulheres: *Surrexit, non est hic*, e por este motivo chama-se a capella do anjo. Entra-se para o Santo Sepulcro por uma pequena porta voltada para o nascente. O pavimento destas duas capellas é de marmore, e as paredes de bellissimo jaspe, seus lavoress são preciosos. Nestas duas capellas ardem incessantes sessenta e quatro pequenas lampadas offerecidas pelas nações christãs da Europa. Do sepulcro ao calvario ha setenta passos. A quarenta de distancia do sepulcro está a pedra da unção. Foi sobre esta pedra que se ungiu o corpo de Jesus-Christo depois de deposto da cruz por José da Ari-

mathéa e Nicodemus ; sobre esta pedra se vê outra de um mui fino marmore, e em torno da qual ardem oito alampadas.

« Ao subir para o Calvario está a capella de Adão ; esta capella fica debaixo do logar onde o Senhor expirou : seu nome vem de que se diz que ali fôra encontrada a cabeça do primeiro homem. Contigua á capella da Crucificação nota-se outra separada desta só pela muralha do templo, e a qual tem uma janella de grades de ferro ; é por esta janela que os religiosos do Santo Sepulcro comunicão-se com os de fóra : esta capella, cujos lados sorão de quinze palmos, é quadrada, a sua invocação é capella de Nossa Senhora do Calvario ; porque ali, dizem, esteve a Santissima Virgem até que o Senhor expirára : ella distará do Calvario uns vinte cinco a trinta palmos.

« A capella da Crucificação é reputada um dos mais santos logares do venerando templo : esta capella está no logar onde os Judeus crucificáron ao Redemptor. Ha outra capella vizinha que é o logar onde foi arvorada a cruz. Vê-se ainda o buraco onde foi firmada. Entre este buraco e o logar em que foi levantada a cruz do máo ladrão ha uma fenda no monte que se abrira no momento da morte do Salvador. Do Calvario desce-se uma escada de 18 degráos, e vai-se á capella da Pedra dos Improperios : foi sobre esta pedra que fizerão assentá-lo o Christo, e o despojárão de seus vestidos para o crucificarem.

« Ha tambem uma capella chamada de Santa Helena : esta piedosa rainha ali se achava em quanto procuravão a cruz : daqui se desce para o logar onde a cruz foi descoberta : este logar profundo e subterraneo não tem mais que uma unica alampada : perto deste está o logar em que a cruz foi exaltada. Aqui se diz todos os dias a primeira missa. Visitados estes logares, subida uma escada de 29 degráos, acha-se uma capella que marca o logar onde os vestidos do Senhor forão jogados pelos soldados. Encontra-se depois a capella de S. Longuinho. Dizem que foi para este logar que se retirara a chorar sua culpa depois de haver com a lança dividido o divino lado. A capella chamada o Carcere de Christo, que é o logar em que o encerráron em quanto dispunhão o patibulo, não tem mais que uma alampada.

« Emfim, a capella em que está o Sacramento, e onde se celebrão os officios divinos, é o logar em que Jesus-Christo resuscitado appareceu a Santa

Virgem. Esta apparição foi ao lado direito da capella, e ao esquerdo está depositada a columna da flagellação. Nesta mesma igreja mandou Santa Helena collocar a cruz, depois que foi achada no logar em que os Judeus, trescentos annos antes, a tinhão enterrado.

« Depois que visitámos os Logares Santos de dentro da cidade, sahimos para visitar os de fóra. Deixando a cidade pela porta de Santo Estevão, antes da torrente Cedron está o logar onde este santo foi apedrejado. Não distante é o logar onde S. Paulo, antes de convertido, guardava as capas dos que apedrejavão o Santo Martyr. Passada a torrente dirigimo-nos ao sepulcro da Santa Virgem, onde ha uma igreja quasi toda debaixo da terra, para a qual se desce por uma escada de marmore de 48 degráos. Ha ali uma capella dentro da qual, ao lado direito, estão os sepulcros de S. Joaquim e Santa Anna, ao esquerdo de S. José. No meio da igreja está o sepulcro da Santa Virgem, que é de uma só pedra, coberto de finissimo marmore de extrema brancura. E' aqui o valle de Josaphat, e neste valle está o horto de Gethsemani. Não longe delle ha um rochedo em que Pedro, Tiago e João ficáron em quanto o Senhor orava, e onde adormecérão na sua ausencia : longe trinta passos está o logar em que o perfido Judas deu em seu Divino Mestre esse refalsado beijo, que tantos judas repetem constantemente no mundo : é aqui o logar onde Jesus foi preso. Caminhando para o monte Olivete vê-se uma pedra onde a Santa Virgem, vindo de visitar este monte, estava assentada, quando Gabriel lhe veiu annunciar o seu transito.

« Subindo para o monte Olivete acha-se o logar em que o Senhor derramou lagrimas sobre a futura ruina de Jerusalém. Foi por este lado, e em frente á Porta-Aurea, que Tito rendeu a cidade : por este mesmo lado os christãos a ganháron aos Turcos. Mais acima ha uma igreja debaixo da terra, onde se diz que os Apostolos compozerão o symbolo antes de se separarem. Além está outra onde o Salvador ensinou a oração dominical. Não longe uma columna denota o logar em que teve com os discípulos aquella pratica sobre as perseguições dos justos, o fim do mundo e o juizo final. Aqui está a casa de Santa Pelagia, onde ella viveu em habito de monge, fazendo a mais rigorosa penitencia. Junto dosta casa, no mais alto do monte, está o logar donde Christo subiu ao céo.

« Descendo do monte, nos dirigimos á gruta de Jeremias ; perto della estão os sepulcros dos rois

de Jerusalem, em numero de vinte e nove, abertos em uma pedra.

« O que foi a casa de Caifás, não longe do Monte Sião, é hoje um convento de armenios. Na igreja, ao lado direito do altar-mór, ha uma cova chamada o Carcere de Christo : é o logar onde o Salvador esteve preso a uma columna na ultima noite de sua vida neste mundo. O logar em que foi a casa em que viveu a Santa Virgem, em companhia de S. João, depois da morte de seu Filho, não é distante deste logar. Daqui seguimos o caminho do Monte Sião e Cenaculo, esse logar de recordações tão sublimes e santas, quanto o Calvario de recordações lugubres e tremendas ! Daqui fomos ver a gruta em que S. Pedro chorou o seu peccado. Descendo uma ladeira, buscámos a fonte de Siloé, celebre pela cura do cego. Aqui ha um ameno valle onde vem ter as aguas do Cedron. Não longe, ao longo deste valle, está o poço de Nehemias, onde os sacerdotes, quando forão levados para Babylonia, escondêrão o fogo sagrado. Perto deste logar vê-se uma cova onde os Judeus tornados idolatras queimáram seus filhos em honra do abominavel ídolo Moloch. Dirigimo-nos depois ao Campo-Santo, ou Campo de Sangue, terreno comprado pelos sacerdotes com os trinta dinheiros por que Judas vendeu seu Mestre. O traidor, assombrado de seu crime, e no cumulo da desesperação, rejeitou este dinheiro, que foi empregado na compra deste campo para sepultura dos peregrinos. Subindo pelo valle, ao lado direito, está a cova onde S. Thiago-Menor escondeu-se na noite da paixão de seu Mestre. Mais acima, e do mesmo lado, vê-se o logar onde enforcou-se o traidor Judas. O monte do Escandalo, onde Salomão erigiu um templo ao demonio, é tambem aqui. Além um pouco está a sepultura de Zacarias, que os Judeus matáram no templo. Perto della está a gruta em que os oito Apostolos se escondêram na noite da paixão. A distancia de quinze passos está a sepultura de Absalão, filho do David.

« Depois que visitámos todos os logares santos e celebres, tanto de Jerusalem, como de seus arredores, partimos para Nazareth. Se tomassemos a estrada de Samaria, a nossa viagem era do dezoito leguas; mas por causa das correrias dos Arabes, voltámos a Ramá, e daqui, pelos campos da Palestina, seguimos para Nazareth, fazendo assim uma viagem de trinta leguas. Neste caminho encontra-se a antiga Lydda, hoje Diospolis, celebre pelo concilio ahí celebrado no anno 415, contra os orros de Po-

lagio. Estes campos são planos, e ainda conservão um ou outro antigo castello dos Philisteus. Depois entrámos nos famosos campos de Esdrelon, onde teve Jacob a visão da escada. Estes campos estendem-se do monte Carmelo até o Jordão, cuja distancia dizem ser de vinte e cinco leguas, pouco mais ou menos. A cidade de Naim lhe fica no meio, hoje não passa de uma aldêa. No fim desta planicie subimos os montes de Galiléa, além dos quaes ha uma povoação chamada Jope, e dahi a meia legua se encontra Nazareth. O prelado do convento nos recebeu com alegria : mas não maravilhou-me pouco o dizer-me, quando soube o meu nome, que me esperava. Este bom prelado era Portuguez, e natural de Braga.

« Depois de haver saudado aos religiosos, era quasi noite, no momento em que me dirigia para o meu aposento, qual não seria o meu espanto quando um religioso, lançando-se ao meu pescoço, exclamou no meio de um transporte de alegria : « Chagas ! meu caro Chagas !!! » A voz revelava o personagem ; mas duvidoso e admirado volto-me, e reconheço Renato ! Renato, o meu querido Renato, vestido com o burel de Francisco de Assis, chorava em Nazareth os erros do impostor da Nécea !

« Vós podereis bem ajuizar do meu pasmo, do meu transporte e do meu prazer neste momento. Abraçado com o pescoço de Renato, durante alguns minutos, nem uma só palavra ; só lagrimas e alguns suspiros !

« Renato tinha reconhecido a sua precipitação e injustiça ; e arrependido dos males que havia causado aos christãos por um injusto despeito e mal ponderada vingança, tinha de Argel se dirigido ao Oriente, e preferido o convento de Nazareth ao de Jerusalem, por ser o prelado daquelle Portuguez. Ahí tomado o burel do Seraphico, vivia uma vida penitente, apagando com ella as culpas de uma vida, durante algum tempo, tão mal empregada !

« Renato acompanhou-me na visita que fiz a todos os logares venerados tanto dentro como fóra de Nazareth : tendo percorrido estes logares, fui visitar o monte Thabor, que fica a tres leguas de Nazareth. Este monte é o mais alto da terra santa. De seu cume se descobre o Carmelo, o Libano, a cidade de Bethulia, os campos de Dothain, o mar de Galiléa, margens do Jordão, os montes de Gelboé, etc. : mas os olhos desdenhão estas bellas vistas, absorvidos no cume do monte, como que procurando ainda a resplandecente nuvem misteriosa quo lhe rouba a mais portentosa e sublime visão ;

ao mesmo tempo que avidos os ouvidos procurão no espaço uma voz que faz tremer o universo, e que diz : — Este é o meu filho muito amado !

« Depois da visita do Thabor voltámos outra vez a Nazareth : dahi sahimos para visitarmos o Jordão. A cinco leguas de Nazareth passámos para Bethzaida, patria dos Apostolos Pedro, André e Philippe.

« Andando mais duas leguas encontrámos o Jordão. Algumas horas depois partimos para a cidade de Tiberiades, que é hoje uma pobre aldêa : é ahi o mar ou antes lago de Galiléa ou de Tiberiades, logar tão cheio de recordações da vida de Jesus Christo.

« A cidade de Capharnaum está na parte superior do lago. Uma legua além de Teberiades fica Be-thulia, que Judith fez tão celebre pela morte de Holophernes.

« Finalmente, depois da visita de quasi todos os lugares celebres ou santificados, tanto no antigo como no novo testamento, tendo não sem lagrimas me despêdido de Renato, voltei a Jerusalem, e dahi a Jaffa, onde, logo que tive embarcação, transportei-me a Europa, e dahi ao Rio de Janeiro, onde me achei tres annos depois de minha partida para a terra santa, isto é, em 1716. »



CAPITULO VI.

OH PROVIDENCIA !

O relampago que passa no céo, o trovão que abala a terra, enchem de respeito, porém não de medo, o sabio : mas um galho secco, que com ligeiro fragor quebra-se inesperado junto do criminoso, cala-lhe o susto até a medula dos ossos.

Os nossos viandantes, tendo ouvido com summa satisfação a historiia do Rev. Chagas, chegárao ao Rio de Janeiro, tendo feito felizmente a sua pequena viagem.

O casamento de Archanjo com Rosa Branca estava contratado ; não obstante, era mister dispor para elle a Renato, cujo desejo era ver seu filho ordenado.

Em casa de Baptista tudo continuou do mesmo modo, só com a diferença de que, alta noite, em logar de abrir-se uma janella e uma porta, só se abria uma janella.

Tres dias depois da partida de Rosa Branca Baptista sahiu, e dirigiu-se á fazenda de Campos-Novos. Ao cahir da tarde, Narcisa estava em sua pequena horta , curando de suas flôres, quando sua attenção foi atraida pelo som de mansos passos que se approximavão : volta a cabeça, e depara com uma figura verdadeiramente medonha ! Era um homem cujos cabellos brancos emmarranhados, e cahidos por sobre o rosto, vedavão suas feições, dando-lhe ao mesmo tempo um aspecto repugnante e hediondo ! Uma especie de capote roto e sujo envolvia completamente a esta estranha figura, cuja barba sordida, empoada, crescida até sobre o peito, e confundida com os cabellos, dava a este ente extraordinario e formidavel um ar selvagem, assustador e tambem mysterioso ! Este insolito

personagem, descalço e com maneiras emphaticas, caminhou até Narcisa, que ao vê-lo soltou um grito de pavor, e fugiu. O estranho segue-a, e acantâ-a a n'um dos angulos da horta. Ahi a moça, repassada de susto e tremula, arrima-se ao tronco de um cajueiro, tapando o rosto com as mãos paia não ver o hediondo espectro quedante de seus olhos, em pé, se conservava immovel como uma estatua. Narcisa, gelada de medo, nem animo tinha para gritar e pedir socorro. O desconhecido, com uma voz que de rouca que era, cavernosa e medonha não parecia voz humana, disse :

— Foges ?... mas para onde fugirás á Providencia ? Para onde, que a Providencia te não siga ? Para onde queres fugir, desgraçada filha de uma raça criminosa ?... Tremes diante da Providencia ? E' que não podes supportar o peso dos crimes dos teus maiores, e dos teus proprios crimes ! Filha criminosa de uma raça malvada, o crime se perpetua em todos os teus, ese propaga, como em uma cidade o flagello, transformado em peste, por toda a parte se propaga ! Desgraçada de ti.... A Providencia....

— Deixe-me.... deixe-me.... Ah !...

Narcisa, dizendo isto, quiz gritar : mas o terrivel incognito, travando-lhe de um frio braço com uma mão de fogo, continuou :

— Ai de ti se gritas, porque então teus crimes serão patentes áquelles que ainda os ignorão....

- Meu Deus ! meu Deus !...
 — Tu não acreditas em Deus.... mulher.... não blasphemes....
 — Quem me livra deste suppicio do inferno !...
 — Não.... isto é apenas um preludio dos supplicios do inferno, do inferno que te espera.... Mulher, escuta-me....
 — Quem me soccorre.... Meu Deus ! ...
 — Não profanes o santo nome de Deus.... Ninguem, ninguem te soccorre, porque Deus, no qual tu não crês, te abandonou a teus crimes e aos crimes de uma raça criminosa. Tu has de pois ouvir-me, e ouvir-me por força.
 — Pois bem.... seja assim. O que me quer ?
 — Raça perversa dos Arandas....
 — Mas aqui ninguem tem tal nome, senhor.... Deixe-me pois ir embora.... deixe-me....
 — Já te disse que has de ouvir-me.... Narcisa, has de ouvir-me....
 — Meu nome !.... sabe o meu nome !....
 — Antes nunca o soubera ! Antes não fôras nascida.... nem tu, nem os teus maiores.... Oh Providencia !
 — Meu Deus ! eu morro....
 — Oxalá que assim fosse, e neste mesmo momento....
 — Que homem !.... que homem é este que aqui vem ?
 — Vim mandado.
 — Por quem, senhor ?
 — Pela Providencia !
 — Oh ! como isto é horrivel !
 — Escuta, Narcisa....
 — Pois bem ; falle.... falle depressa.
 — Sim, depressa. Escuta.
 Então o desconhecido contou ligeiramente a Narcisa a historia dos Arandas, do mesmo modo que ouvimos um desconhecido conta-la a Philippe em a noite do casamento de Baptista. Tendo finalizado esta funesta historia, continuou :
- Desgraçada descendente dos Arandas, o crime se transmitte em tua geração !
- Senhor, está enganado.... esso nome é estranho nesta casa....
- Prouvera a Deus quo fosse estranho ató no mundo !.... Oxalá que os Arandas nunca tivossom nascido !...
- Eu o juro, senhor.... aqui não ha quem tenha um tal nome....
- Desgraçada.... tu és filha de Affonso Aranda....
- Não.... não sou.... pelo céo ! ...
- Não profanes o céo com um juramento sacrilego ! ... Filha de Aranda, não perjures.... Quem sabe.... A Providencia pôde tudo ! ... Talvez que seja ainda tempo.... Arrepia caminho.... retrocede dessa marcha criminosa que tão infamemente tens encetado ! ...
- Meu Deus ! meu Deus !....
- E' talvez Deus que por meus labios te falla pela ultima vez....
- Mas emfim , senhor , que lhe falta dizer ? Acabe....
- Sim.... eu acabo. Teu bisavô adquiriu fortunas immensas pelos mais iniquos e criminosos meios : teu avô foi um pouco peior que teu bisavô ; e teu pai teve todos os vicios que um homem pôde ter, e commetteu todos os crimes que um homem pôde commetter ! Infame, dissoluto e devasso, não recuou jámais diante de qualquer meio, por muito funesto que fosse, para adquirir mais riquezas, e chegar a seus fins ! Mão homem, era perverso para com todos ! mão amigo, de ninguem foi amigo no mundo ! mão amante, assassinou a sua amante, aquella que tudo lhe havia dado, e que por elle daria a propria vida, se necessário fosse. Punido por Deus, no meio de seus attentados, começou de insultar a Providencia ! Longe de emendar-se, mudou de terra, sem mudar de costumes ! incapaz de uma idéa nobre, porque era um libertino, um impio, um sacrilego e um ladrão, casou-se porque precisava de uma mulher, ou de uma escrava ! Sem jámais comprehender ou apreciar as virtudes de uma mulher, que o céo ainda compadecido lhe havia dado, nem quiz que esta mulher dêssse a sua filha uma educação religiosa ! Mão pai, elle aguçou na alma de sua filha a ambição e o orgulho, que a despenhárão no caminho do vicio, e a arrastárão para sua derradeira ruina ! Acreditando que as riquezas erão os unicos bens da terra, deixou que se approximassem de sua filha um libertino, um dissoluto, um malvado, um atheu emíssim, e que sua filha ouvisse as lições deste homem funesto ! E o miserável, em vez de reconhiecer em todos os seus males, males bem merecidos, uvia punição celeste, negava a existencia de Deus ou a sua Providencia ! Mas Deus, cuja misericordia não se esquece dos bons, cuja justiça não deixa os máos impunes, marcou sua fronte com o sello dos reprovados, como marcára a fronte de Cain ! Marcou a sua fronte, para que o mundo visse nelle o maldito de Deus, o detes-

tado dos anjos, e o opprobrio dos homens ! e a dextra do Deus pesa sobre a sua cabeça criminosa, como o Olympo pesava sobre as espaduas de Atlan-to ! Nescio , elle acreditava que a terra havia occultado um de seus crimes ! Nescio, que acreditava que o crime podia estar sempre encoberto.... a virtudo sim, mas o crime não ! E quando menos o esperava, um fantasma, medonho como o dia do passamento, vingativo como o demonio, e justicoso como Deus, apresenta-se ante seus olhos ; e com uma voz mais temerosa que a da trombeta do anjo do derradeiro dia, lança-lhe á cara todos, todos os seus crimes, e todos os crimes de seus maiores ! Era Deus, que elle havia tão estupidamente negado ! Era Deus, que sobre a sua cabeça trovejava pela boca da Providencia ! Oh ! como era terrivel ! Desgraçada.... desgraçada.... os teus crimes e os crimes dos teus negrejão sobre ti ! e a dextra do Senhor pesa sobre a tua cabeça com toda a enor-midade de seus castigos !

— Meu Deus ! meu Deus ! quem me livrará deste homem ? !

— A Providencia, e mais ninguem, sem que eu te diga tudo.... Vês este cafesal ? pois por elle passa o crime todas as noites ! Vês esta janella ? pois por ali salta todas as noites o crime.... salta, e intro-duz-se em tua casa....

— Ah !

— E o crime ali triumpha....

— Misericordia !

— Dentro do teu lar.... na casa do teu esposo....

— Quem é este homem ? quem é ?

— Ingrata.... o melhor de todos os homens ti-

rou-te da miseria, constituiu-te sua mulher, fez-te senhora de sua casa, encheu-te de benefícios, op-primiu-te de riquezas, deu-te o seu nome, cercou-te de respeitos, e protegeu-te com a sagrada égide de seu santo amor ! E em premio de tanto bem, como lhe tens correspondido ? Com o crime disfarçado de-baixo da mascara do mais escandaloso fingimento ! Má esposa, passaste a ser adultera ! Impia māi, tra-çaste a ruina de tua enteada, que devéras amar como filha ! Execravel mulher, acabarás por ser envenenadora ! Mas a Providencia ! Quo mais-te falta, filha de Aranda ? !

— O senhor está-me calumniando....

— Nunca !

— Não está dizendo verdade....

— Estou.

— Eu amo meu marido....

— Mentira.

— Donde sabe a historia dos meus maiores ?

— Delles mesmos.... Oh Providencia....

— Impossivel.

— Seja.

— Donde sabe a minha historia ?

— De ti mesma....

— O senhor é um impostor....

— Nunca !

— Então quem é ? donde vem ? o que me quer ?

— Sou um demonio ! venho dos infernos ! quero levar-te....

— Ai ! !

Narcisa cahiu sem sentidos. O fantasma desapareceu.



CAPITULO VII.

NÃO.... EU ESTAVA ACORDADA.... EU VI.... EU OUVI !...

Aquelle que nunca se arrependeu por não haver praticado o mal, pôde ter o orgulho da innocencia; mas o que se arrepende sinceramente do mal, pôde ter o merito do juizo entre a innocencia e o crime ! Este merito tem alguma cousa de amavel !

Quando Narcisa deu signaes de si achou-se nos braços de seu marido, que, procurando-a em casa, mas debalde, foi á horta, onde, achando-a sem sentidos, tomou-a nos braços, levantando-a de cima de um canteiro de madre-silvas. Por diligencias de Baptista a moçaolveu a si ; e vendo um vulto cujas feições não bem podia distinguir, já pela hora e já pela turvação de sua vista, empurra-o para longe de si, exclamando com desanimo :

— Pelo amor de Deus ! deixe-me....

— Narcisa.... que tendes ?

Isto perguntou Baptista ; e Narcisa, conhecendo a voz de seu marido, fita nelle uns olhos espantados, dizendo :

— Sois vós?! Ah ! vieste tão tarde....

— Porque ! o que aconteceu ?

A moça, sem responder a seu marido, assustada olhava em torno de si balbuciando :

— Vós não vistes ?

— O que ? o que ?!

— O que !

— Bem vêdes.... aqui não ha cousa alguma....

— Não ?!

— Então o que viste, Narcisa ?

*

— Oh ! como era medonho ! era terrivel !
— Mas o que ?
— O demonio.... o demonio !
— Ah ! sem duvida te deitaste aqui á sombra deste cajueiro, adormeceste, e sonhaste....
— Não... eu estava acordada...eu vi...eu ouvi...
— Mas o que viste e ouviste ?
— O demonio.... elle fallou-me.

— Mas como era elle ? perguntou Baptista rindo-se.
— Não sei.... mas era medonho ! era terrivel !
— Dormiste e sonhaste....
— Não importa.... Vamo-nos daqui.... Este lugar é maldito.... Vamo-nos daqui.... vamos.

Narcisa, sempre receiosa, sempre olhando em redor, saiu da horta seguida por seu marido, e entrou em casa : ahi assentou-se n'uma cadeira, e pensando, comprehendeu que sua posição era melindrosa e arriscada, e que lhe era preciso tomar uma resolução, fosse qual fosse. Seu marido, assentado junto della, depois de algum silencio disse :

— Então, Narcisa, estás mais socegada ?

— Sim, estou.

— Então que viste tu ?

— Agora me recordo de que deitei-me ali debaixo do cajueiro ; mas me parecia que não tinha dormido....

— Sim.... não dormiste um sono profundo, mas estavas em modorra, e sonhaste.

— Pôde ser....

— E' o que foi : e que viste então em sonhos ?

— Um vulto feio e medonho !...

— E que te disso ? O que queria elle ?

— Não sei bem....

— Oh ! então de que te aterraste ? !

— Dessa figura tão feia.... tão medonha !

— Pois não te lembres mais disso.

— Farei por esquecê-lo.

— Pois é o que deves fazer, e tranquillisa-te.

A noticia deste acontecimento soou logo em toda a casa, tomando um enorme vulto, como o leitor pensará: pouco depois os escravos dizião uns que o demonio havia aparecido á senhora, outros que fôra uma alma do outro mundo.

Pelas 10 horas da noite a familia estava recolhida, e a casa em socego. Um vulto, escoando-se mansa e furtivamente por entre o cafesal, surgiu junto á casa de Baptista ; ahi , encostado a uma janella, fez ouvir um signal ; passados alguns segundos o signal foi repetido ; depois ainda uma terceira vez ; mas ninguem respondeu ; a janella não foi aberta, nem uma pessoa apareceu : o silencio era profundo, e o socego completo. O vulto fez ainda ouvir o seu signal, repetiu-o, e repetiu-o mais vezes ; mas tudo debalde ! Pela madrugada o vulto retirou-se.

Durante o correr do dia, por todos os contornos se fallava no espirito que apparecerá a Narcisa. Uns dizião que era a alma da mäi, outros que a do pai, que, segundo elles, expirára naquelle momento ! Outros que fôra o demonio mesmo em pessoa com o qual a moça fallára ; alguns chegavão até a descrever o tal demonio ! O diabo entre o vulgo é umentemiliforme ; o que, não obstante, concordão todos em que é muito feio e muito negro !... Todavia o narrador diz, do passagoin, quo tom visto muitos, e bem maos diabos, muito bonitos, muito claros, de olhos azues, cabellos louros, o que por conseguinte pareciam mesmo da pura raça circassiana ! E pois dizião uns que Narcisa tinha fallado com um grande gato preto, muito feio, com olhos e cauda de fogo ! outros, quo ora um grande bode preto, muito feio, de longas barbas ! outros, que era um boi preto, muito feio, do grandes pontas ! Notai: sempre grande, sempre negro e sempre

feio ! Com effeito sempre o diabo tem bem máo gosto nas fórmas que toma ! mas antes tome essas que as de uma moça bonita, que tente a um pobre peccador, porque nesse caso ninguem lhe faria cruzes !

Como fosse, esta noticia tomou vulto, e assim avultada correu por toda a parte.

Na tarde do mesmo dia Pedro recebeu a seguinte carta, da qual, sem direcção nem assignatura, os meus leitores reconhecerão, não obstante, o seu autor, assim como Pedro reconheceu :

« Meu amigo.—A má educação que me deu meu « pai, os vossos conselhos e insinuações, lançárão « me na estrada dos crimes, e arrastráião-me á « minha ruina ! Deus, por meio de uma appari- « ção extraordinaria, acaba de abrir-me os olhos, « e eu devo repartir com vosco as suas misericor- « dias.... misericordias de que eu não era digna ; « mas Deus é sempre tão bom !...

« Meu amigo, ainda é tempo ; arrepiemos car- « reira.... Deus abriu-me os olhos, e como Deus « abriu-me os olhos, quero e desejo abrir tambem « os vossos.

« Sahiamos da estrada do vicio ; a da virtude « está aberta, ella nos espera ! Se já não podemos « viver innocentes, podemos viver arredondados ! « Deus nos convida ! sahiamos do caminho do pec- « cado, e entremos no caminho da graça !

« Assás temos sido criminosos ! A nossa vida « está manchada por todos os vicios e por alguns « crimes ; porque não ha vicios que não tenhamos « tido.... aos mais horrorosos crimes nos temos « abalançado.... felizmente s m fructo ! Não im- « porta : para quem quer, e se deseja arrepender, « todo o tempo é propicio ! Não ha vicios, por me- « donhos que sejão ; não ha crimes, embora muito « horrorosos, que perante Deus não apaguem as « lagrimas de um verdadeiro arrependimento ! A « misericordia divina é infinita ! Arrependamos- « nos, meu amigo ! arrependamos-nos com toda « a siucerdade de uma verdadeira dôr !

« Oh ! se visseis como eu vi !... Ainda se me « arripião as carnes ao lembrar-me ! Ainda « sinto no peito gelar-se-me o coração ! Era de « tarde ; eu não dormia, não, porque passeava « em minha horta.... uma figura medonha como « deve ser o dia do juizo final ! severa como devem « ser os juizos de Deus ! implacavel como deveu « ser suas sentenças ! parou diante de mim ! Oh ! « como era terrivel ! Com uma voz medouha, « como devo ser a voz de um demonio ! com

« uma voz sepulcral, como deve ser a voz dos mortos ! conta-me a historia de meus maiores desde meu bisavô até meu pai, e lança-me « em rosto todos os meus crimes ! Ah ! como é horrrosa a historia dos meus antepassados ! « Ah ! como é terrivel ouvir da boca de outrem a historia dos nossos crimes, quando julgamos que ninguem os sabe ! E finalmente medonho como a morte ; terrivel como o anjo exterminador ; e solemne como uma sentença de Deus, me diz que é um demonio que vem dos infernos, e que quer levar-me... Oh ! ainda tremo ! ainda me parece ver este fantasma tremendo ! ainda me parece ouvir sua funesta voz dos tumulos ou dos infernos... Ai !....

« Não morri.... sim, não morri; porque Deus quer minha vida para o meu arrependimento ! « Eu vos supplico pois por tudo quanto puder tocar-vos o coração, que me esqueçais, e esqueçais para sempre !

« Eu me esqueceria de vós pelo lado deste amor funesto, indigno e criminoso ; mas me não esquecerei para fazer-vos quanto bem vos puder fazer ! Sim, farei por vós tudo, tudo quanto couber nas minhas debeis forças ; mas não vos lembrais mais dos nossos passados erros ! Respeitai uma desgraçada em seu arrependimento, e deixai que no fundo de sua casa, no seio de sua familia, chore lagrimas de sangue sobre seus erros e seus crimes !

« Já não é pequeno o meu suppicio !... trazer sempre a cabeça inchada de uma recordação infernal ; sempre o coração despedaçado por desesperados remorsos, e a alma atormentada pelo passado, pelo presente e pelo futuro ! chorando sempre sobre os crimes dos meus maiores e meus proprios ; constrangida sempre a trazer o rosto tranquillo, a alegria nos olhos e o sorriso nos labios ! obrigada sempre a occultar minhas lagrimas, a esconder minhas dores, e a dissimular meu arrependimento.... oh ! como tudo isto é cruel ! O maior de todos os supplicios de uma alma que soffre é ver-se constrangida a mandar aos labios singidos sorrisos, quando só quereria mandar aos olhos lagrimas mais sinceras !

« E bem vedes que fostes vós quem me despenhou neste estado de abatimento, de degradação e de crimes.... mas não importa ; praticastes o mal, praticai agora o bem !... Respeitai minha dôr, compadecoi-vos de minhas lagrimas, o amai o meu arrependimento.—Adeus !!! »

Pedro, ao receber esta carta, conheceu donde vinha pelo portador ; este, apenas a entregou, quiz retirar-se ; mas Pedro, detendo-o, disse-lhe :

— Esperai.

— Não tem resposta, responde o portador.

— Não importa : esperai.

O mancebo leu duas vezes a carta recebida ; depois tomou papel, escreveu uma pequena carta que enviou á moça pelo mesmo portador, que diligentemente a levou ao seu destino. Narcisa leu o que se segue :

« Senhora. — Nada comprehendo do que me mandastes dizer : não obstante, seja como querem os reis, pois sois livre ; mas não me deveis recusar um pequeno e derradeiro favor, e vem a ser ainda uma entrevista hoje : será a ultima, se assim o quizerdes, mas esta nos é absolutamente preciso ; se me a não quizerdes conceder, respondei-me isso mesmo ; no caso contrario, não é preciso resposta ; o vosso silencio será o signal do consentimento.—Adeus. »

Narcisa não respondeu a este bilhete.

Era quasi noite quando um escravo de Renato procurou Baptista, ao qual entregou uma carta da parte de seu senhor.

Eis o que a carta dizia :

« Amigo Baptista. — V. C., 20 de maio de 1742.—Acho-me doente, e creio que grave ; em consequencia, preciso muito fallar-vos. Rogo-vos que logo que recebais esta venhais á minha casa, porque o negocio é serio e urgente. Vosso amigo —Renato. »

Baptista mostrou a carta a sua mulher, mandou sellar o cavallo, e partiu para casa de Renato, que não era muito longe da sua, e dari não voltou senão ao romper do dia.

A's onze horas da noite, pouco mais ou menos, o vulto que costumava a introduzir-se pelo cafesal contiguo á casa de Baptista assomou junto a uma janella : a um signal esta abriu-se ; o vulto saltou por ella, e cahiu dentro da casa de Baptista. Narcisa ahi o esperava. O vulto era Pedro. Os dous, Pedro e Narcisa, por alguns instantes parados diante um do outro, não tiverão palavras ou forças para romper o silencio. A moça enxugava no entanto algumas lagrimas que de seus olhos se escoavão ! Ella estava encantadora, e ao mesmo tempo sublime ! Seus cabellos, ligeiramente atados, deixavão, não obstante, alguns de seus canudos e soltos fios fluctuar sobre seu pescoço e suas costas. Vestida com decencia, mas sem luxo, dir-se-hia comtudo

que ia aparecer diante de alguma pessoa a quem devesse respeito, e com quem devia manter alguma etiqueta. Seus vestidos cobrião seu corpo com tanta severidade, que, exceptuando a cabeça e as mãos, tudo o mais estava completamente coberto. Seus bellos olhos, esses olhos soberbos e magnificos, um tanto quebrados e amortecidos ; suas feições, essas feições tão magicas, que de magicas que erão enfeitiçavão corações, um tanto abatidas e desbotadas, revelavão os sofrimentos daquella alma sensivel, e desgarrada por uma má educação, e por suggestões lisongeiras e perigosas ! Em pé, com os braços cruzados sobre o peito, ella viu entrar Pedro sem a menor commoção : ao menos em seus olhos se não lia prazer nem dôr ! porque estes olhos, outr'ora tão altivos, e hoje tão humilhados, fitos no chão, parecião ahi contemplar um ponto em que sua alma, já tão orgulhosa, e ora tão abatida, parecia ler a criminosa historia de sangue de seus maiores, e a criminosa historia de infamias della mesma ! Era pois um eximio modelo de uma pecadora arrependida para um cinzel sublime, cuja obra seria talvez capaz de vencer a Magdalena arrependida, magnifico milagre de Canova !

Pedro, que, como vencedor, havia saltado a janela e entrado, era elle mesmo que agora, dominado por este mysterio de dôr e de arrependimento, estava como subjugado diante desta imagem sublime de um virtuoso sofrimento ! O mancebo esteve alguns instantes calado contemplando esta mulher, que elle havia perdido, e a qual se queria agora salvar ! Em sim, bem que com algum custo, e não sabendo até por onde começar, Pedro rompeu o silencio.

— Em quo pensais, Narcisa ?

— No que sou.... e no que devoria ser.... respondeu a moça com voz incerta e lastimosa.

— E o que sois, e quo deverieis sor ?

— Deveria ser uma mulher justa e virtuosa, uma esposa amante e honrada, o uma mãe terna e respeitavel.... eis o que devoria cu ser ! e no entanto sou uma mulher iniqua e criminosa ; uma esposa desleal e infame, o uma mãe desamorosa e desprezivel.... Eis o que sou ! Podia pois ser tudo quanto uma mulher pôde ser do grande, do nobre e do santa ! o não seu mais do quo o quo uma mulher pôde ser do pequena, desprezivel o má !

— Não vos comprehendo....

— Então, inou amigo, é quo sois do mui dificil comprehensão !

— Não, não vos comprehendo ! ... Pois vós não amais vossa filha ? !

— A mulher casada que ama seus filhos jámais põe olhos amorosos em um homem que não seja seu marido, o pai de seus filhos.

— Mas, Narcisa, uma mudanca tão repentina....

— Tardei, bem o vejo.... mas ainda assim o tempo, qualquer que seja, é sempre propicio para o arrependimento e para emenda !

— Será possivel que vós, tão altiva, de um espirito tão forte, vos deixeis vencer por prejuizos ridiculos e grosseiros ?

— Meu amigo, a Deus nada é impossivel. Tenho ouvido ao padre Chagas fallar não poucas vezes da bondade e misericordia de Deus.... Que vos admira pois ? Magdalena converte-se e chora suas culpas aos pés do Salvador ; Dimas o reconhece sobre a cruz, e roga-lhe que se lembre delle ; Paulo torna-se defensor da fé, e seu apostolo, de perseguidor que antes havia sido.... Não poderia pois descer tambem sobre mim um raio da divina graça ? !

— Oh ! oh ! e esse raio não vos queimou ?

— Sim, queimou-me.... e queimou-me tanto, que fez-me insensivel aos vossos motejos....

— Ora falemos serio.... isso não passa de gracoje ?...

— Pois falemos serio. Sr. Pedro, quando eu era menina acreditava que existia um Deus, e o acreditava de todo o meu coração ; porque se meu pai algumas vezes o negava, ou a sua providencia só o fazia nos momentos de sua desesperação ! Ele nunca me havia ensinado systematica e methodicamente que tudo quanto existe era obra da natureza ; quo nossa alma morria com o nosso corpo, e que a esta vida seguia-se o nada do sepulcro ! Eu não sabia que o infinito era este espaço immenso que nos cerca, e que a eternidade era o eterno nada da sepultura ! Criança, era bem desculpavel em mim o desvanecimento de minha formosura ! criança, e me julgando formosa, era bem desculpavel om mim a minha ambição de riquezas ! Uma sábia e bom dirigida educação me teria curado destes defeitos : apesar porém delles, Sr. Pedro, eu acreditava no que hojo outra vez acrediito ; isto é, na imortalidade de minha alma, na existencia de um Deus julgador, que premia os bons e castiga os maus ! acreditava, e esta crença, longe de ser um fardo para minha alma, era uma doce consolação e uma feliz esperança : assim minha mãe m'o havia ensinado, e como m'o havia ensinado, de Deus e

só de Deus eu esperava tudo ! e apezar da minha ambição, era feliz nas minhas crenças, porque tinha esperanças ! Deus é sempre justo : elle quiz castigar-me por haver eu admittido em minha alma uma doutrina perniciosa e funesta ! Deus pois me castigou por meio de minha ambição : fez-me rica, e bem depressa a sociedade das riquezas e dos prazeres trouxerão-me o enojo ! Lançada no caminho da desordem e do crime, não vi senão minhas riquezas, não ouvi senão meus caprichos, não segui senão meus prazeres ! Quando porém acreditava que só eu, que só meu complice sabíamos dos meus desmanchos e indignidades, eisque, como por um encanto, assoma ante meus olhos um fantasma, um demonio, um.... que sei eu?! um bom ou máo genio emfim, um ente incomprehensivel como Deus ! indecifravel como a vida e a morte ! e mysterioso como o tumulo ! e feiô como a nuvem da borrasca, troveja sobre mim como a voz da tempestade ! A esta voz terrível, medonha, e profunda como a voz do raio, despedaça-se a meus olhos o véu do passado, e um quadro de sangue sobre um fundo negro debuxa-se diante de minha alma ! era a historia dos meus antepassados, desde o meu bisavô até meu pai ! e nessa historia de infamias, de vicios e de crimes, eu sou forçada a ver sempre, e em tudo e por tudo, o dedo da Providencia ! Este fantasma, este ser mysterioso, narra-me depois a minha historia desde o berço até hoje ! Elle lança-me em rosto os meus crimes, mostra-me a mancha da ingratidão que negreja sobre a minha fronte, anuncia-me a maldição celeste, e desapparece, deixando-me anniquilada debaixo do peso de meus crimes e desta maldição funesta ! Volto depois a mim ; minha alma carecia de consolação, meu coração de esperanças, e ambos de socorro.... mas ah ! busca-los onde ? A verdadeira consolação existe na religião, e eu a tinha esquecido ! a verdadeira esperança só vem de Deus, e eu o havia expelliido do meu coração ! E se minha alma se lastimava sem consolação, se meu coração gemia sem esperanças, de quem me soccorreria que pudesse sustentar-me a vida ? Oh ! a vida pareceu-me então odiosa ! Odiosa, porque minha alma não tinha com que torna-la soffrivel, nem meu coração com que amenisa-la ; porque o universo era arido a meus olhos, e o céo mudo para minha alma ! Ah ! meu amigo, vós não podeis comprehendender os martyrios de um coração sem esperanças ! Um coração sem esperanças é mais triste que o naufrago que luta

com a morte entre as ondas, vendo tão longe a terra da salvação ! é mais medonho que os campos chamuscados por continuas seccas ! é mais desolado que uma casa de familia sem pão e sem meios de o haver ! E porque não havia para mim nem consolação nem esperanças ? Porque sobre a minha cabeça eu não via mais que a infinitade do espaço, negação de toda a esperança ! e debaixo de meus pés a eternidade do tumulo, negação de todo o consolo ! Sem Deus e sem esperança, sem religião e sem consolo, afflita e desolada, quero acabar com uma vida cujo peso me era por demais insupportavel ! quero... mas um raio da divina graça desce sobre o meu coração.... precipitada vôo ao oratorio, tomo um crucifixo ; e cahindo de joelhos, com elle abraçada, o banho com nuinhas lagrimas, e choro sobre elle os crimes dos meus maiores, minhas desordens e meus crimes !.... Arrependida, chorando sobre minhas culpas, eu sentia meu coração palpitar mais desassombrado, e minha alma dilatar-se ! e á proporção que meus beijos voavão sobre os pés do Crucificado, e minhas lagrimas sobre suas feridas, eu sentia a esperança penetrar o meu coração, e o consolo a minha alma !.... Oh ! como seria feliz se fôra este o derradeiro instante de minha vida ! Pedro, meu amigo, aproveitai o meu exemplo... voltemos ao seio da religião, entreguemos-nos a Deus, que só nelle se encontra a verdadeira felicidade que pôde haver sobre a terra !

Pedro, depois de um breve silencio, não dissimulando a dôr ou o tedio que lhe havia causado este discurso, solemnemente pronunciado, com um aspecto carrancudo disse :

— E vós me suppondes tão nescio, ou me julgais tão credulo, que acredite nessa apparição, ou possa ser mystificado por vossas palavras ?

— Se eu obrasse por vossa causa, respondeu Narcisa, pezar-me-hia de que me não acreditasseis ; se eu obrasse por causa do mundo, sentir-me-hia de que o mundo ~~me~~ não julgassem sincera : como porém óbro por causa de Deus e de mim propria, que me importa que me acrediteis ou não ? Tudo isso é-me indiferente.

— E porque não sois mais franca ? Sois livre, Narcisa ; vés sois livre.... nenhuma obrigação, nenhum compromisso a mim vos liga Podeis escolher novo amante. Para que tantos rodeios ? Dizei antes que, dotada de um genio vario, de um animo mudavel, e de um coração inconstante, aborrecida do meu amor e de minha ternura, quereis ensaiar novo amor, e experimentar novas caricias. Dizei

antes que, cançada de um amante obscuro e pobre, quereis agora um amante que seja illustre e rico! Dizei antes que a vossa posição actual.....

Pedro não pôde continuar, porque, suffocado pela dôr ou pela colera, cahiu assentando-se n'uma cadeira que estava junto a uma mesa, sobre a qual deixou cahir a cabeça e os braços em signal de desesperação.

— Tendes razão de insultar-me.... a minha fraqueza vos dá esse direito.... mas se a minha quédia vos deu o direito de insultar-me, a minha desgraça devia tornar-vos mais caridoso.... Não importa, meu amigo.... aceito os vossos insultos tambem como uma expiação.

— Esta casa é frequentada por bellos e ricos mancebos, disse Pedro levantando a cabeça desanimadamente, e com um modo e tom deleixado: Benedicto, Archanjo, D. Geraldo de Pina, em qualquer delles a sorte vos depara com um amante mais bello, mais illustre e mais rico que eu!...

— Como vos enganais, Pedro! como vos enganais! D. Geraldo de Pina retira se do Rio de Janeiro logo que Rosa Branca se case.....

— Casa-se a Sra Rosa Branca ?!

— Sim, com Archanjo. A respeito destes douz suspendei os vossos juizos temerarios ou aventurosos. Benedicto firmou a sua residencia no Rio de Janeiro, onde advoga: além disto elle é filho de meu marido....

— E o que tem isso?

— Tem muito, senhor.... Se para comvosco eu fui assás leviana, jámais o serei para com um mancebo o qual olho como meu filho, por ser meu enteado! Sou uma criminosa, é verdade; mas de testo e aborreço o incesto; respeitai-me ao menos este escrupulo. Quanto a mim, irei talvez á cidade assistir ao casamento de Rosa Branca; não posso, não devo e nem quero escusar-me a este dever: voltando para minha casa, della jántais salirei.... E aqui, entre estas quatro paredes, que os devo expiar por meio de minhas lagrimas, dos meus remorsos e padecimentos.....

— Oh! é horrivel! horrivel tudo quanto tenho ouvido !

— O que é que é horrivo?

— Narcisa, no ponto on que nos achamos já não podemos retroceder.

— Podemos.... oh! so podemos!

— Não.... não podemos.... Nunca, nunca....

— E porquó?

— Porque eu vos amo como uma māi a seu filho! quero-vos como o preso a liberdade! buscos como o cego a luz! Sem vós não comprehendo a vida! Sem vós o mundo me é horroroso.... Narcisa.... Narcisa.... não posso.... não posso deixar-vos....

— E no entanto a māi, que ama o filho, perde-o, e vive! o preso, que quer a liberdade, não a alcança, e vive! o cego, que busca a luz, não a encontra, e vive !....

— E apezar disto eu não posso perder-vos....

— Tambem eu vos não pertenço, senhor....

— E' verdade!.... sim, é verdade!.... mas houve um tempo em que vós erais livre como o perfume das flôres, e eu livre como as brisas passageiras.... Então eu queria pertencer-vos como o calor á chamma, e que vós me pertencesseis como a beleza á luz!.... Vós o não quizestes.... ah! só vós!

— Mas se vós fosseis virtuosos; se me tivesseis ensinado a amar a Deus e a virtude; se me tivesseis feito conhecer que a unica felicidade que há sobre a terra é a virtude.... eu vos pertenceria sem duvida. Ah! Pedro.... e como não seria eu hoje tão feliz!

— Mas já agora....

— E' preciso separar-nos....

— Não posso....

— E vós outros, os homens, nos chamais fracas! e julgais vós que tambem eu não soffro? Vós fostes o primeiro homem que me fallastes de amor, vós me inspirastes as suas ternuras, vós me ensinastes as suas caricias! vós me ensinastes a contar as palpitacões do meu coração, porque o ensinastes a palpitá de outro modo! vós dirigistes os vòos de minha alma, porque lhe emplumastes as azas do amor! e meu coração, que vós ensinastes a palpitá, regulava as suas palpitacões pelas palpitacões do vosso coração! Minha alma, que vós ensinastes a voar, voava docemente só para junto da vossa! Vós fostes o primeiro homem ao qual amei sobre a terra; e sobre a terra (vós o dissetes) não ha mais que um verdadeiro amor! Este amor nobre, puro e supremo, é uma revelação dos mais bellos sentimentos de uma alma ainda innocent! A pessoa a qual pela primeira vez amamos, se jámais podemos deixar de amar, como poderemos aborrecer, ou ainda esquecer?! Nem a morte pôde tanto! Esquecidos por essa possoa, nosso corpo pôde pertencer a outra; mas nosso coração.... nunca, nunca! Morta essa possoa, sua alma pertence a Deus, seu corpo á terra, e sua memoria ao coração que a amará com

esse primeiro amor de candura e de innocencia ! Vêde pois como vos amo ! mas já não é possivel continuar neste amor criminoso ! De hoje em diante amar-vos-hei com um amor de irmã, com um amor puro e santo ! e antes quero morrer que sahir deste proposito em que me acho firme.

— Narcisa.... eu não posso perder-vos....

— E vós, os homens, nos chamais fracas ? ! Como ! eu pobre mulher, tão fraca, tão mesquinha, tão desacompanhada, posso um sacrificio, e vós não o podeis ! Onde a vossa fortaleza, a vossa philosophia, a vossa coragem e constancia ? onde pois ?

— E' porque não amais como sois amada....

— Meu amigo, a vontade pôde tudo.

— Se a vontade pôde tudo, é minha vontade não deixar-vos. Amo-vos com um amor frenetico, estremecido e ciumento ! A lembrança de um rival, e rival feliz, me atormenta e me mata.... Ou minha, e sempre minha, ou de ninguem mais.... Escolhei....

— O que !

— Ou minha, e sempre minha, ou de ninguem mais....

— Eu antes quero morrer que continuar a viver criminosa como até aqui tenho vivido.

— Narcisa... ou minha, ou a morte... Decidi....

— A morte....

— Não temeis ?...

— Matai....

— Vêdes este ferro ? dizia Pedro mostrando-lhe uma aguda e comprida faca que naquelle momento tirára da bainha. Vêdes, Narcisa ?

— Matai....

— Pois morre.... Nem minha, e nem de ou-trem....

E dizendo estas palavras ergueu o ferro sobre o coração da desgraçada, que, não fugindo ao golpe, não oferecendo resistencia, nem balbuciando uma syllaba, desviou apenas a vista do ferro que lhe ia romper as entradas, e cortar-lhe o debil fio da vida !

Pedro, dizendo as palavras que lhe ouvimos, descarregou o golpe sobre o peito de Narcisa.



CAPITULO VIII.

SABEMOS NO'S O QUE DEUS TERÁ DE FAZER DOS NOSSOS DESTINOS ?

Prégai como quizerdes, que se a vossa vida não for pura, os vossos ouvintes motejarão de vossas pregações : fallai porém pouco, e exemplificai muito por meio de uma vida pura, e vereis que os vossos exemplos podem muito mais que milhares e milhões de livros de moral.

Não ha uma palavra com que possamos classificar esta acção de Pedro ! Com efeito, era levar a malvadeza muito longe ! mas qual será a malvadeza de que um homem não seja capaz ? quando principalmente esse homem desconhece Deus, nega os premios e os castigos da outra vida ?

Não obstante o que deixamos dito, não nos precipitemos, quero dizer, não julguemos Pedro sem vê-lo consummar a sua abominavel acção : conservemo-nos por mais tempo no quarto de dormir da desgraçada e bella Narcisa, e ahi vejamos como acaba esse drama pathetico, cujo remate, segundo vimos, parece ser posto pelo punhal da tragedia.

O narrador disse no capítulo anterior que Pedro dizendo — morre — descarregou o golpe no peito de Narcisa ! e assim foi; mas voltando rapidamente a faca no ar, descarregou um mui fraco golpe no peito da moça com o cabo da faca. Narcisa nem se furtou ao golpe, nem balbuciou o mais ligeiro monossilabo ! Pedro, espantado diante de tanta coragem, dedicação á virtude, e abnegação á vida, recuou alguns passos, dizendo :

— Com efeito, Narcisa ! vós não me enganáveis !...

— E vós supunheis isso ? disse a moça voltando lentamente o rosto para elle. A minha resolução está tomada.

— E nada vos pôde demover della ?

★

— Nada.

— Ora vejamos.

— Pois vejamos.

— Pelo que tenho notado, á vista do que entre nós tem occorrido, creio que hoje não vos importais com a vossa vida, e nem com cousa alguma do mundo ; o vosso maior cuidado é a vossa reputação : não se vos dá de perderdes tudo, contanto que a vossa reputação fique intacta ; e assim deve ser. Vós deveis fazer tudo para conservar uma reputação brilhante aos olhos do mundo, amavel aos olhos de vosso marido, veneranda aos olhos de vossa filha, e respeitável aos olhos dos que vos conhecem de perto e que vos amão. Morrendo vós com essa reputação, vossa memoria será respeitada pelo mundo, abençoada por vosso marido, querida por vossa filha, e estimada pelos vossos amigos. Ora, creio que tenho adivinhado o vosso pensamento....

— Pedro, a reputação que ainda gozo eu não a mereço, mas visto que o mundo m'a concede, justo é que eu a vele.

— Mas, visto que vós vos tendes dedicado toda a Deus, convém que sejais sincera, isto é, que appareçais aos olhos do mundo tal qual fostes e tal qual sois ; tudo o mais é uma impostura. Quanto mais publicos forem os vossos crimes , tanto maior será a vossa humiliação, tanto mais

siucero o vosso arrependimento, e tanto mais fervorosa a vossa penitencia. Quero então tambem lançar uma pedra na obra da salvação de vossa alma. Amanhã todos saberão dos nossos amores! amanhã eu mostrarei a todos as vossas cartas! amanhã todos saberão das vossas entrevistas! amanhã explicarei a todos qual foi a vossa visão na vossa horta! amanhã emfim vosso marido saberá que mulher posse....

— Comprehendo a vossa ironia, senhor, é amarga, é dolorosa! Dessa maneira vós me perdeis, é verdade, mas vós vos perdeis também.

— E que me importa? Perca-me eu muito embora, perca-me, contanto que vós vos percais comigo....

— Eis o quo são os homens! Os homens, nossos senhores! Os homens, que se arrogarão o direito de dirigir-nos e governar-nos! Os homens, que unicos se collocarão á frente da sociedade! Os homens, que regulão nossos destinos e decidem de nossa sorte! Os homens, que nos chamão fracas, e nos negão juizo prudencial! Os homens, que nos usurparão o bem mais doce, a liberdade! Os homens, para quem somos um traste, um traste apenas!!! Eis o que são os homens! Escravos de nossos encantos, porque contão que uma mulher ou mais cedo ou mais tarde, pela lei natural, se ha de inclinar a um homem, abatem-se diante de nós, beijando servilmente o pó da terra calcado pelas solas dos nossos sapatos! Humildes ainda mais que o mais vil de todos os escravos, rojando a nossos pés como uma serpente domestica, sem alma, sem brio e sem pudor, não se péjão de por uma felicidade cumprarem nossas vontades, ainda as mais caprichosas! e estes pygmeus de nossas camaras, estes despreziveis heróes de theatro, sahem de junto do nós cobertos com o pó que nossos pés levantarão, para, se transformando em gigantes, irem dirigir os destinos de uma sociedade de milhões de homens! Voltão a nossos pés, a phantasmagoria desapparece, ou antes o fingimento; e a natureza simples e nua ali se releva! O gigante da sociedade volve-se a pygmou debaixo do nossos olhos, ou antes o homem, esto ser orgulhoso, atrevido o impavido, não é omi nossa presença mais quo um ligeiro e desprezivel insecto! Esto cão fraldeiro, aponas obtem uma graça nossa, desconhecido e ingrato transforma-se em nosso senhor, é erige-se em nosso juiz! o abusando de indignos direitos usurpados sobre nossa fraqueza physica, trovejava sobre nossas cabeças as

suas proprias vilezas! E quando um dia queremos ser livres, queremos usar de nossos direitos, nos diz com o derradeiro insulto: « Sois uma mulher deshonrada! a vossa reputação depende unicamente de mim! e, ou aceitar minha lei, ou cahir na infamia! » Traidor, homem vil, se tu não fôras e os teus criminosos discursos, se tu não fôras e os teus abominaveis conselhos, eu viviria na paz domestica, gozando o innocente prazer desses aureas dias de uma adolescencia feliz! Quem destruiu o socego de meu coração? quem me arrebatou a paz de minha alma? não foste tu? Dirigindo-me a teus fins, aproveitando-te habilmente de minha fraqueza, e servindo-te de minha ignorancia, tu me instruiste na estrada do atheismo, arrancando Deus do fundo de minha alma! tu me guiaste pelo caminho da libertinagem, destruindo em meu coração os santos e salutares principios da religião e da virtude; e anniquilando em mim estes supremos principios de toda a virtude e de toda a moral, conduziste-me dest'arte pela hedionda senda do crime e do vicio! Dize, não foste tu quem duas vezes me perdeu? Tu me ensinaste a não temer um Deus, que não existia, dizias tu! Tu me ensinaste a nada temer ao depois da morte; porque á morte seguia-se o nada, dizias tu! Eis a minha primeira perda! Depois, lisongeando as minhas fraquezas, inflammando as minhas paixões, tu me fizeste cahir nos laços de teus conselhos e de tuas seduções! eis a minha segunda perda! Não contente, queres pela terceira e ultima vez perder-me, propalando as minhas desordens! Oh! que se eu pudesse deixar de amar-te neste instante, eu te odiaria como os anjos odeiam aos demonios! Vai-te!... Ainda bem: tenho ainda uma porção de veneno que tu me déste para matar a uma mulher virtuosa... Graças, graças, meu Deus! que ao menos mais este crime não teve logar! Vai... Amanhã propala meus crimes por toda a parte. Amanhã eu serei o objecto dos risos e motejo de todos! Amanhã terás tu mais um crime! Amanhã haverá mais um marido desgraçado! mas as tuas palavras de horror, os risos e motejos do mundo, o teu crime, o ressentimento de meu marido, cahirão apenas sobre um cadaver; porque sobre o leito em que hoje se deitar Nareisa, amanhã não apparecerá mais que seu misero cadaver!

— Como! quereis suicidar-vos!

— Quero.

— Bravo!

— Os vossos motejos mo encontrão tão impensivel, como os vossos insultos!

— Oh! pois não hei de motejar! Toda voltada para Deus, toda beatá, e quereis matar-vos?! Não sabeis que a religião christã prohíbe o suicídio? não sabeis que vos matando lançais vossa alma no inferno?

— Tendes razão, senhor; e eu vos agradeço o serviço que me acabais de fazer! por elle eu vos perdão todos os males que me haveis feito, todos os vossos insultos, e as vossas irrisões e motejos.... Mas Deus me acudiu com um melhor alvitre....

— Então qual é?

— Lançar-me-hei aos pés de meu marido logo que elle chegue, contar-lhe-hei eu mesma os meus desmanchos, minhas faltas e meus crimes! Onde maior humiliação! O offensor aos pés do offendido confessando-lhe a offensa elle mesmo! O réo aos pés do seu juiz pedindo elle mesmo a sentença! E se meu marido nessa occasião não tiver bastante animo para matar-me, terei eu bastante coragem para a seus pés morrer de vergonha....

— Basta.... mulher extraordinaria! mulher sublime! Cahir como tu cahiste é uma trivialidade; mas erguer-se como tu te ergues é uma maravilha nova na historia dos arrependimentos! Antes nunca tiveras cahido! mas se não tiveras cahido não te erguerias acima do teu sexo com tanta sublimidade! Cahida, ainda te amo! Erguida, eu te adoro! Que assombro! eu mesmo me desconheço! Que facto é este que me impõe e me força a um culto, cujos sublimes mysterios meu coração havia sempre desconhecido e negado! Não é pois a virtude uma palavra vaga! ella existe! e a virtude em uma mulher reveste-a de um carácter inteiramente supremo! Narcisa, de hoje em diante eu respeitarei as vossas resoluções como decretos da natureza! eu amarei o vosso arrependimento como meu proprio! eu o juro por vós, eu o juro por Deus!

— Por Deus! E vós acreditais em Deus?

— E como não acreditar se eu vos vejo!

— Não vos comprehendo....

— A vossa visão foi um aviso de Deus! O vosso arrependimento uma inspiração! A vossa dedicação á virtude, a vocação de um Paulo! A vossa abençoação á vida, a dôr da Magdalena! E em todos os vossos pensamentos eu não vejo senão uma revelação de Deus. A meu pezar sinto dentro de mim uma força superior á minha razão, que me domina e me arrasta! que me impõe um culto por mim desconhecido até hoje! que me força a admirar-vos como uma mulher sublime! que

me obriga adorar-vos como uma idéa de Deus que se revela em minha alma! E' pois verdade... Não é a virtude uma palavra vã, nem seu poder uma chimera! Certo do meu triumpho eu vinha para dominar, e vindo, como dominador, sou eu o vencido, sou eu quem aceito a lei do vencedor!

— Ah Pedro! se as vossas palavras fossem sinceras!...

— Não o duvideis, Narcisa. O meu procedimento de hoje em diante provará tudo quanto tenho dito neste momento.

— Pedro, seria horrível enganar uma mulher desgraçada.

— Se eu vos enganasse, querendo de novo vos arrastar aos crimes, contra as minhas desordens, em favor da vossa virtude, adquiriríeis sobre a minha vida os mais incontestáveis direitos. A minha morte seria então um bem para a humanidade, porque purgaveis a terra de um monstro de espécie nova. Se eu vos enganar, mandai assassinar-me, mandai, que esse assassino em vez de condenar-vos diminuirá uma parte de vossas culpas.

— Pedro, se vós sois sincero, eu já não sou desgraçada....

— Nem vós o sereis jámais! Eu velarei por vossa reputação como pela reputação de minha filha de minha mãe, ou de minha irmã! Eu procurarei fazer o bem em tudo e por tudo! A minha bolsa ficará de hoje em diante franca aos pobres e aos desvalidos! Eu buscarei viver tão puro de hoje em diante como tenho até aqui vivido criminoso; porque a verdadeira penitencia é a emenda da vida!

— Pedro, Deus abençõe as vossas palavras.

— Mas dizei-me, Narcisa, se Deus chamar vosso marido primeiro que a vós, que fareis de vós?

— Encerrar-me-hei nas paredes de um recolhimento, e....

— Não, Narcisa, não é preciso isso para se viver com virtudes. Uma mulher arrependida e virtuosa, que vive no mundo cercada de todas as tentações do seculo e a todas vencendo, está mais à prova que a mulher do clauso; ella deve ter mais meritos aos olhos de Deus! Fui eu, Narcisa, quem vos ensinou doutrinas perniciosas e abomináveis! fui eu quem vos seduziu! fui eu quem vos ensinou a pecar! Devo tambem ser quem vos guarde e defenda! Se juntos peccamos, juntos expiemos os nossos peccados! Se juntos fomos felizes ou desgraçados, felizes ou desgraçados vivamos um dia juntos! Ao lado um do outro choremos as nossas lagrimas, e corrão sobre ellas confundidas as nossas lagri-

mas ! Ao lado um do outro estudem os meios de sermos cada vez mais virtuosos, e de fazermos o bem que pudermos ! Se o amor ligou nossas faltas, o arrependimento ligue tambem a nossa expiação. Se a doçura do amor ligou-nos por poucos dias, ligue-nos tambem o amargor do remorso e do arrependimento.

— Ah Pedro ! as vossas palavras não erão sinceras...

— Porque ?

— O que vos faz assim fallar são os bens que possuo.....

— Enganai-vos, Narcisa. Rosa Branca casa-se; logo que ella o fizer tomará conta de seus bens, que em poder de vosso marido existem. Se vosso marido morrer primeiro que vós e eu, vós fareis logo inventario, os bens da vossa filha são sagrados para vós. Da metade que vos ficar, como meieira de vosso marido, disponde em favor de vossa filha e em favor dos pobres ! Nem um acto de arrependimento e de abnegação será mais brilhante que este ! Quanto a mim, deixarei a vida que tenho, vida bem pouco idonea aos nossos virtuosos fins. Arrendarei uma pouca de terra, e ahí cultivarei o terreno com minhas proprias mãos, e comerei o pão amassado com o suor de meu rosto, e é o que

vos espera ! Nesta abnegação das riquezas, nessa voluntaria pobreza, a nossa virtude será mais acrysolada, o nosso arrependimento mais sincero, e a nossa dôr mais profunda. Quereis, Narcisa ?

— E que sabemos nós do futuro, meu amigo ?

— Nada. Tambem isto é tudo hypothetico : é se nós sobrevivermos a vosso marido !

— Se isso acontecer, então resolvêremos.

— Não : se isso acontecer, já estamos resolvidos.

— E no caso que isso aconteça, sabemos nós o que Deus terá de fazer dos nossos destinos ?

— Nós só fallamos contando com o que está em nosso poder.

— Pois bem, Pedro ; seja assim se Deus o permitir.

— Adeus, Narcisa.... Adeus.....

— Adeus....

Pedro sahiu pela mesma janella. Narcisa fechou-a, e vendo-se só, cahindo de joelhos com as mãos postas, exclamou :

— Meu Deus ! vós sabeis como o amo ! Amo-o como um coração de mulher pôde amar ! mas vós me dareis forças no meu arrependimento. Meu Deus ! reparti com a sua alma o arrependimento de minha alma ! guiai seu coração pelo caminho da virtude, e seus passos pelo caminho da santidad !



CAPITULO IX.

PEDI A ARCHANJO MUITO POUCO.

Aquelle que durante a sua vida faz guerra ao ocio e ás procrastinações, de modo que em raso campo expõe os seus negocios claros e limpos, entre a herança que tem de deixar aos seus herdeiros, a mais preciosa, e que elles melhor desfructão, é a paz !

Baptista chegou á casa de Renato, ao qual achou enfermo, mas não grave ; não obstante, elle tinha um presentimento terrível, e dizia que se approximava o seu fim. Baptista tratou de o dissuadir deste presentimento, e de distrahi-lo ao mesmo tempo. Depois de uma ligeira conversação a este respeito, disse Renato :

— Baptista, tenho que pedir-vos um obsequio.
— Fallai : se estiver em minhas mãos contai que estais servido.
— Obrigado. Eu o contava de antemão.
— Então de que se trata ?
— Sereis capaz de não negar-me uma cousa que vós sabeis ?
— Se eu sei, e vo-lo puder dizer sem comprometimento, digo-vos.
— Creio que não ha comprometimento, ao menos em dizer-me.
— Então fallai.
— Pois o obsequio que tenho que pedir-vos é que me digais se Archanjo casa-se com vossa filha.
— Não ha mysterio algum nisso. Pensei que Archanjo já vo-lo havia dito.
— Então é verdade ?
— Sim, é verdade.
— Então vossa filha já vos foi pedida por Archanjo ?
— A fallar-vos a verdade não foi Archanjo quem

m'a pediu. Rosa, minha cunhada, sempre teve desejos que Archanjo se ligasse com Rosa Branca. Todavia Archanjo sempre a amou ; mas quem fez este casamento definitivamente foi meu sogro, que tambem nutria o mesmo desejo.

Em seguida Baptista contou a Renato tudo quanto se havia passado sobre sua filha, sendo que de algumas cousas já Renato sabia. Concluida a historia, disse Baptista :

— Mas então ha alguma novidade ?
— Não.
— Não é de vosso gosto este casamento ?
— Como, Baptista ! Pois eu me houvera desgostar de Archanjo ligar-se á vossa filha ? á neta do amigo de meu pai e meu bemfeitor ! a uma familia á qual já a amizade e gratidão me havião ligado !
— Mas noto em vós alguma estranheza....
— Sim. Sabeis que eu tinha vontade que Archanjo se ordenasse. Todavia não lh'o impuz ; mas pedi-lhe que se se quizesse casar, ao que me não opporia, o fizesse ; mas com a unica condição de que não tratasse casamento algum, fosse com quem fosse, sem minha prévia participaçao. Bem vêdes que pedi a Archanjo muito pouco, e elle me não fez a vontade nisso.
— Talvez por ser com minha filha : não obstante, fez mal ; não o dissimulo. Comtudo conto tanto

com a vossa generosidade, que estou certo que lhe perdoareis essa falta.

— Ah! por sem duvida.

Renato pediu a Baptista para com elle ver certos papeis e certas contas ainda pendentes, e que erão do tempo em que elle negociava para Minas. Ambos revistároa estes papeis, arranjároa estas contas, e Renato poz todos os seus negocios claros. Esta operação durou até á madrugada; que foi quando Baptista saiu.

No outro dia Renato despediu dous portadores, um para Cabo-Frio para trazer o tabellião assim de fazer o seu testamento, e outro para a cidade com duas cartas, uma para o padre Chagas, e outra para Archanjo. Esta era assim:

« Meu filho. — Campos-Novos, 21 de maio de 1742.— Depois que daqui sahiste tenho-me achado um tanto indisposto, e este incommodo continua rapido e assustador. Entretanto quero que te não assutes; mas supponho que se approxima o termo de meus dias. Seja ou não assim, peço-te que logo que esta receberes venhas ver-me. Pendem entre nós negocios muito e muito serios, e da ultima ponderação: deste negocio depende a paz de minha alma no outro mundo, onde não tardarei a aparecer, e a tua tanto neste como no outro. Segunda vez te recommendo: quero que te não assutes, nem o negocio é para isso.

« Nesta mesma data escrevo ao Rev. Chagas para que venha comtigo. Sei que está velho e cansado; mas é velho nascido em um tempo mais feliz que o nosso, e por isso está forte e muito mais robusto que eu. A sua presença me é absolutamente precisa, e sem elle nada poderemos fazer. Elle que tenha paciencia; e por suas tantas virtudes, e por mais este favor feito a um moribundo Deus o premiará, que aos homens fallecem meios para tanto. Tem paciencia, meu filho, e perddá as exigencias de um pobre velho. Recebe a benção de teu pai. — Renato. »

Isto leu Archanjo na carta que lhe entregou um escravo de seu pai, portador della. O padre Chagas na que recebeu leu isto:

« Meu respeitavel pai. — Campos-Novos, 21 de

maio de 1742. — Estou doente, e creio que muito. Nesta data escrevo a Archanjo, chamando-o, porque preciso muito e muito fallar-lhe. Se vossa reverendissima quizesse vir em companhia delle..., far-me-hia muito feliz. Parece-me que minha alma não se salva sem antes de morrer ver-lhe e fallar-lhe. Sei que isto ha de ser-lhe difficult, mas é mais um sacrificio que faz por mim, e quem sabe se o derradeiro!

« Pelo portador mandar-me-hadizer, se o quizer, quando deverei mandar-lhe a condução e mais para Archanjo; pois não mandei já na duvida de quando poderão vir.

« Apresente, faça-me esta graça, as minhas recomendações a Rosa e a Rosa Branca, das quaes tenho saudades.

« Adeus, meu pai. Abençõe o seu filho. — Renato. »

Tres dias depois chegou o tabellião. Renato inutilisou um testamento que ha tempos já tinha, e ditou outro ao tabellião. Neste novo testamento, elle, depois de algumas disposições em favor de sua alma, como esmolas, missas, etc., e algumas em favor das almas de seus pais e sua mulher, instituiu por seu universal herdeiro a Archanjo Renato! e o mesmo Archanjo Renato por seu primeiro testamenteiro, o Rev. Chagas segundo, e Baptista terceiro.

Seis dias depois voltou o portador que levára as cartas ao padre Chagas e a Archanjo, trazendo em resposta a Renato que mandasse a condução; mas Renato não mandou senão um mez depois. A razão desta demora é por lá se haverem espalhado pela fazenda de Campos-Novos e seus arredores sinistros e assustadores boatos de salteadores. Dizia-se que algumas pessoas havião sido acometidas; que Justino, o socio de Pedro, fôra espancado e roubado; que um viandante que seguia para Campos fôra assassinado. Entretanto perguntado um ou outro dizia: « Eu não os vi; eu ainda não fui roubado; eu ainda não soffri cousa alguma. » Mas todos, todos fallavão em salteadores, e todos os temião!

CAPITULO X.

HOMEM OU DIABO !

A maior de todas as calamidades que nos pôde acontecer no decurso de nossa vida é o termos um máo amigo, e sem a menor reflexão seguirmos os seus conselhos , acreditando sempre em suas palavras !

Pedro, tendo chegado á sua casa, depois da ultima entrevista com Narcisa, não pôde conciliar o sonmo o resto da noite.

Aquele coração libertino, aquelle coração de ateu, esmagado pelas palavras de dôr de uma mulher arrependida, sangrava o putrido sangue das paixões, debatendo-se entre a virtude e o vicio, como o usurario aferrado á vida nos ultimos momentos da existencia, não podendo resolver-se a morrer, com os olhos embebidos em seu thesouro que deixa, thesouro que de nenhum bem lhe foi, e antes de mal, debate-se horrivelmente entre a vida e a morte, amando em extremo quella, e temendo em demasia esta!

A mudança era tão repentina, que toda a emenda não podia ser operada de um jacto ! Não obstante, ante os olhos do mancebo adejava constantemente uma imagem solemne, que lhe pungia o coração e lhe impunha o arrependimento ! Era Narcisa abatida pelo crime, e altiva pelo arrependimento ! Era uma rainha virtuosa , mas sem throno, humilhada pela sua quēda, e sublime pela sua virtude !

Essa bella imagem, que a dôr havia tornado sublime, estava diante dos olhos de Pedro, mages-tosa como uma alma que, desenganada do mundo, tem posto toda a sua confiança em Deus, desprezando o mundo e seus arestos, sem se importar com a justiça ou injustiça delles ! Essa bella imagem, trovejando sobre sua cabeça a absolvição de seus crimes, ou sua condenação eterna, vagava sempre ante seus olhos, solemne como um ministro de Deus !

Pedro estava abalado, commovido, e quasi mudado ! Agora ponde junto delle um homem, que a mudança será completa.

Pela manhã Justino disse a Pedro :

- Com efeito !
- Então o que é ? perguntou Pedro.
- Vieste zangado esta noite.
- Não, mas triste.
- Sim ? ! E pelo que ?
- Se a visses, Justino ! Oh ! se a visses ! ..
- Então o que tinha ella ? Estava vestida de ouro ?
- Oh ! como era grande !

- Então cresceu mais esta noite, heim ?
- Tu não podes fazer idéa ! não podes... .
- Pois enfão que diabo tinha ella ?

Pedro contou a Justino, minucioso o mais que pôde, tudo o quanto se hayia passado entre elle e Narcisa. Pedro não omittiu a menor circunstancia, acabando por dar a entender ao seu amigo que estava resolvido a fazer tudo quanto tinha promettido a Narcisa. Finda esta narração extensa e animada, Justino soltou uma estrondosa e galhofeira risada... . Pedro, um pouco enfadado, perguntou :

- De que te ris ?
- Porque acho graça, tornou Justino.
- Mas graça em que ?
- Em tudo quanto disseste.
- Pois isto ó negocio para rir ?
- Então querias que fosse para chorar ?
- Mas o que achaste nisto que te provoque o riso ?
- Tolo... basbaque... pedaço d'asno !...
- Oh ! essa é boa !
- E's um pabulo, meu Pedro, és um pabulo....
- Pois explica-te.
- Lá vai. A Sra. Rosa Branca casa-se com o Sr. Archanjo ?
- Casa-se.
- Bonita mulher leva o tal patife ! Ora, casando-se ella, perco eu todo o interesse que nesse negocio tinha, não julgas ?
- E' verdade.
- Então já vês que tudo quanto vou dizer é unicamente pelos teus interesses.....
- Concordo.
- Ora bem. Tu ouviste dizer (pelo menos por ali se rosnou) que no dia do casamento de Narcisa um velho, ou um diabo, entrará em casa de Baptista, e que diante de algumas pessoas lançará em rosto ao pai da noiva algumas travessuras feitas lá pelo Oriente por ella, seu pai e seu avô : olha como a cousa vem tão detrás ! Já vês que a Sra. Narcisa não é lá muito inferior aos seus maiores em suas bellas gentilezas ; não é uma moça do espirito, mas é facil e bella. E' claro que assim como nós por cá por fóra sabemos disto, que ella, a Sra. Narcisa, tainben o saiba.
- Mas ella não me fallou nisso.
- Mas tu lhe perguntaste ?
- Não, é verdade.
- Isso é que foi *mazella tua*. Vamos adianto. Narcisa ha de lembrar-se disso algumas vezes, e até

porque as taes travessuras dos seus maiores não são couças para que se esqueçam tão de prompto. Depois, ella mesma, por espirito de emitação aos seus, tambem tem feito algumas travessuras ; ora, tu não dirás por modestia, mas certamente sabes delas ; e Narcisa devia muitas vezes se lembrar não só das ligeirezas de seus maiores, como das suas proprias. De ordinario, tu o sabes, nós sonhamos com aquillo em que lidamos ou pensamos ; nem podem ser outros os nossos sonhos. Deixa-a lá dizer que estava acordada ; não estava : foi á hora, lá deitou-se, e adormeceu. Ora bem : era de tarde, estava com a barriga cheia e o estomago pesado, e os sonhos dessas occasões não são lá dos melhores, são verdadeiros pesadelos. Ora, tu sabes que quando se tem desses sonhos nunca se está em um sonmo profundo, mas sim em modorra, e eis porque Narcisa diz que estava acordada. Nessa modorra pois sonhou, e viu em sonhos o que ? — um velho. Nota bem : foi exactamente um velho o que no dia desse casamento lá foi arrancar a máscara a seu pai, e contar-lhe as suas graçolas do Levante. Que disse esse velho ? Disse a Narcisa o mesmo que o tal velho dissera a seu pai, accrescentando as notas da vida de Narcisa. Já vês que este sonho coincide exactamente com um acontecimento real, passado em casa de Narcisa ; e quanto ao mais, diz respeito á sua vida, e uma e outra cousa são factos que ella deve ter muito na memoria. Ora, eis o caso naturalmente explicado.

Pedro, depois de pensar um pouco, disse :

- Ora, en confesso que os teus argumentos são bastante judiciosos : mas esse terror de Narcisa ?
- Sabes tu o que são as trovoadas ?
- Sei.
- E porque as temes ? porque descorras ao relampago, e tremes ao trovão ?
- Tambem é verdade.
- Acreditas em almas do outro mundo ?
- Eu ! Ora é boa !
- E porque se te arrepiaõ os cabellos quando de noite, e ás escuras, entras em uma igreja solitaria ou em um cemiterio ?
- Tambem é isso verdade !
- Pois então não perguntas parvoices. Os terrores de Narcisa são prejnizes da educação, que todos temos, sejam quais forem as nossas luzes.
- Mas agora o que fazer, se eu já lhe prometi tudo ?
- E bem boas que forão as tuas promessas....
- Boas como ?

—Ouve : Has de cumprir as tuas promessas, como um homem de bem que és e deves ser. Farás uma venda phantastica de tua casa de negocio a mim, e eu ficarei á testa della, e o teu negocio correrá, como até aqui tem corrido. Comprarás a casa que foi do pai de Narcisa, e arrendarás esse bocado de terra ; comprarás um ou dous escravos, e lá te metterás a cultivar tua terra. Tu tens ahi uns dez ou doze devedores, cujas dividas não passão de duas dobras ; elles estão por si mesmo perdidas, porque os pobres diabos não teem com que paguem. Tu perdoar-lhes-has estas dividas pelo amor de Deus ; e eu me incumbo de propalar as tuas generosidades e as tuas accões ; e tu, tratando a todos muito bem, dando-te ao respeito para com todos, dando o teu vintem lá uma vez por outra a algum vadio, indo á missa, ouvindo-a toda de joelhos, não comendo carne nos dias de preceito diante de ninguem, não comendo tambem diante de ninguem nos dias de jejum antes do jantar, porque dirás que jejuas ; emfim, ostentando uma vida séria e regular, farás com que as minhas palavras sejão bem aceitas de todos. Assim ficas rehabilitado no animo de Narcisa, e até santificado !.... e assim vive muita gente. Fica certo que a mór parte das probidades e das honras tão altamente nomeadas tem a sua base na ignorancia do mundo ! Eu te asseguro que ha por ahi patifes muito mais refinados que nós ; mas como levamos uma vida um pouco mais livre que elles, eis o porque parecemos mais patifes : e não obstante, ha muita gente que nos tem por homens muito honrados.

— Esse plano é magnifico, mas não me leva ao meu fim.

— E qual é o teu fim ?

— Justino, eu amo a Narcisa, como tu nem pessoa alguma pôde ajuizar.

— Acredito, mas clareza e brevidade. O que amas mais : a ella, ou o que ella possue ?

— A ella, e unicamente a ella. Quero-a só, só, sem um real.

— Asneiras sobre asneiras : mas emfim vá lá. Então queres casar-te com ella ?

— Sim, quero.

— Pois bem, com o meu plano chegas quasi ao fim ; porque Narcisa, por um excesso de terror, por prejuizos de educação, fez uma mudança de uma vida alegre em favor de uma cousa a que ella chama virtude, e cuja existencia tu por patetice, criançada ou complacencia confessaste.... bagatelas.... tambem isto é uma cousa tão pequena,

que nem merece um serio reparo. Não obstante esta mudança, ella não só te ama, como confessou que sempre te amaria. Quando se é amado de uma mulher governa-se absolutamente a essa mulh'r ; ella cumpre as vontades do homem a quem ama, e julga isso uma felicidade ; tudo está em saber esse homem satisfazer a tempo alguns caprichozinhos dessa mulher, tão pequeninos, tão desprezíveis como suas crenças. Assim, seguindo tu a norma do procedimento que te hei traçado, Narcisa te amará mais ainda se o puder. As mulheres são fatuas, e se applaudem de possuirem ; como uma conquista, aquillo mesmo que nós não queremos. Narcisa se applaudirá de tua mudança, o que ella chamará obra sua ; nessa mudança reconhecerá o teu grande amor, e então te será por todas as maneiras dedicada.

— Assim chego quasi ao meu fim : mas falta o quasi.

— Nada falta, porque o que falta é a morte de Baptista, porque morto elle, casa-se ella contigo.

— E' a certeza que eu não tenho.

— E' a certeza que eu te dou.

— Mas Baptista.... bem sei que já não é criança ; mas pôde viver ainda muitos annos.

— E pôde viver só um dia....

— Como ?

— Como ? ! !

— Sim, como ?

— Pois elle não está vivo ?

— Boa pergunta !

— Pois para morrer basta estar vivo.

— Isso acontece a todos.

— Quanto mais aquelles, cuja morte se deseja....

— E pôde esse desejo só ficar em desejo.

— Querer é poder. Tomára eu que ninguem me deseje a morte, porque então viverei tanto quanto quizer aquelle que m'a desejar.

— Já te comprehendo....

— Assim deve ser, porque eu não sou muito escuro.

— Mas isso é o que eu não aprovo.

— Tambem eu nenhum empenho faço n'isto, porque o interesse que d'ahi provirá não é para mim ; mas eu te asseguro, que se estivesse no teu caso, daqui a mezes Narcisa seria minha. Eu não sei como é quo podemos amar a uma mulher rica, e que pôde ser nossa no momento em que queiramos, e com todas as suas riquezas : e vivamos na miseria ! não sei como se podendo ser rico, viva-se pobre ! não sei como podendo

nadar, queiramos ser mandados! não sei como se podendo ter uma bella casa, magnifica fazenda, bons cavallos, muitos escravos, etc., se tenha uma miseravel tasca, sem um palmo de terra, andando a pé, e sem ter por quem chamar....

— Cala-te.... tentação....

— Sim, não sei como se podendo ter um bello nome, respeitado de todos, emfim ser grande, se viva desconhecido, desprezivel e tão pequeno!....

— Cala-te... cala-te, Justino!... não me tentes....

— Como queres que me cale, se te não comprehendo.... Como é que se pôde amar, e ser amado de uma mulher, dominada e possuida por ou-trem!!! Amarmos, e termos a certeza de que so-mos amados, e termos tambem a infernal certeza de que outrem goza os encantos e desfruenta as ca-ricias daquelle a quem amamos! Figutar em nossa imaginação as celestes delicias de um rival feliz!...

— Justino... Justino... cala-te com mil diabos...

— Delicias que custão lagrimas de sangue a um rival desgraçado em seus infernaes tormen-tos....

— Homem.... não me atormentes mais.... ca-la-te....

— Vermos constantemente o anjo que amamos nos braços de um demonio que aborrecemos.... vermos isto, e não anniquilarmos este demonio.... oh! que quem tal soffre ou não ama, ou não tem brio....

— Justino.... homem ou diabo ! ! !...

— Receiarmos a todos os instantes que esse ri-val feliz saiba de nossos clandestinos amores.... e termos a certeza que apenas sabendo bastará um seu aceno para perdermos a vida, porque esse rival é rico, porque esse rival é poderoso !... porque....

— Oh! que idéa de horror! Diabo.... diabo!...

— Porque um marido manchado por sua mu-lher busca a todo o transe lavar sua mancha no sanguê de seu rival, e com elle esconder debaixo da terra o segredo de sua affronta e deshonra!

— Tens razão ! ! ! mas nós o veremos....

Pedro, depois de um breve meditar, continuou:

— Tens razão.... meditemos com madureza, e deliberaremos.

— Pois deliberaremos.



CAPITULO XI.

ENTÃO ROSA BRANCA É MINHA PRIMA?

Os pais teem sempre razão em suas reprehensões a seus filhos, em seus conselhos, pedidos e avisos: desprezar estas cousas, é o filho insultar a natureza, e tomar antecipadamente na sociedade o logar que ainda lhe não compete; mas a natureza sempre providente vinga-se deste insulto, e a moral em nome da sociedade pune esta antecipação.

Um mez e alguns dias depois disto, tendo por alguns dias desapparecido os salteadores, chegou o padre Chagas, acompanhado de Archanjo, á casa de Renato; este, com quanto não estivesse de cama, estava todavia muito doente, e tanto que o padre e Archanjo comprehendêrão que os presentimentos de Renato erão bem fundados.

No outro dia depois da chegada, os dous foram visitados por Baptista, que com elles passou o dia, não se retirando senão de noite. Quando Renato se viu só com Archanjo e o padre Chagas, tomou-os á parte, e dirigindo a palavra a Archanjo, começou a fallar assim.

— Meu filho, era de minha vontade, assim como de tua māi, que te ordenasses; mas apezar desta vontade, que no-la satisfazendo dar-nos-hias um subido prazer, eu não te impuz a minha vontade como um preceito. Disse-te, e tu te has de lembrar que se fosse de teu gosto tomar estado, que o podias fazer; mas só te pedia que não pedisses moça alguma nem contratasses casamento sem me participares anteriormente. Este pedido era tão pequeno, e tão facil decumprir-se, que não valia a pena, meu

filho, me desobedeceres em tão pequena cousa...

— Mas, meu pai, com Rosa-Branca!....

— Meu filho, Saul prohibiu que seu exercito commesse antes de decidida uma batalha; e tendo Jonathas, seu filho, tocado em um favo de mel com a ponta de sua lança, e a levado á boca, seu pai o quiz justiçar, bem que vencedor, o que faria se não fosse o mesmo exercito. Manlio mandou justiçar seu filho por haver combatido contra sua ordem, não obstante ganhar a victoria. Quando eu te pedi que não contratasses casamento algum, nem pedisses moça sem me participares antes, eu sabia bem o que te pedia; e se isto te pedi, tinha as minhas razões, não foi um vāo capricho, nem um estulto zelo da autoridade paternal.

— Bem, meu pai, aceito humildemente a sua reprehensão. A minha humildade está primeiro que o meu amor, e a sua amizade para comigo primeiro que o meu socego. Meu pai, se é seu gosto, tal casamento jámais terá logar.

Assim disse Archanjo, e Renato tornou:

— Archanjo, promettes-me fallar com franqueza?

- Sim, senhor.
- Ainda contra mim?
- Como? se não tenho nada que dizer contra Vm.!
- Mas se tivesses, fallarias com franqueza?
- Sim, senhor.
- Jura....
- Juro por Deus.
- Desde que te entendas, e que me tens considerado como meu pai, o que tens encontrado em mim?
- Todas as qualidades que reune um homem virtuoso e honrado; todas as qualidades que reune um pai carinhoso, terno e amante.... é....
- Pois bem, meu filho, ouve um segredo.
- Posso eu ouvi-lo? perguntou o padre.
- Se elle lhe diz respeito, como não? Desejo pois que também o ouça. Vossa Reverendíssima sabe que em minha mocidade negociei para Minas. No anno de 1713 um amigo a quem tudo eu devia, e a quem nada podia, nem devia recusar, contando-me a desgraça de uma sua filha, que ia ser mãe antes de ser esposa, pediu-me o consentimento de ir a moça ter sua criança em nossa casa....
- O padre, ao ouvir estas palavras, endireitou-se na cadeira, deu signal de alguma perturbação e approximou-se mais de Renato, que, tendo neste logar suspenso a sua historia, retomou o fio della, e no mesmo tom proseguiu assim:
- Era impossível negar cousa alguma a esse homem, porque eu lhe devia tudo. Immediatamente puz a minha casa e tudo quanto tinha á sua disposição. Por este tempo minha mulher se achava gravida; mas meus negócios urgiam a minha partida; com efeito parti para Minas, tendo dado todas as providencias e instruções a minha mulher a respeito da recepção da filha do meu amigo, que era também amiga de minha mulher, o sobre minha mulher que também estava em vespertas de ser mãe! Nos fins de janeiro de 1713, como a moça esperasse ser mãe por esses dias, passou á nossa casa, que era então fóra da cidade. Eu estava fóra, ouvi bem Archanjo, e quando voltei, o que foi só quatro meses depois, foi que minha mulher narrou-me tudo quanto aconteceu. Um dia, pola volta da madrugada, a moça começou a sofrer; imediatamente minha mulher deu as providencias convenientes: orou quasi tres horas da tarde do mesmo dia quando a moça foi
- mãe de um bello menino, que, enfaixado e pensado, foi remetido a seu avô. Ora, se a pessoa que assistia a moça fosse mais senhora de sua arte, daria logo pelo phenomeno que então houve; mas ignorante, apenas nasceu o menino deu ella tudo por acabado. Entretanto a moça continuou a sofrer, foi então que se conheceu que ella ia dar á luz a outra criança, o que não aconteceu senão pelas 9 horas da noite, que foi quando a moça teve o outro menino. Minha mulher enfaixou a este com roupas que tiuha feito para seu primogenito. A moça vexou-se de mandar a seu pai este segundo menino; e neste embarço tanto a mãe como minha mulher não sabião dar-se a conselho. No principio, em falta de leite, começáram a dar-lhe agua com assucar, e assim foi indo até que a mãe pôde amamenta-lo. As duas sem se saberem resolver forão tomando amor ao menino, e os dias se forão passando. Dez dias depois minha mulher teve o seu menino, que nasceu morto. Dissipou-se a borrasca: o filho da moça ficava em logar de meu filho. Então tanto minha mulher como a moça deliberáram entre si se me devião fallar a verdade, ou apresentar-me a criança como meu verdadeiro filho. Nada mais facil, e tanto mais que a unica pessoa que disto sabia, além das duas, era a mesma parteira que havia assistido tanto a moça como a minha mulher, mas essa mulher morreu dias antes de minha chegada; estava seguro o segredo, e as duas nada tinham que temer; mas as duas preferião antes revelar-me tudo....
- E bem andárão n'isto; vos é que andastes mal não me revelando todas estas cousas, disse o padre.
- Eu não o devia fazer, senhor, pelo que Vossa Reverendíssima saberá depois. Logo que cheguei, minha mulher referiu-mo todas estas cousas, e apresentou-me o menino, adoptei-o, e folguei até de ter uma occasião de poder por este meio pagar uma diuinuta parte dos benefícios que devo ao avô do menino. Todavia lembrando-me que poderia eu ter filhos, e a adopção deste menino lesar a meus filhos legítimos, demorei por algum tempo o seu baptismo; mas ocorrendo-me depois que se tivesse eu filhos poderia em minha terça compensá-los, fiz pois baptizar o menino. Aunós depois aconteceu que a moça, mãe dos dons gemelos, veiu a casar-se, o pouco depois de seu casamento, um anno talvez....
- Monos, disso o padre; nove meses exactamente.

— Pois bom : nove mezes depois de seu casamento foi māi de uma menina. Então ella comprehendeu seriamente o quanto era melindrosa a posição de seus filhos. Firme nisto, disse-me ella um dia : « Se todos os meus filhos crescerem, é muito provavel quo a antiga amizade entre nossas famílias torne possivel, e até provavel um casamento entre meu filho, vosso filho adoptivo e minha filha, visto o mysterio que ha no nascimento do primeiro. Cumpre, Renato, que tenhais isto sempre na lembrança. » Eu a tranquillisei a este respeito. Muito tempo depois adoeceu a moça. Logo que ella se viu perigosa mandou-me chamar. Depois de exprimir-me o seu agradecimento e de recommendar-me muito seu filho, contou-me, impondu-me segredo a sua historia a respeito de seus primogenitos, e depois continuou : « Renato, eu devia ter descoberto ao padre, tanto esta historia como a historia do vosso adoptivo ; mas falleceu-me animo para tanto. Não obstante isto, tomai estas duas cartas, guardai-as ; esta, disse-me ella designando uma, contém a historia que eu vos acabo de narrar ; vós entregar-lh'a-heis quando o julgares conveniente, não marco tempo ; mas quero que seja entregue, para que o padre conheça-me perfeitamente. A outra é a historia do menino que adoptastes, e será entregue ao padre só em caso de alguma necessidade urgente : se julgares que tal necessidade não haverá, podeis queima-la. Emfim, fazei como melhor entenderdes, contanto que o façais bem. » Agora, senhor, quo impellido pela necessidade vi-me na precisão de revelar-lhe o mysterio do nascimento deste menino, aqui tem Vossa Reverendissima as duas cartas. Esta, disse Renato entregando uma, contém a historia do nascimento do menino que adoptei, historia que Vossa Reverendissima já sabe ; e esta, designando a outra, é a que contém a historia a respeito de seus primogenitos.

- Mas, perguntou o padre, esse menino é....
- Archanjo, que aqui está presente.
- Oh ! Providencia !!!
- Mas de tudo quanto tenho ouvido só posso

inferir, senhor, que não sou seu filho.... disse Archanjo.

— Sim, Archanjo, não sois meu filho.

— E que importa isso, meu pai ? Se a natureza me não fez seu filho, fez-me a desgraça do meu nascimento ! e os pais que me deu a natureza certo que me não serião mais ternos, mais amantes, mais carinhosos e dedicados que aquelles que me deu a minha desgraça ! A sua declaração, meu pai, faz aclarar, é verdade, o mysterio de meu nascimento ; mas a respeito de meu amor, ella não muda nem uma só fibra de meu coração ! Se neste momento solemne a sorte me deparasse meus verdadeiros pais, entre elles e Vm., eu não os amaria mais, nem lhe respeitaria menos. O facto de ser pai, senhor, concede a natureza a todos os viventes ; mas o facto de saber ser pai, de amar os filhos com o mesmo amor com que Deus ama aos homens dirigir os filhos pelo caminho da honra, da sabedoria e da virtude, é o facto que eleva o homem ás alturas da divindade, e que o faz adquirir sobre o coração do filho direitos a um amor imutável e titulos a um reconhecimento sem fim ! Não é meu verdadeiro pai ? e que importa ? Nunca conheci, nunca tive, nunca amei outros ; e já agora, pois que o seu coração me ha com tanto amor adoptado, porque não ha de continuar a ser meu pai ? Não tenho nem quero outro : e se Vm. tem algum filho legitimo, será mais feliz que eu, mais brilhante pelo seu nascimento, mais querido do seu coração talvez ; mas, mais amante e mais respeitoso que eu.... nunca, nunca, meu pai (Emquanto Archanjo assim fallava, o padre Chagas e Renato enxugavão as lagrimas que de seus olhos cahião.) Agora, meu pai, resta saber se o meu nascimento me torna indigno da amizade e da confiança de Baptista e do Rev. Chagas.

— O Rev. Chagas, disse Renato, é teu avô...

— Então Rosa Branca é minha prima ?

— Não.... disse o padre com doloroso accento não.... Rosa Branca é tua irmã....

Archanjo, soltando um rugido de dôr, de admiração ou de espanto, surdo, terrível, inqualificavel emfim, e tapando o rosto com as mãos, caiu sobre um canapé como fulminado !



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).